UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA – PRAC
COORDENAÇÃO GERAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Da *voz em "off"* à palavra escrita: o testemunho do corpo falante em *O Escafandro e a Borboleta*

KARYNNA M. BARROS DA NÓBREGA

Recife-PE
2017

KARYNNA M. BARROS DA NÓBREGA

Da "voz em off" à palavra escrita: o testemunho do corpo falante em *O Escafandro e a Borboleta*

Tese apresentada em banca de defesa pública pela doutoranda Karynna Magalhães Barros da Nóbrega ao Programa de Doutorado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica.

Linha de pesquisa: Psicopatologia Fundamental e Psicanálise.

Orientadora: Profª Drª Edilene Freire de Queiroz.

Recife-PE
2017

KARYNNA MAGALHÃES BARROS DA NÓBREGA

DA "VOZ EM OFF" À PALAVRA ESCRITA: O TESTEMUNHO DO CORPO FALANTE EM *O ESCAFANDRO E A BORBOLETA*

Essa tese foi julgada adequada à obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica e aprovada em sua forma final pela banca examinadora do Programa de Doutorado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco.

Recife, 06 de outubro de 2017.

1. _____
Profª Drª Edilene Freire de Queiroz. (Presidente, orientadora, UNICAP)

2. _____
Profª Drª Cleide Pereira Monteiro. (UFPB)

3. _____
Profª Drª Elizabete Regina Almeida de Siqueira. (EBP/PE)

4. _____
Profª Drª Maria Consuêlo Passos. (UNICAP)

5. _____
Profª Drª Maria de Fátima Vilar Melo. (UNICAP)

DEDICATÓRIA

Aos meus três amores─ Vida, Júlio e Lara─ por me ensinarem que, dentre lágrimas, suspiros e gargalhadas, solenemente a vida se escreve a cada instante.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer a importância do Outro. Nessa direção, reconheço que, sem a colaboração e a força das pessoas mencionadas a seguir, minha caminhada teria sido ainda mais árdua e, talvez, até impossível...

Primeiramente, agradeço a minha orientadora, Profª Drª Edilene Freire de Queiroz, por ter tracejado e me encorajado a caminhar nos solitários e complexos percursos do saber, sem me deixar perder pelo entusiasmo e encantamento. A você, Edilene, agradeço pelo apoio, disponibilidade, acolhida, sobretudo, pelo olhar sereno e atento.

Aos professores do programa pelo exemplo de dedicação e entusiasmo com a causa psicanalítica – particularmente, às grandes professoras pelo prazer e privilégio de ser aluna: à Profª Drª Elisabete Siqueira e à Profª Drª Maria Consuelo Passos. A vocês o meu singelo agradecimento.

À Profª Drª Elisabete Siqueira agradeço pela leitura atenta e pelas contribuições significativas durante a qualificação, a banca prévia e a banca de defesa, indispensáveis para a maturação e conclusão desta tese.

À Profª Drª Maria Consuelo Passos agradeço pela generosidade, sinceridade e pelas advertências durante a qualificação do projeto, a pré-banca e a banca de defesa, fundamentais para que pudesse suavizar a rigidez da escrita lacaniana.

À Profª Drª Maria de Fátima Vilar Melo pelo aceite que tornou possível um reencontro em banca: há mais de dez anos esteve presente na banca da minha dissertação: *Pedofilia em LOLITA: a escrita do desejo*. Agora, pude desfrutar, denovo, mas de maneira mais amadurecida, das suas contribuições e sugestões durante a pré-banca e na banca de defesa.

Aos funcionários do programa de pós-graduação do doutorado em psicologia clínica, sempre dedicados e prestativos quando demandados, meus agradecimentos de maneira especial aos três queridos: Nélia, Nicéias e Sérgio.

Ao colega de trabalho no departamento do curso de psicologia na UFCG bem como colega do curso do doutoradono programa de pós-graduação do doutorado em psicologia clínica-UNICAP ─ o amigo-irmão que a vida me surpreendeu e presenteou, o Prof. Tiago Iwasawa Neves, ou simplesmente, Tiago ─segue o meu agradecimento por ter tornado possível o translado Campina Grande-Recife, ter tornado as viagens mais curtas e agradáveis, entre silêncios e conversas. Agradeço por ter partilhado comigo a causa psicanalítica e a conquista desse sonho. E à esposa de Tiago, a doce Luíza, pela alegria contagiante, força e confiança depositadas.

Aos professores do departamento do curso de psicologia da UFCG (Universidade Federal de Campina Grande), uma vez que concordaram com o processo do meu afastamento integral durante o período de dois anos, para cursar o doutorado. A vocês agradeço pelo esforço na minha ausência e pelo companheirismo, visando à melhoria da qualificação do corpo docente e melhoria na formação acadêmica. A vocês, meus sinceros agradecimentos. Com certeza, retribuirei à altura, quando for necessário.

A Cleide Pereira Monteiro, minha colega durante o mestrado, no programa desta universidade, como também no departamento do curso de psicologia da UFCG, e amiga e parceira de trabalho da psicanálise de orientação lacaniana. A você, Cleide, agradeço pela generosidade, pela participação e leitura atenta e criterirosa do meu projeto de pesquisa durante a banca de qualificação, pré-banca e banca. Com você, cotidianamente, aprendi que a psicanálise e a escuta psicanalítica estão além das quatro paredes do consultório. Agradeço-lhe pela confiança e, mais ainda, por sempre poder contar com você na causa psicanalítica.

À colega e amiga-irmã Gabriella Dupim, por ter partilhado a doce e amarga tarefa de confessar o que foi o trabalho de escrita de uma tese, escutando-me quando precisava, encorajando-me quando fracassava, além disso, advertia-me sobre a urgência e o momento de concluir esta tese, para prosseguir com os trabalhos na Universidade Federal de Campina Grande e poder desfrutar e gozar da vida sem culpa. Obrigada pelo constante entusiasmo e por partilhar a causa psicanalítica.

À Dra. Glacy Gorski pelos ensinamentos psicanalíticos e pela fonte de inspiração; por todo o suporte emocional, e ter sido bússola nos momentos de dificuldade e tormenta. A você expresso a minha eterna gratidão e respeito; obrigada pela acolhida e escuta atenta ao longo de grande parte de nossas vidas.

Ao amigo escritor José Augusto Rocha agradeço por ter sido rocha quando precisei; agradeço pela escuta atenta e pela leitura disponível dos meus rascunhos, apontamentos e elucubrações, apoio fundamental para o nascimento e maturação da escrita da tese. Obrigada, Guto.

Agradeço aos meus familiares, em especial, ao meu amor, Mileno Carvalho, minha vida; obrigada pelo incentivo, pela confiança e compreensão diante de minhas ausências e angústias. As palavras são insuficientes para expressar a ternura e a gratidão que tenho, por poder tranquilamente contar com você para a realização dos meus projetos, sonhos e devaneios psicanalíticos.

A Edilva, minha mãe, mulher incansável, SEMPRE a me apoiar. Com ela dividi as durezas e as alegrias da vida durante o doutorado; ela auxiliou-me na tarefa de cuidar e educar meus filhos, Júlio e Lara.

A Cícero, meu pai, a inesgotável fonte de inspiração, pelo exemplo de amor ao saber, trajetória irretocável de dedicação à clínica e aos pacientes cardiopatas.

A minha irmã amada, Renata, pela atenção e disponibilidade quando solicitada e ao meu irmão, Saulo, exemplo de disciplina, determinação e solidariedade.

Ao meu querido tio Brás, por ter aberto as portas de sua casa e de seu coração para receber, com carinho e simplicidade, a mim, a Lara, a Juliana e a Tiago, quando precisamos ir ao Recife para realização das atividades acadêmicas durante o doutorado. Obrigada, meu querido, pela terna acolhida.

A Chiquinho, meu estimado primo, por me proporcionar, nos raros encontros familiares, prazerosas querelas psicanalíticas e literárias. A você obrigada pela atenção genuína.

À tia Teresa, a médica da família, por estar sempre presente e disponível nos momentos mais difíceis. Obrigada, tia, pela atenção, exemplo e, sobretudo, gigantesca generosidade nos momentos de dor e de doença.

A dona Aldaíres, funcionária dedicada e prestativa, por ter participado, ativamente, nos cuidados do meu lar, para que fosse possível o meu trabalho solitário de escrita e construção desta tese. A Juliana, a nossa Jujuba, pelo cuidado e carinho dedicados a Júlio e a Lara, meus outros dois projetos de escrita. Obrigada, Dadá e Jujuba.

E ainda quero agradecer a Bauby e a todos os pacientes acometidos pelo acontecimento AVC que não se deixam paralisar pela patologia, fonte de inspiração para minha pesquisa, pelo testemunho do corpo falante e esforço de escrita. Com Bauby aprendi que viver é uma invenção, pois a vida sempre nos surpreende, bem como cada um constrói uma saída singular para lidar com o mal-estar e as contingências.

Para concluir, minhas palavras finais são de gratidão e de reconhecimento aos professores, funcionários, amigos e familiares que direta ou indiretamente colaboraram com a execução deste trabalho durante os anos do doutorado.

Lacan diz que *aquilo de que o sujeito não pode falar, ele grita por todos os poros de seu ser*. É isso que guiará a interpretação psicanalítica do recalcado: encontrar seus traços nas distorções do texto consciente, ou ainda no que puder ser decifrado nas contorções do corpo. (MILLER, 2009, p. 33, grifo nosso)

RESUMO

Nesta tese, analisamos o caso, narrado no livro e no filme *O escafandro e a borboleta*, obra autobiográfica que apresenta o drama do jornalista francês Jean-Dominique Bauby, editor da revista *Elle*. Aos 43 anos de idade, sofreu um tipo raro de AVC ─ o*locked-in syndrome* ─ que resultou num corpo paralisado, amorfo, reduzido a um movimento: o piscar do olho esquerdo. Apesar do corpo inerte e desacreditado pelo discurso da medicina, ele se mostrou subversivo e desejante. Em razão de haver poucos trabalhos de psicanálise publicados e de se tratar de um caso raro de extrema paralisia, decidimos investigar a invenção do falante, diante do confronto com o real do corpo. Para análise, utilizamos o trabalho inconsciente de leitura. Partimos da hipótese que o AVC confrontou Bauby com o real. Para tanto, recorremos aos princípios da clínica e o paradigma da primeira e segunda clínica lacaniana como chave e ferramenta de leitura e análise do caso, nos voltamos a alguns conceitos psicanalíticos: Outro, fantasia, angústia, humor e o corpo falante, apresentamos alguns casos clínicos, no sentido de esclarecer como cada *falasser* se defende do real e esclarecemos o conceito e etiologia do AVC conforme o discurso médico. Para análise do caso em si, dividimos em três momentos: o instante de ver, o tempo de compreender e o momento de concluir. Ao final, constatamos que, diante do confronto com o real e da queda dos semblantes, Bauby inventou uma saída singular: outra escrita de si (biografia), serviu-se da escrita (simbólico: a obra), do humor (imaginário) e da fantasia (real: borboleta). Assim, ele construiu novo nome, nova obra e novo corpo fora do corpo em seu saber fazer com o real.

Palavras-chave: Semblante. Real. Saber fazer com o real.

ABSTRACT

In this thesis, we analyze the case, narrated in the book and in the film *The Diving Bell and the Butterfly*, an autobiographical work that presents the drama of the French journalist Jean-Dominique Bauby, editor of Elle magazine.At age 43, she suffered a rare type of stroke - the locked-in syndrome - which resulted in a paralyzed, amorphous body, reduced toone movement: the blinking of the left eye.Despite his inert body and discredited by the discourse of medicine, he proved subversive and desiring.Because there are few published psychoanalysis works and it is a rare case of extreme paralysis, we decided to investigate the invention of the speaker, in face of the confrontation with the real of the body.For analysis, we use the unconscious work of reading.We start from the hypothesis that the AVC confronted Bauby with the real.To do so, we turn to the principles of the clinic and the paradigm of the first and second Lacanian clinic as a key and tool for reading and analyzing the case, we turn to some psychoanalytic concepts:Other, fantasy, anguish, humor and the talking body, we present some clinical cases, in order to clarify how each *speaking being* defends himself of the real and clarify the concept and etiology of the stroke according to the medical discourse.For the analysis of the case itself, we divide into three moments: the moment of seeing, the time to understand and the moment to conclude.In the end, we find that Bauby invented a singular way out of confrontation with the real and the fall of semblants: another writing of himself (biography), he used writing, humor and fantasy.Thus he built new name, new work, and new body out of the body in his know how to do with the real.

Keywords: Semblant. Real. know how to do with the real.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – O Primeiro e o Segundo Ensino de Lacan..... 17

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 12
1.1 Uma Tese: Uma Escolha Possível..... 20
1.2 Método..... 23
1.3 Do Escafandro à Borboleta: A Estruturação da Tese..... 25

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL. 29
2.1 O Escafandro e a Borboleta: Do Testemunho a Tessitura de uma Obra Escrita..... 29
2.2 Sobre o Acidente Vascular Cerebral – AVC..... 38
2.3 A Clínica do Real: Escutando o Sujeito Acometido pelo AVC..... 43

3 DO OUTRO À FANTASIA: UMA ABERTURA PARA INVENÇÃO... 51
3.1 O Outro em Lacan..... 51
3.2 O Outro e a Demanda..... 58
3.3 Através do Espelho: o Confronto com o Estranho Familiar 63
3.4 A Presença do Desejo do Outro: A Angústia..... 73

4 COM A PALAVRA, O CORPO FALANTE: DA INCONSISTÊNCIA DO OUTRO À INVENÇÃO DO *FALASSER*..... 80
4.1 Saber-Fazer com o Real..... 81
4.2 A Debilidade da Verdade: Uma Brecha para Invenção?..... 87
4.3 Algumas Palavras Sobre O Mal-Estar: Uma Aposta no *Falasser*..... 90
4.4 Com a Palavra, o Corpo Falante..... 102

5 TINTA ÍNTIMA: A ESCRITA DA VIDA..... 106
5.1 A Escrita do Caso em Psicanálise: O Efeito da Escrita do um..... 106
5.2 Tinta Íntima: A Escrita da Vida 111
5.3 O Escritor e o Trabalho de Escrita: O Fiador da Linguagem..... 112
5.4 Do Princípio da Incerteza à Responsabilidade: Uma Aposta no Desejo.... 125

6 DO ESCAFANDRO À BORBOLETA: DA "VOZ EM OFF" À INVENÇÃO COM A ESCRITA..... 127
6.1 Dos "Cadernos de Viagem Imóvel" às " Baforadas de Felicidade"..... 127
6.2 O Uso da Escrita e do Humor para Preservar o Eu e sair da "Solidão Forçada" 129
6.3 A Queda dos Semblantes: O Confronto com O Real do Corpo e da Morte..... 137
6. 4 Da Voz *em Off* à Palavra Escrita: Uma Travessia da Angústia para as Baforadas de Felicidade..... 139

7 MOMENTO DE CONCLUIR..... 143

REFERÊNCIAS..... 146

1 INTRODUÇÃO

"Um músico é sempre um músico de sua própria música"
(LACAN, 2010, p. 123)

Diferentemente dos outros animais, o homem é um ser de desejo movido pelas forças pulsionais: o único ser vivo que deseja, que é movido pela pulsão, por um desejo por ele próprio desconhecido. Temos acesso ao inconsciente por meio de suas formações, a saber: os sonhos, os lapsos e o sintoma que fundam a dimensão humana. A psicanálise é uma invenção freudiana que revelou a importância da linguagem para a fundação do humano. Com base na clínica, Freud mostrou que o sintoma tem um sentido sexual e se relaciona com o trauma e com a fantasia (BERTA, 2015, p. 238).

Com Freud, já percebemos a importância do Outro para o homem por meio do conceito de narcisismo e do complexo de Édipo – o Outro fundamental para a fundação do humano. Em *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*, Freud (1996u) observa que o narcisismo sofreu alguns impactos, nomeados de golpes, os quais podem ser designados como feridas narcísicas, que, em certa medida, não cicatrizam. Ele denominou especificamente três golpes sofridos pela humanidade: o cosmológico, o biológico e o psicológico. O cosmológico ocorreu diante da descoberta de Copérnico, quando este constatou que a Terra não era o centro do universo. Isso impactou o amor próprio da humanidade. O biológico, a segunda ferida narcísica, ocorreu com a desmistificação biológica de o homem não ser superior aos outros animais. O psicológico decorreu da descoberta psicanalítica: o homem constatou não ser o senhor de sua própria casa, já que se move pela satisfação pulsional. Portanto, Freud destaca a importância da dimensão inconsciente para a vida humana. Essas três feridas narcísicas mostram o impacto do discurso da ciência sobre a subjetividade humana, confrontando-nos com a nossa impotência e fragilidade.

Com a clínica da histeria, Freud relacionou o sofrimento a um acontecimento de origem sexual, o qual desencadearia o aparecimento do sintoma e a constituição da neurose. Após anos de investigação, ele substituiu a noção de trauma relacionado ao acontecimento na realidade e passou a considerar o trauma como algo não simbolizado, ao qual o sujeito responde por meio de uma fantasia. Com isso, demostrou que a neurose é uma defesa diante do trauma. Cabe recordar tal formulação, sobre a teoria do trauma e a posterior substituição pela teoria da sedução se deram após anos de investigação, estudo e análise. Segundo ele observou, o acontecimento traumático seria uma fantasia das histéricas.

Quanto ao aspecto econômico analisado no texto *Fixação em Traumas – O inconsciente,* FREUD (1996, p. 281) mostra, em relação ao trauma, que permanecemos fixados no passado, especificamente fixação de afeto ─ fixamo-nos num ponto sem retorno, por isso repetimos. Neste momento da teoria, o sintoma passa a ser tentativa de simbolizar o não realizado. Com a teoria da sedução, Freud dá ênfase à dimensão da fantasia; a realidade passa a ser a psíquica. A temporalidade do trauma será a *posteriori*, efeito de uma segunda cena que remete àcena anterior sem significação. Daí, afirmamos, o trauma acontece*a posteriori*, no só depois. A direção do tratamento proposto por Freud vai no sentido de fazer falar sobre esse horror e desamparo vivido no trauma, para que se possa repetir, recordar e elaborar, fazemos aqui uma alusão ao texto de Freud (CALDAS, 2015).

Lacan (2008), ao retomar a virulência da psicanálise presente no texto freudiano, promoveu alguns avanços à clínica e à teoria psicanalítica. Ele, recorrendo à linguística, à topologia e à lógica, propôs que o inconsciente é o discurso do Outro e a linguagem é a condição do inconsciente. O inconsciente é uma outra cena. Assim, o conceito de inconsciente passou a ter outro estatuto. O conceito de Outro é o lugar do inconsciente em Lacan (LACAN, 2007 p. 123). Também baseado nos estudos do texto de Freud, Lacan construiu o conceito de real, simbólico e imaginário, no intuito de compreender como se estrutura e processa a fundação da realidade humana.

Faremos, agora um esclarecimento sobre a trilogia conceitual de Lacan, a qual fundamenta a clínica e o ensino de orientação lacaniana ─ o real, o simbólico e o imaginário ─, já que tais conceitos nos serviram de ferramenta para analisar o caso de Bauby, nosso objeto de investigação nesta tese.

Lacan (2005b), na conferência *O simbólico, o imaginário e o real,* formulou o conceito dos três registros, fundamentando-se num retorno a Freud. Para tanto, recorreu à metáfora da corda como sendo a linguagem: os três registros permitem a tessitura do nó borromeado, ou nó bo; e o enlace se inicia no vazio, de um furo. A corda (a linguagem), para se constituir, precisa dos fios, das cerdas que se transformarãoem tranças. A corda e os fios representam o registro simbólico, o imaginário, a imagem constitui a linguagem. O simbólico tem relação com a lei, com o significante, a cultura, os rituais, a tradição e com a linguagem. Já o imaginário remete ao narcisismo, à relação especular com o outro e à dimensão daquilo que faz sentido. Em torno dos furos, do vazio, ondeas cerdas se trançam, localiza-se o real, a dimensão do fora de sentido e do furo (CALDAS, 2015).

Segundo Clavurier (2013), no artigo *Real, simbólico, imaginário referência ao nó,* o RSI (o real, o simbólico e imaginário) descreve como se lê e se escreve o mundo humano na

orientação lacaniana. O RSI, representado pelas letras do alfabeto, demonstra as três dimensões ocupadas pelo falante no dito. O autor considera o nó referência matemática na clínica. O vazio do nó é o que possibilita o enlace e o ponto de amarração, ou buraco. Esse furo ou buraco é o objeto *a*[1].

A referência à lógica nodal dos três registros alude à maneira de a linguagem tocar o corpo em cada falante: os registros se mantêm juntos, sem a relação exclusivamente dual entre si. Dessa forma, a solidez do nó borromeano implica a solidez de cada uma das consistências dos registros (CLAVURIER, 2013).

Para Lacan (2005b), o simbólico ocorre a partir da entrada de um terceiro, enquanto o imaginário é marcado pela relação dual ou especular.

> Isso quer dizer que toda relação a dois é sempre mais ou menos marcada pelo estilo do imaginário. Para que uma relação assuma seu valor simbólico é preciso haver a mediação de um terceiro personagem que realize, em relação ao sujeito, o elemento transcendente graças ao qual sua relação com o objeto pode ser sustentada a certa distância. (LACAN, 2005b, p. 33).

Ao longo da conferência *O simbólico, o imaginário e o real*, Lacan (2005b) apresenta o registro do simbólico como o responsável pela civilização, que caracteriza a dimensão do humano. Ele aborda o uso do símbolo como objeto que circula e tem valor na cultura.

Vieira (2009), no artigo *Real, simbólico e imaginário: a trindade infernal de Jacques Lacan*, parte do paradigma "a vida é maior do que vivemos*"* para explicar o registro do real: o real éo zero absoluto, a escuridão e o silêncio, esse "a mais que não cabe na vida" e fora de sentido. Já o registro imaginário diz respeito à lógica do sentido.Conforme o mesmo autor, as histórias existem antes de o sujeito nascer; o sentido a elas atribuídoestá do lado do Outro, ou seja, foi dado por procuração, o que se conhece da vida se situa no campo do Outro. O simbólico diz respeito à marca produzidaentre o real e o imaginário algo sem sentido, mas dá sustentação aos sentidos, por exemplo, os monumentos, as tradições e as lembranças. O citado autor destaca que o simbólico é o material privilegiado no trabalho de análise.

> O que a análise vai fazer não é mudar nem o real, nem o imaginário, mas mexer nessa cola, recolocar isso. E ao fazê-lo teremos um novo agenciamento de real e imaginário. Num certo sentido, agindo pelo imaginário também se produz efeitos fortes. No imaginário se consegue algo novo, mas sempre a partir de sentidos já dados. O enfoque analítico deve ser com a escrita disso, nesse ponto se situa a diferença e, sob esse aspecto, a análise produz efeitos mirabolantes. Não é uma questão de intensidade, que de certa

[1] Veremos, a seguir, no capítulo segundo, o conceito de objeto *a*.

> forma é imaginária: as coisas que não são imaginárias não são vividas com tanta intensidade. A intensidade do sentido para nós não faz tanta diferença. O importante é como se alterna as bases de uma vida ou o texto de base que permite suas leituras. Quando se mexe nisso os efeitos não são tanto de intensidade quanto o são de originalidade. É difícil passar a ideia do que seja o simbólico. Enquanto que o real podemos suspeitar desse além vida ou vazio, e do imaginário podemos dizer que é a vida que segue, cotidiana; para falar do simbólico, nos serve a metáfora da escrita. (VIEIRA, 2009, p. 6).

Essa passagem esclarece como cada resgistro tem sua especificidade e, principalmente, como o imaginário e o simbólico se engendram diante do real. Conforme Caldas (2015), uma das denominações do real é trauma. Cada um se confronta com o real quando diante de um acontecimento contingente. Não existe um real para todos, pois o traumático para um não é necessariamente para outro. Segundo ela, para psicanálise, não se previne nem tampouco se cura o trauma, já que ele é significado *a posteriori*, num tempo depois. Lembra-nos que Freud iniciou o percurso na psicanálise, baseando-se no trauma, e se interessou pela clínica neurológica, em especial, pelos efeitos dele os quais fizeram ocupar-se com os aspectos da linguagem (CALDAS, 2015).

O trauma no sentido psicanalítico ─ convém esclarecer ─ difere da concepção de outros saberes, seja da medicina e da psicologia. Para a psicanálise, sua causa está no confronto com a linguagem na infância, pois o sujeito é efeito de linguagem, ele funda o inconsciente. No entendimento de Caldas (2015), a imagem emblemática para referir-se ao trauma é a corda rompida:

> É por conta de um trauma, traçado de forma tão singular, que algo jamais será bem-entendido, ainda que se busque na linguagem um sentido comum para o privado. A questão passa a ser como viver com isso, esticar ou afrouxar a corda respeitando seus furos e o mal-estar que deles decorre, estreitar ou alargar os furos que acessam o gozo através do objeto *a*. (CALDAS, 2015, p. 3-4).

Logo, o trauma, na concepção da psicanálise, se constitui no drama da vida privada nos complexos familiares e é singular; constitui a etiologia da neurose. Ao contrário do que se pensa, uma tragédia não necessariamente produz trauma, porque cada sujeito responde a ela de forma singular.

> O trauma, para psicanálise, se desfia em vicissitudes sempre ímpares e, portanto, impossíveis de generalizar, calcular, prever a partir de condições genéticas ou esforços de vontade pessoais. Trata-se de poder responder de forma mais singular e privada, a partir de seu *sinthoma*, aos novos desarranjos do real, que acontecimentos inesperados e violentos produzam. (CALDAS, 2015, p.8).

Ele é o índice e um dos nomes do real, efeito do confronto com o fora de sentido da linguagem que toca o nosso corpo, enuncia a dimensão do furo do saber e do desamparo.

Na perspectiva lacaniana, a linguagem é traumatizante. Neste momento, faz-se necessário esclarecer dois paradigmas norteadores do ensino lacaniano: primeiro ensino[2] e segundo ensino ou primeira clínica e segunda clínica, resultantes de anos de investigação. A primeira clínica ─ podemos presumir ─ tem como paradigma *o inconsciente estruturado como uma linguagem*; logo, ela se aproxima da perspectiva freudiana, segundo a qual o sintoma é tomado pelo aspecto metafórico, a interpretação visa a uma significação, o tratamento segue a direção da cura pela palavra. Essa clínica se caracteriza pela primazia dada do registro simbólico. Já a segunda clínica segue o paradigma do nó borromiano, os nós que enlaçam RSI. Nessa perspectiva, o sintoma não mais é tomado como mensagem endereçada ao Outro; o *sinthoma* é visto como sendo uma letra, um pedaço da língua que indica o furo no saber e salienta o aspecto do sem sentido. Ocorre, então a ruptua do semblante, o *sinthoma* na dimensão de letra se reduz a uma cifra de gozo. Por isso, a interpretação na segunda clínica visa a esvaziar o sentido e se orienta pela leitura da letra ─ clínica caracterizada pela primazia do real. Logo, o analista busca localizar o gozo sobre a cadeia significante, pois a linguagem é concebida como um aparelho de gozo. Dessa forma, a direção do tratamento visa à retificação subjetiva marcada pela responsabilização do sujeito pelo modo de gozar (LIMA, 2013).

Conforme Bassols (2016), a segunda clínica é nomeada a clínica dos nós, por se voltar para os diversos modos de enodamentos entre o corpo e a linguagem. Nesse paradigma, destaca-se o que cada falante faz do seu corpo. A lógica é: todo falante delira, seja com o corpo, seja com a linguagem, pois, no falante, há os significantes (letras), que apontam para o fora de sentido e imprimem marca de gozo.

Podemos resumir e demarcar algumas distinções entre a primeira clínica e segunda clínica conforme o quadro abaixo:

[2] É preciso esclarecer que, nem todo psicanalista adota essa perspectiva de leitura do ensino de Lacan. Essa diferença demarca temporalidade distinta na obra de Lacan que, em certa medida, não são antagônicas, mas que demonstram avanço epistêmico e clínico. Na nossa tese, vamos misturar o novo e o velho Lacan.

Quadro 1 - O Primeiro e o Segundo Ensino de Lacan

	Primeira Clínica **Primazia do simbólico** **(Paradigma estruturalista)**	**Segunda Clínica** **Primazia do real** **(Paradigma Joyce)**
Ics	Estruturado como linguagem	Enxame de S1 Corpo falante
Sintoma	Metáfora: endereçado ao Outro	*Sinthoma* como modalidade de gozo, novo enlace
Interpretação do psicanalista	Busca significação	Esvaziamento de sentido, visa localizar o gozo
Orientação	Nome-do-Pai	Fundamenta-se na inconsistência do simbólico. Orienta-se pela pluralização dos Nomes-do-Pai.

Fonte: Forbes (2012), Bassols (2016), Lima (2013) e Zucchi (2015)

Na busca de nomear essa marca da língua no corpo, Ramirez (2016, p. 191) esclarece:

> [...] as palavras não são evanescentes para os corpos; elas os marcam, neles fazem entalhe, incisão, marca um gozo inapagável. Jacques Lacan inventou o termo "lalíngua" para tornar palpável como a carne é tatuada pelo verbo muito antes que ele se estruture gramaticalmente em linguagem. *Lalíngua* é uma invenção afim a outro neologismo lacaniano, o "moterialismo", que faz ressoar a materialidade sonora do significante e seu devir de marca, de letra, quando, assim como meteorito, ela percurte no corpo do vivente vindo ao mundo.

A citação de Ramirez (2016, p. 192-193) esclarece o conceito de lalíngua explica a concepção do falante para psicanálise: como aquele que teve o corpo marcado e vivificado pela língua do Outro, pela dimensão do sem sentido da linguagem. Assim, o psicanalista, em sua prática, é um leitor das marcas de gozo deixadas no corpo, tal qual um meteorito rasga, marca e, em certa medida, fura a superfície. Depois de marcado, é nomeado de corpo falante, por que a marca impulsiona o falante a falar, a desejar e a viver.

Antes de finalizar a nossa introdução, precisamos explicar o porquê de tomar Lacan e seu ensino como bússola neste trabalho de investigação e análise. Para tanto, devemos detalhar

o significado de ser lacaniano. Então, apropriamo-nos de uma advertência de Miller (2016) em *El partenaire-síntoma*: para ser lacaniano, não basta ler Lacan. Faz-se necessário conhecer e seguir alguns princípios norteadores da prática clínica.

Miller (2016) condensa e resume a orientação lacaniana em cinco grandes paradigmas, para elucidar o significado de ser lacaniano: retorno a Freud; formulação do conceito de Outro e de sujeito e da concepção de o inconsciente ser estruturado como uma linguagem; o uso das sessões curtas; não ser kleiniano; a prevalência da dimensão do gozo, a clínica do real.

Então, ser lacaniano é partir de um retorno a Freud. Lacan, quando realizou a leitura da obra freudiana, elaborou alguns avanços teóricos e clínicos; percebeu, por exemplo, que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Tal percepção resultou da leitura de *A Interpretação dos sonhos*, *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (FREUD, 1996a, 1996b, 1996p). Essa conclusão lógica extraída de Freud, exigiu décadas de estudo, leitura e prática clínica. Nesse sentido, vamos tentar resumir alguns dos avanços deixados à psicanálise por meio da orientação lacaniana (MILLER, 2016, p. 35).

O segundo paradigma refere-se ao fato de Lacan deixar de usar o conceito de eu e formular o de sujeito e de Outro. Tal substituição, promoveu um giro na prática clínica: em vez de acentuar a dimensão imaginária, prática para fortalecer o eu, começou-se a acentar a dimensão da ordem simbólica. Outro aspecto consequente da mesma substituição: o inconsciente é o Outro. A fala do Outro dá um lugar e determina o sujeito. E o sujeito, por sua vez, aparece sempre no intervalo da cadeia significante, entre um significante e outro. Com isso, Lacan considerou a ordem simbólica na origem da fundação do humano. Então, ser lacaniano é tomar o inconsciente com base nessa lógica (MILLER, 2016, p. 32-36).

Quanto à duração de tempo e ao número das sessões de análise, com Lacan aboliram-se as sessões de quarenta e cinco minutos e três vezes por semana ou todos os dias, como acontecia de costume. Lacan percebeu que a prática clínica de Freud não se dava de forma padronizada. Por exemplo, ao caso Katarina, Freud atendeu, pelo menos, duas vezes e aconteceu fora do consultório, durante umas férias de inverno, quando foi abordado por ela. Mesmo assim, foram positivos os efeitos para ela. Podemos citar vários outros casos em que a prática clínica utilizada por Freud não tinha rigidez quanto à duração e ao número de sessões.

Lacan introduziu na clínica a prática de sessões curtas. O tempo ocupado na direção do tratamento deixou de ser cronológico, já que, do ponto de vista do inconsciente, há atemporalidade. Assim, o tempo ocupado na sessão passou a seguir a orientação do tempo lógico: o instante de ver, o tempo de compreender e o momento de concluir. A interrupção, ou término, da sessão passou a ser conduzida com base na fala do sujeito: quando algo ultrapassa e surpreende

o falante, a sessão termina. Com essa direção, o uso da sessão curta vai na direção de mostrar que não há Outro do Outro; o analista opera no sentido de diluir, com os cortes, por meio da vacilação das certezas, a consistência dada pelo falante ao Outro. Mas, Miller (2016) pondera: ser lacaniano é considerar que cada falante precisa lidar com as contingências e com a determinação dos significantes. Assim, o ponto de partida dos lacanianos é considerar que o aparelho psíquico tem relação com o Outro e com a linguagem.

Ser lacaniano não é ser kleiniano. Segundo Miller (2016), Klein, na sua clínica, se voltou para uma relação intersubjetiva[3] da mãe com a criança, especificamente do seio materno com a criança, a qual é um pedaço da mãe para Klein. Nessa concepção, o primeiro parceiro sintoma da criança é o seio materno; já para Lacan, o parceiro sintoma do sujeito é o analista, uma vez que ele vai ser tomado pelo analisante como objeto de satisfação. Apesar disso, Lacan construiu a teoria de objeto, fundamentando-sena concepção de Klein. A propósito ─não ─, podemos esquecer uma das grandes contribuições da clínica de Klein foi mostrar que o gozo está do lado da coisa, do objeto. Entretanto, Lacan se afastou da concepção kleiniana, porque esta valorizava o aspecto imaginário, mãe-criança, e se voltava para o paradigma do complexo de Édipo na constituição do humano. Na concepção lacaniana, o paradigma que norteia a clínica é o complexo de castração; o qual está na origem da constituição da neurose, especificamente na relação do sujeito com o falo. Outro aspecto a distanciá-lo de Klein é o fato de ela conceber que o inconsciente tem um sentido é um todo. A concepção de Lacan, por sua vez, é oposta: o inconsciente mostra o aspecto não todo e do fora de sentido da linguagem, a qual é um aparelho de gozo para o falante (MILLER, 2016).

A caracterização do significado de ser lacaniano é um resumo de anos de trabalho e de pesquisa de Lacan e de Miller e, de certo modo, da própria história da psicanálise. Daí podemos extrair o que é ser lacaniano e esclarecer o motivo da nossa escolha por Lacan. Em primeiro lugar, nessa clínica se considera o aspecto simbólico, imaginário e se dá prevalência ao real. Isso implica dizer que ser lacaniano é estar atento à subjetividade da época, observando como os sintomas e os modos de gozo se apresentam na cultura. Em segundo lugar, para o desenvolvimento da pesquisa, consultemos Freud com Lacan e Lacan com Miller no sentido de aprender o que de singular o caso de Jean-Dominique Bauby apresenta por meio da obra escrita e do filme *O escafandro e a borboleta*.

---

[3] Embora Lacan tenha seguido o paradigma da intersubjetividade, ele ao estudar a dimensão do real, deixou de se orientar pelo referido paradigma.

1.1 Uma Tese: Uma Escolha Possível

Escrever uma tese é, antes de tudo, uma questão de escolha, está mobilizada pelo desejo de saber o efeito da formação e do interesse voltado para a clínica e para a teoria psicanalítica. Escrevê-la também é estratégia de fazer laço com o discurso universitário para se formalizar e se obter o reconhecimento do Outro institucional. O doutorado é efeito do nosso percurso e dedicação à carreira acadêmica como pesquisadora e foi mobilizado pelo desejo de contribuir coma academia quanto à formação dos estudantes do curso de psicologia da Universidade Federal de Campina Grande, acima de tudo, para obter realização e satisfação pessoal.

O que impulsionou a questão disparadora de investigação tem relação com o conceito de Outro — tanto no âmbito da clínica quanto no da teoria psicanalítica e no âmbito da política. Elegemos como objeto de análise o livro autobiográfico intitulado *O escafandro e a borboleta* (BAUBY, 1997) e o filme com o mesmo nome, a fim de analisar como o sujeito descobre uma saída para lidar com o acidente vascular cerebral, especificamente o *locked in syndrome* ─ a síndrome do encarceramento ou pseudocoma. Pretendemos identificar a saída ou as saídas do sujeito para se manter desejante e continuar fazendo laço, ou melhor, qual a solução sintomática construída ou a invenção, nos moldes lacaniano, quando o sujeito se confronta com o real? Com base no caso de Jean-Dominique Bauby, que saber poderíamos extrair para a clínica e para a teoria psicanalítica? O que o sujeito faz quando o Outro é destituído do lugar de suposto saber? O que faz Bauby diante da queda do semblante? Como ele se defende do desamparo? Qual a invenção do sujeito?

A primeira leitura da obra analisada ocorreu no ano de 2013, quando ganhamos o livro do nosso pai acompanhado da advertência: “Todo o profissional da área de saúde deveria ler essa obra”. No mesmo ano, elaboramos um projeto de pesquisa de iniciação científica por meio do programa institucional de voluntários de iniciação científica PIVIC/ CNPQ/ UFCG/ 2013, pela Universidade Federal de Campina Grande. Por intermédio da pesquisa, percebemos que o trabalho de escrita de Bauby opera no sentido de mantê-lo vivo e desejante. Tratava-se de um caso com algo singular, não só porque era um caso raro, mas sobretudo porque, mesmo imobilizado pelo acidente vascular cerebral, Bauby conseguia comunicar-se e criar uma obra com a ajuda do outro ─ ato que nos deixou um legado. Naquela ocasião, eu não dispunha de recursos teóricos para analisar e alcançar o percurso de Bauby e a significação de sua obra. Transcorridos quatro anos, voltei a me interessar por ela, por identificar nela a capacidade de o sujeito se manter desejante, manter a pulsão de vida, utilizando-se apenas do piscar da fenda palpebral do olho esquerdo, para fazer laço com o outro, continuar produzindo escrevendo a própria história.

Com certeza, tal caso tem muito a nos ensinar sobre a potência humana e sobre as inventivas necessárias para dar conta do real trágico e aniquilante.

Portanto, trouxemos a obra literária e o filme de mesmo nome –*O escafandro e a borboleta* – como produções que aguardavam um deciframento, tal qual fez Freud ao analisar a obra de Schreber em *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia Paranoides)* (FREUD, 1996f) e na *Gradiva* no texto *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen* (FREUD, 1996c): nelas ele viu possibilidades para conhecer o funcionamento psíquico. Lacan utilizou o mesmo recurso quando problematizou o conceito de transferência com base em *O Banquete:* ele analisou *Lolita* para estudar o desejo no *Seminário o desejo e sua interpretação* (LACAN, 2016). Especificamente, serviu-se de Hamlet para discorrer sobre a inexistência do Outro, o trabalho do luto e o desejo do Outro. Seguindo o mesmo caminho, conhecemos os trabalhos de Heloísa Caldas, Ana Lúcia Lutterbach-Holk, Lucíola Freitas de Macêdo, Sérgio Laia, Ram Mandil, Tânia Rivera, Nádia Paulo Ferreira, J. Attié, Sophie Marrete, Marina Recalde e outros tantos psicanalistas que se têm servido da literatura, para promover avanços e indagações à clínica e à teoria psicanalítica.

Retomando a questão diretora da nossa tese, esclarecemos que, para o procedimento de análise da obra *O escafandro e a borboleta* (BAUBY, 1997), partimos das premissas lacanianas ─ o inconsciente é estruturado como uma linguagem; a linguagem dá acesso à fala do sujeito e, graças à linguagem, o inconsciente existe, uma vez que vamos trabalhar com o discurso de Bauby por meio do texto escrito por ele e outro que o auxilia no trabalho de elaboração de um discurso.

Começamos, então, com o caso clínico de Jean-Dominique Bauby, pois, como princípio, a investigação em psicanálise ocorre no singular do caso, no um a um. Em outras palavras, o referido sujeito nos ensina sobre o saber fazer com o real, o impossível de simbolizar a partir do AVC, tal como Laurent (2012, p. 8) propõe: “aprendemos a partir de cada caso sendo a teoria psicanalítica, constantemente interrogada e acrescida por algo a mais que cada um pode trazer a ela.” Nessa direção, tomamos o caso como único.

Segundo Ferreira (2007), a fala e a escrita são fatos discursivos. A fala não é apenas o ato de fonação, é também ato de discurso. No caso de Bauby, a emissão sonora do aparelho vocal está comprometida, mas não a capacidade discursiva, razão pela qual ele pôde criar sua obra. Falar é fazer furo no Outro, e, graças à castração, falamos, entramos na linguagem. É preciso haver a falta, para existir o desejo e a fala. Conforme Miller (2012, p. 8) em *Os seis paradigmas do gozo*, ele nos mostra, com base na leitura e análise da obra de Lacan, que a pulsão se estrutura em termos de linguagem e que o sintoma e a fantasia se articulam com a

cadeia significante. Assim nos servimos do texto escrito de Bauby para aprender como o sujeito pode defender-se do sem sentido do gozo, o gozo na dimensão do real, que escapa ao significante. Na nossa percepção, Bauby se defende por meio do sintoma, da fantasia, da repetição e do uso do humor.

De acordo com Lacan (2009), o sujeito inconsciente aparece na superfície, no nível da enunciação. Para Lacan (2010), há distinção entre a linguagem e a palavra. Apesar de estarmos situados na linguagem, nem todos falamos, ou seja, para falar é necessário que o sujeito integre o sistema simbólico. Falar, em psicanálise, não se limita à emissão do som nem ao uso do aparelho vocal; falar é se colocar na posição da enunciação, enquanto sujeito de desejo ─ movimento dialético de separar-se e alienar-se ao Outro, servindo-se dos significantes. Conforme Miller (2012, p. 18), a função da alienação e da separação é mostrar que há íntima relação do gozo com a bateria significante (a separação é resposta do sujeito ao gozo).

Ao escrever, Bauby apresenta seu discurso e posicionamento, faz o seu testemunho e sai do escafandro e da "voz em off"[4]. Ele usa o que move no corpo, a substância gozante, para poder falar por meio do trabalho de escrita. Com o intuito de tratar a certeza da paralisia e dos efeitos do diagnóstico da *locked-in syndrome*, tenta rir da certeza da síndrome, já que o aprisionamento do sentido dado pelo significante provoca o sofrimento no sujeito (MILLER, 2012, p. 4).

Nesse sentido, percebemos, apesar de não emitir o som do aparelho vocal, Jean Dominique Bauby fala e coloca-se como sujeito da enunciação por meio do trabalho de escrita, tal como nos diz Lacan:

> O ato de falar vai muito mais longe do que a simples fala do sujeito, uma vez que toda a sua vida está capturada em atos de fala, porque sua vida como tal, ou seja, todas as suas ações, são ações simbólicas, fosse apenas porque são registradas, porque estão sujeitas a registro, porque frequentemente são uma ação para dar fé" (LACAN, 2016, p. 43).

Assim, Lacan situa a fala submetida ao discurso do Outro na medida em que o sujeito se implica em seu dizer e aparece na enunciação. Bauby, em sua escrita apresenta-se como sujeito de enunciação.

Para falar, é preciso o sujeito fazer uso da metáfora paterna: o significante que vem barrar o gozo do Outro e, com isso, humaniza o desejo e possibilita o surgimento do sujeito. Conforme Quinet: "A fala é a presentificação, na palavra, da linguagem. A fala implica o sujeito dirigir-se a Outro, implica o reconhecimento do Outro e a articulação, em palavras, da demanda

[4] Expressão utilizada por Bauby no livro *O escafandro e a borboleta.*

e do desejo em relação ao Outro" (QUINET, 2003, p. 43). Em suma, para falar, é necessário o sujeito reconhecer a falta no Outro. No entendimento de Lacan, o Outro é aquele a quem o sujeito dirige uma questão, aquele que responde ao apelo do sujeito (LACAN, 2016, p. 23). Conforme Miller (1999, p. 31) em *Elementos da biologia lacaniana*, a fala é algo da ordem do significante que habita o corpo, é um pequeno parasita. Graças a esse pequeno parasita, o corpo se movimenta pulsionalmente, ou seja, somos atravessados pela linguagem a qual mobiliza o gozo do corpo.

Em Lacan, o Outro é o tesouro dos significantes. O significante, por sua vez, é aquilo que representa o sujeito para outro significante. Dessa forma, o sujeito se apresenta nos intervalos da cadeia significante, enfatizando que ele só se define diante de outro, pois o significante isolado não significa nada. Já no segundo paradigma, Lacan mostra por meio dos casos clínicos, que alguns significantes operam como cifras de gozo e remetem ao sem sentido da linguagem, que operam como um ponto ilegível do texto inconsciente.

Podemos recordar duas propriedades do significante formuladas por Lacan (2016, p. 25), especificamente, no *Seminário 6:o desejo e sua interpretação*. Na primeira, o significante se define pela diferença, ou seja, diante de um outro; na segunda a cadeia significante tem amarração, lógica com base no significante o Nome-do-Pai. A formulação da pluralidade do significante dos Nomes-do-Pai mostra que o verdadeiro Nomes-do-Pai é o real, o simbólico e o imaginário, ou seja, essa conceituação demonstra os furos e a inconsistência do simbólico, como veremos a seguir no capítulo segundo. Outro aspecto importante diz respeito ao fato de que, no inconsciente, determinado significante igual se torna diferente, por exemplo, A= A e, ao mesmo tempo, A≠ A, no sentido de o inconsciente permitir uma equivalência e, simultaneamente, equivocação lógica por meio da repetição e do equívoco. (BERTA, 2015, p. 218).

1.2 Método

Para elaboração da tese, servimo-nos do texto literário e do filme *O escafandro e a borboleta* (BAUBY, 1997), visando a aprender com o caso clínico o que este tem de paradigmático. Como proposto por Villari (2000) no artigo *Relações possíveis e impossíveis entre psicanálise e literatura*, baseamo-nos nas premissas formuladas por este autor. Em primeiro lugar, recorremos a transferência do pesquisador à obra; em segundo, o saber foi colocado ao lado do texto e do filme, para fazer a obra falar e reconhecer aquilo que convocou e mobilizou o pesquisador

ao trabalho de escrita[5]. O referido autor nomeou esse tipo de investigação de "o trabalho inconsciente de leitura", nascido de nova escrita.

Com base no exposto, lemos o texto literário e o filme com o intuito de identificar a saída construída pelo sujeito diante do confronto com o real em *O escafandro e a borboleta*, segundo propõe Miller (1997) em *O discurso do método psicanalítico*. Nesse texto, o sujeito aparece pela enunciação do dizer em diferentes níveis; o discurso diz a posição subjetiva do sujeito, já que este é sempre o sujeito de um dizer. Não há como falar sem citar um outro. Somos efeitos do dito do Outro; podemos negar ou afirmar esse dito conforme a nossa posição subjetiva.

Com relação à análise fílmica, seguimos os dois passos propostos por Vanoye (1994) em *Ensaio sobre análise fílmica*. Inicialmente, apoiando-nos em duas premissas: analisar um filme não se restringe à descrição do roteiro; a posição do analista não é a de espectador comum. Conforme Vanoye (1994), o analista do filme tem posição ativa e deve tomar certo distanciamento – não se deixar levar pelo imaginário. E mais: deve estar atento à cena posta seja no jogo de imagens, seja nos discursos que estruturam a trama discursiva do filme por meio dos personagens e sequência de imagens e falas.

No filme em questão, analisamos o plano (fragmento do filme entre o início e o final da tomada) e o encadeamento da sequência das cenas (conjunto de planos que compõem uma unidade narrativa), investigando a ocorrência de continuidade ou descontinuidade da narrativa. Em outras palavras, buscamos localizar o surgimento (quando e como) do sujeito Bauby na narrativa fílmica. Como sabemos, um dos desafios em tal análise é que o filme não é totalmente verbal; há o uso das imagens. No caso em tela, nossa análise voltou-se para a relação do personagem principal Bauby com o Outro e os outros. Então, buscamos ─ tal qual orienta Vanoye (1994) ─, ao longo da narrativa, as metáforas apresentadas por meio da repetição, dos planos, as deformações visuais e os efeitos sonoros ou a incongruência das imagens.

Se, de um lado, o personagem-narrador se encarrega da narrativa, de outro cabe ao analista a identificação dos significantes que representam o sujeito com base na enunciação na narrativa ou dos elementos visuais apresentados. Assim, podemos analisar um plano, uma sequência de planos como também o início e/ou o final do filme. Para delimitara escolha dos planos na análise, baseamo-nos nos objetivos já descritos. A originalidade desse estudo ─ convém destacar ─ reside no fato de mostrar um caso raro de acidente vascular cerebral sob a perspectiva psicanalítica. A essência da nossa investigação remete a pesquisar o saber fazer

[5] Ao adotar essa forma de análise, seguimos um modo de escuta flutuante do caso em análise.

com o real do corpo e da morte, apresentado pelo sujeito em*O escafandro e a borboleta* (BAUBY, 1997). Para finalizara introdução, um esclarecimento: utilizamos a obra escrita porque a escrita tem a primazia do simbólico; o filme, porque as imagens dão primazia ao registo imaginário.

1.3 Do Escafandro à Borboleta: A Estruturação da Tese

Neste momento inicial, apresentamos um panorama claro e ordenado do percurso escolhido e construído para a tessitura da tese, fundamentando-nos nos três tempos lógicos utilizados por Lacan para estruturação da pesquisa: *o instante de ver*, *o momento de compreender e o tempo de concluir*. O instante de ver se refere ao momento dos rascunhos, das notas e dos apontamentos em relação ao tema e trabalho de pesquisa, à seleção de textos, artigos e obras. O momento de compreender diz respeito ao ensejo de degustação do material selecionado para o estudo e maturação das ideias mestras e pormenores importantes, para, no instante seguinte, circunscrever o cenário e a maturação de pesquisa. Já o tempo de concluir, refere-se à oportunidade de extrair um saber do percurso realizado ─ tempo de se obter a conclusão sobre a questão diretora da pesquisa: qual saber podemos extrair do caso de Bauby.

Para dar conta das questões acima explicitadas, construímos os argumentos em seis capítulos organizados numa sequência que levasse ao leitor a apresentação inicial e gradativa do tema, o caso de Bauby e o detalhamento dos conceitos utilizados. Em seguida, esmiuçamos o caso clínico, objeto do nosso estudo e investigação.

Sendo assim, no capítulo dois, intitulado Considerações sobre o acidente cerebral, apresentamos o texto literário e o filme *O escafandro e a borboleta*. Em seguida, exibimos breve esclarecimento do conceito de acidente vascular cerebral na perspectiva biológica, bem como circunscrevemos a especificidade da clínica psicanalítica como uma clínica do real, que considera a dimensão do gozo e do fora de sentido no sintoma.

Contemplamos a reflexão sobre a importância do possível encontro entre os dois campos de saber ─ psicanálise e neurologia ─ no sentido de mostrar a possibilidade de existência clínica psicanalítica voltada ao sujeito acometido pelo AVC. A propósito, convém considerar a importância do manejo da transferência com os familiares e a intervenção de vários profissionais entre os quais caberia ao psicanalista demarcar o lugar de fala e de suas consequências nos ditos e suas modulações dos ditos, no sujeito. Daí descrevemos, a patologia acidente vascular cere-

bral – especificamente, o *locked-in syndrome* ou a síndrome do encarceramento, ou pseudocoma – desde os possíveis fatores que a desencadeiam até o protocolo de tratamento adotado no campo da medicina no Brasil.

Abordamos a perspectiva psicanalítica dos pacientes acometidos de AVC, que se dá no singular do caso a caso, por meio da escuta e aposta do sujeito de um dizer. Ilustramos três casos clínicos de pacientes (Ana Tavares, Silvia Wolf e Jean-Dominique Bauby) acometidos de AVC, pois observamos que eles usaram a escrita como artefato para lidar com o confronto com o real.

No capítulo três, denominado *Do Outro à fantasia: uma abertura para invenção*, voltamo-nos ao conceito de Outro: artefato essencial à compreensão da especificidade da fundação do sujeito para a psicanálise e aspecto norteador na reflexão sobre o caso de Bauby, em particular, na compreensão de como o sujeito se mantém desejante diante da contingência do AVC. Retomamos as quatro formulações conceituais sobre o Outro em Lacan, a fim de demonstrar o "aspecto folheado"[6] sobre o conceito de Outro. Apoiamo-nos neste considerando-o uma instância, o tesouro do significante, aquele que chancela a ordem simbólica, o Outro da demanda a reconhecer o sujeito, primeiramente, como objeto, e por isso nomeia o desejo. Em seguida, ocupamo-nos com a angústia como sendo a materialização do desejo do Outro, com a fantasia como defesa do neurótico para lidar e enquadrar a angústia e com o objeto *a* como o resto da operação ─ a relação do sujeito barrado com o Outro barrado, objeto *a* que é extraído do campo do Outro, via fantasia, com o qual o sujeito se identifica e se constitui. De acordo com Lacan, a fantasia é o suporte do desejo.

Ainda nesse mesmo capítulo, problematizamos o estatuto do imaginário, apoiando-nos no conceito de estádio do espelho, que marca a passagem do autoerotismo para a entrada do narcisismo e formação do eu, no sentido de mostrar que, no início da constituição do eu, está o olhar do Outro. Tal percurso nos interessou, porque no caso de Bauby, o sujeito faz-se borboleta e por meio dessa fantasia se agarra ao desejo de viver pelo desejo de escrever. Em outras palavras, ele se defende por intermédio de duas barreiras para lidar com o real: a barreira simbólica via significante (trabalho de escrita e construção da obra) e da barreira imaginária (desaparecimento da imagem bela). A saída é o humor.

---

[6] Expressão utilizada por Miller (2007) no texto *Uma leitura do seminário, livro 16: de um Outro ao outro*, no qual ele destrincha o percurso de Lacan para esmiuçar o conceito de Outro, com base na incompletude do Outro (aquele que não possui o significante que represente o sujeito), para o Outro como sendo inconsistente, já que a dimensão da verdade não pode ser garantida. Assim, o aspecto folheado, se refere ao aspecto multifacetado do conceito de Outro, no sentido de expressar o quanto tal conceito sofre modificações ao longo do ensino de Lacan.

No capítulo quatro, intitulado *Com a palavra, o corpo falante: a inconsistência do corpo falante à invenção do falasser*, dedicamo-nos à modificação do conceito de Outro, recorrendo à lógica e à topologia, e discorremos sobre as nuances da formulação do conceito de Outro como corpo falante. Lacan, com base na topologia, na lógica matemática, formulou que o Outro não existe, é uma ficção, um semblante (LACAN, 2008). Fazendo uso dessa premissa, interrogamo-nos como Bauby continua a investir na vida quando o Outro perde o lugar de saber, quando já não encontra resposta no campo do Outro? No caso em análise, percebemos o uso da administração do real por meio de uma invenção. Esse percurso nos interessou, pois Bauby traz à cena o corpo falante, o piscar do olho esquerdo, que é um órgão de gozo a tornar possível o *falasser* gozar do corpo e da vida.

Já no capítulo cinco, *Tinta íntima: a escrita da vida*, direcionamo-nos à problematização sobre o trabalho de escrita, contemplando diferentes nuances da concepção da escrita para psicanálise, seja por meio dos diferentes usos e efeitos da escrita sobre o corpo falante, seja por intermédio da tessitura da imagem corporal, seja mediante novo arranjo do modo de gozar e surgimento de novo amor. Com Lacan (2007), aprendemos que do encontro com o real resta um objeto; logo percebemos que, em alguns casos descritos, quando há o confronto com o real desse encontro, resta a escrita, barreira simbólica como via possível para se manter desejante. A escrita como uma marca faz novo enlace dos dois registros ─ o imaginário e o real ─, no sentido de promover novo enlace entre o corpo e a linguagem, possibilitando novo modo de gozar do corpo, como no caso discutido no capítulo quinto.

No capítulo seis, chegamos ao momento de analisar, e demonstrar o que extraímos do caso clínico. Diante do exposto, pretendemos defender a tese de que o sujeito se mantém desejante graças a uma invenção. O uso do humor e o trabalho de escrita (a construção de uma obra, algo fora do corpo) proporcionaram a construção de um contorno ao real e o enlace com o outro. O *grampo*[7]que sustentou o corpo falante foi a paixão pela escrita, solução possível encontrada pelo corpo falante para sair da *voz em off* e dar um tratamento ao gozo, caminho que promoveu uma solução sinthomática por meio da parceria de trabalho com Mendibil. A escrita permitiu

[7] Aprendemos com o ensino de Lacan que o homem não é o corpo, ele o tem. O corpo se constitui via fantasia e via estádio do espelho, e ele escapa ao falante o tempo todo. Faz-se necessário um grampo, para não escapar. Assim, o corpo não é algo natural e dado ao falante, mas, sim construído pelo falante tal como um artesão que fia por meio de recursos simbólicos (significante), imaginário (imagem) e real (gozo e fantasia).O "grampo" é uma expressão utilizada por Miller (1999) e por Marie Hélène Brousse (2014), especificamente, no artigo *Corpos Lacanianos: novidades contemporâneas sobre o Estádio do Espelho*, ao se referir a importância do laço entre a imagem do corpo e o corpo fragmentado- pelas zonas erógenas. O que promove a unidade corporal, conforme Brousse (2012) são as experiências de gozo, elas que articulam e grampeiam a boca, o ânus, o falo, os ouvidos e os olhos. Ou seja, o grampo do corpo é o objeto *a*, enquanto mais-de-gozar. Ele que tem a função de velar a unidade corporal.

ao corpo falante ter voz (simbólico), dar um tratamento ao olhar do Outro (imaginário), fazer existir o corpo vivo (real) e construir uma obra, algo que restou desse encontro com o real, o testemunho escrito, um livro e com ele um novo nome: não apenas editor da Revista *Elle*; nascia o escritor.

No capítulo sete, momento de concluir, reunimos e destacamos o que o AVC, nome dado ao real, operou no corpo falante (de Bauby): a possibilidade de ter espasmos de felicidade por meio do trabalho da escrita e do humor, como nas palavras de Bauby, “as baforadas de felicidade”. Não podemos esquecer que isso se deu pelo fato de ele estar consciente e ter a memória preservada.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL

As doenças são novos modos de vida.
(CANGUILHEM, 2012, p. 62)

Dividimos esta seção em três subseções, 2.1 O escafandro e a borboleta: do testemunho à tessitura de uma obra escrita; 2.2 Sobre o acidente vascular cerebral; 2.3 A clínica do real: escutando o sujeito acometido pelo AVC. Na segunda seção, descrevemos e caracterizamos a patologia AVC – especificamente, o *locked-in syndrome* ou a síndrome do encarceramento, ou pseudocoma – desde os possíveis fatores que a desencadeiam até o protocolo de tratamento adotado no campo da medicina no Brasil. Abordamos a perspectiva psicanalítica dos pacientes acometidos de AVC, a qual se dá no singular do caso a caso, por meio da escuta e apostado sujeito de um dizer. Também ilustramos três casos de pacientes (Ana Tavares, Silvia Wolf e Jean-Dominique Bauby) acometidos de AVC, que se utilizaram da escrita como artefato para lidar com o confronto com o real. Na segunda seção, apresentamos o texto literário e o filme *O escafandro e a borboleta*.

2.1 O Escafandro e a Borboleta: Do Testemunho a Tessitura de uma Obra Escrita

Jean-Dominique Bauby ─ de costume chamado de Jean Do pelos amigos e de Bauby ─ nasceu em 23 de abril de 1952. Pai de dois filhos Théophile e Céleste; foi acometido por um tipo de AVC, designado de *locked-in syndrome*, síndrome do encarceramento ou pseudocoma, em 8 de dezembro de 1995. Em virtude disso, ele foi internado no hospital de Berckey, na França, onde passou 6 meses no leito, dentre os quais 20 dias em coma. Durante dois meses, dedicou-se ao trabalho de escrita da obra autobiográfica *O escafandro e a borboleta*. Em 1997, ocorreu a primeira edição na França; no mesmo ano, 10 dias depois ele morreu de uma pneumonia.

A película *O escafandro e a borboleta*, baseado no livro de mesmo título, narra a história do jornalista francês e editor da revista *Elle*, Jean-Dominique Bauby, acometido, aos 43 anos, por um AVC, agravado pelo comprometimento motor e perceptivo. Embora se tenha mantido consciente, não conseguia comunicar-se pelo aparelho vocal, um dos efeitos da síndrome do encarceramento.

O livro resultou do esforço de um trabalho de escrita em parceria com Claude Mendibil, como tentativa de nomear e conduzir o imprevisível, aquilo que surgia eventualmente, conforme mostram as primeiras páginas da citada obra escrita:

> Até então, nunca tinha ouvido falar em tronco encefálico. Naquele dia descobri de chapa essa peça mestra do nosso computador de bordo, passagem obrigatória entre o encéfalo e as terminações nervosas, quando um acidente vascular cerebral pôs o tal tronco fora de circuito. Antes, davam a isso o nome de "congestão cerebral", e a gente morria, pura e simplesmente. O progresso das técnicas de reanimação sofisticou a punição. Escapamos, mas "brindados" por aquilo que a medicina anglo-saxônica batizou com justiça de *locked-in syndrome*: paralisado dos pés à cabeça, o paciente fica trancado no interior de si mesmo com o espírito inato, tendo os batimentos de sua pálpebra esquerda como único meio de comunicação. Evidentemente, o principal interessado é o último a ficar a par desse indulto. Quanto a mim, tive direito a vinte dias de coma e a algumas semanas de brumas antes de perceber a extensão dos estragos (BAUBY, 1997, p. 8).

O autor nos confronta com o testemunho sobre a *locked-in syndrome* na perspectiva daquilo que a ele faz enigma e o coloca a produzir um saber sobre isso. Tal acontecimento mudou, de forma radical, a vida do jornalista: a relação com o outro, com o corpo e com o tempo. Surpreendentemente, alguém da equipe de saúde, a fonoaudióloga Sandrine, percebeu certo movimento no corpo quase inerte: o olho esquerdo se mexia. Ela rompeu o protocolo no modo de abordagem do paciente, agindo no sentido de humanizar: percebeu que ali no leito, estava não apenas um doente, mas também um sujeito consciente e em sofrimento, sujeito com singularidade.

Bauby, mesmo sem poder se movimentar, respirar, comer e falar sem a ajuda de aparelhos, fez apelo e endereçamento ao outro por meio do olhar, e não da boca com a voz. Ao ter seu apelo atendido, Bauby elaborou uma invenção: obra escrita com base na parceria estabelecida com a fonoaudióloga, quem descobrira o método que tornou possível a comunicação. Claude Mendibil foi a secretária enviada pela editora e contratada por ele para escrever um livro antes do AVC. Ela tomava as notas, escrevia letra a letra do piscar de olho de Bauby e, por meio desse trabalho repetitivo, fazia a tradução vocal das letras, formando as palavras e frases. Assim, aos poucos, resgatava os pensamentos dele.

Nossa hipótese é que o acidente vascular cerebral *locked-in syndrome* confrontou o sujeito com o real, com algo da ordem do inominável, acontecimento que mudou radicalmente sua vida, como propõe Caretto (2016, p. 33): "acontecimento, do latim *ad-venire, venire a*, indica um evento de caráter incomum que introduz uma descontinuidade na vida de um sujeito ou de uma coletividade e que tem valor afetivo". Diante disso, questionamos: qual a invenção construída para lidar com o *locked-in syndrome* ou a síndrome do encarceramento? Como o sujeito lida com o estranhamento da imagem corporal? Qual a função da obra autobiográfica para o sujeito? Quando o corpo vacila e fraqueja, como manter o desejo? Eis algumas questões

que nos inquietaram e foram disparadoras para a investigação do tema, no sentido de entender a obra com base nos recursos utilizados por Bauby.

Pretendemos, então, identificar a saída ou as saídas do sujeito para se manter desejante e continuar fazendo laço, ou melhor, qual a solução sintomática construída ou a invenção nos moldes lacanianos. Questionamos de outra maneira: qual a via de sustentação do corpo por Bauby após o AVC? O que faz Bauby diante da queda dos semblantes da beleza? O que ele faz diante da presença desse olhar do Outro, quando cai o semblante da beleza? Como ele se defende do desamparo? Respondidas tais questões, pudemos extrair do caso apresentado na obra e no filme a especificidade da invenção do sujeito.

A película *O escafandro e a borboleta* dirigida pelo cineasta americano Julian Schnabel em produção franca- americana, ganhou o prêmio de melhor diretor no Festival de Cannes; no Globo de Ouro, de melhor diretor e melhor filme adaptado, foi indicado ao Oscar nas categorias de melhor diretor, fotografia e roteiro adaptado. Ao longo de 152 minutos, exibe o drama e a história de Bauby resumida e marcada pelo acontecimento que promoveu ruptura radical na vida do sujeito: o desencadeamento do AVC o *locked-in syndrome*.

Julian Schnabel, além de cineasta é um artista plástico reconhecido e respeitado mundialmente pelas suas obras. O filme em questão tem a marca do artista plástico, que transforma a película em verdadeira obra-prima; as imagens se relacionam com o pensamento de Bauby e retratam o que foi para este o *locked-in syndrome* por meio da imagem de um grande *iceberg* ruindo aos pedaços ─ metáfora que mostra o aspecto traumático do AVC. Nos cortes das cenas, apresenta as imagens de Bauby quando criança, jovem e ele desfigurado depois do AVC.

O jogo de imagens, delicado e metafórico, serve de suporte para retratar os pensamentos e sentimentos de Bauby. O protagonista não é mostrado de imediato. A abertura do filme se dá com várias imagens de raios x da coluna, do esqueleto, do fêmur, do crânio e da bacia ─ visão do corpo para a medicina. Por outro lado, o cineasta revela a imagem do corpo por meio dos pensamentos, mostrando a tensão entre o dentro e o fora do corpo revestido pela subjetividade e pela história de uma vida, de um homem. A fotografia do filme é a retratação dos pensamentos e das falas de Bauby representadas em imagens de borboletas, de escafandro no fundo do mar, de paisagens da praia, de geleiras em desabamento, de abismos e do mar. Tais imagens representam a dimensão do infinito, do limite, do inesperado, da superação e da fantasia.

O jogo de imagens e a sequência de cenas fazem o espectador se interessar, cada vez mais, por conhecer o drama do protagonista e mais se identificar com ele. O cineasta não economizou nas imagens nem no jogo de luz: penumbra, sombras e distorções ao confrontar o

espectador com o universo solitário, sombrio e desconhecido do escafandro, marcado pelo encarceramento, pelo silêncio, pela paralisia. Escafandro: o corpo limitado pela paralisia e reduzido ao olhar de um olho. Borboleta: as lembranças, a fantasia e a escrita.

Nas primeiras cenas, a imagem embaçada e turva, a falta de luz marcam a entrada em cena de Bauby deitado no leito hospitalar, paralisado e desfigurado. Embora escute e compreenda os discursos ali circulantes não consegue emitir o som da própria voz, nem se mover; resta-lhe o olhar de um olho. Mas a imagem dele é o menos importante para o cineasta, interessa-lhe a captura dos pensamentos, as indagações mentais, as lembranças e os sentimentos do personagem diante do despertar do coma e do desconhecimento dos efeitos da patologia. O jogo de imagens e o embaraço da visão marcam as cenas em que se encontra o protagonista após o AVC.

O filme explora as imagens pelo olhar de Bauby. O encadeamento das cenas e as sequências das imagens (turvas e com distorções) acompanham o deslocamento da câmera e da filmografia. O cenário e o enredo se passam em torno do personagem principal, em sua maioria no ambiente hospitalar, na enfermaria, na sala de fisioterapia e no terraço de onde ele aprecia o mar e se encontra com os amigos e parentes.

O cineasta destacou poucos personagens na filmografia: equipe médica na figura do neurologista, a fisioterapeuta, a ortofonista, os amigos e familiares (o pai, os filhos e a ex-mulher). Além disso, dá relevância aos encontros e desencontros de uma vida reduzida por um AVC.

A trilha sonora compõe-se de 17 músicas, dentre as quais as que remetem a clássicos do cinema, como a da abertura e fechamento do filme *La Mer* (1946), do francês Charles Trénet. Essa música mostra paixão e contemplação pelo mar, que remete à dimensão do olhar voltado para o inusitado e para o infinito que ele representa, mas não o paralisa. Aqui, vemos a dimensão da metáfora do escafandro: este limita e impede o movimento e, ao mesmo tempo mostra a surpresa dos novos movimentos. A música revela como a imagem nos pode enganar e surpreender, promovendo ilusão.

O cineasta nos ensina o quanto a imagem é insuficiente para dizer de um sujeito. É preciso colocá-la em palavras: o que Bauby vê, ouve, pode sentir e o que recorda. O cineasta e diretor demonstra um saber fazer com as imagens, brinca com a iluminação e a sequência e repetição delas. Assim, faz o espectador acompanhar paulatinamente a história e identificar-se com o aprisionamento de Bauby a *locked-in syndrome*, com a abertura da janela de onde Bauby se vê e vê o mundo ao seu redor. A película é o olhar de Bauby traduzido em palavras e imagens, especificamente, o que ele faz com esse olhar, reduzido ao próprio corpo. As imagens no filme

primam, assim como no livro, pelo humor e pela leveza. Apesar da tragicidade, fazem-nos sair do escafandro, da paralisia de Bauby encaixotado no próprio corpo.

Sandrine, a fonoaudióloga e criadora do modo de comunicação, foi fundamental para retirada da "voz em off" de Bauby do silêncio, ao recuperar os pensamentos dele, que nomeou de "anjo da guarda". Tal entidade, segundo o catolicismo, é o enviado de Deus para proteger o cristão durante a vida e o conduzir aos caminhos menos perigosos e arriscados. Diante dessa metáfora utilizada por Bauby, percebemos que a função de Sandrine seria protegê-lo da solidão e preservar-lhe a vida, ao proporcionar o nascimento de um desejo: a escrita de si mesmo.

No caso, observamos que a técnica utilizada para comunicação, a tradução do piscar do olho em emissão vocal e escrita, era marcada por desencontros e limites, pois a velocidade de pronúncia das letras pelo tradutor precisava ser no tempo hábil para Bauby consiguir piscar e ainda precisava que o olhar do outro estivesse dirigido apenas para o olho esquerdo dele. Essa técnica permitiu o nascimento de uma obra escrita. Assim, Sandrine, guardou, preservou a possibilidade de ele sair da "voz em off".

As palavras e as páginas, antes de serem ditadas, foram ruminadas por Bauby em pensamento e depois extraídas pelo referido método de comunicação. Tal estratégia recuperaria a própria história, deixaria algo de si para o outro ─ a palavra escrita, a voz não silenciada. Só assim, ele não se perderia na "solidão forçada"[8] nem no esquecimento. Há nesse processo um trabalho de elaboração e ressignificação da própria história (simbólico),

> No crachá alcochetado ao avental branco de Sandrine, está escrito "ortofonista", mas deveria estar "anjo da guarda". Foi ela que instaurou o código de comunicação sem o qual eu estaria isolado do mundo (BAUBY, 1997, p. 43).

Para se comunicarem, era necessária a tradução vocal do alfabeto por meio do piscar do olho e a disposição e desejo do outro de entrar no jogo com o Outro. Bauby sabia que quem tem mais facilidade de jogar são as mulheres e quem joga palavras cruzadas.

> Nem todos agem da mesma maneira diante do código, como também se chama esse método de tradução de meus pensamentos. Quem costuma fazer palavras cruzadas e jogar mexe-mexe ganha disparado. As garotas se saem melhor que os garotos. De tanto praticar, algumas conhecem o jogo de cor (BAUBY, 1997, p. 25).

Ele revelou que passava minutos e horas pensando, decorando o que iria falar quando chegasse Mendibil, o que seria escrito, recuperado e ditado para ela. A tradução ocorria em dois tempos: no primeiro, o trabalho de repetição e ruminação dos pensamentos; no segundo tempo,

---

[8] Expressão utilizada por Bauby.

o trabalho de separação das ideias para tornar público, o momento de abrir a boca. No ato de repetir, separar e selecionar o ditado por meio do piscar do olho, constatamos certa satisfação. A fenda palpebral tornou-se um órgão de gozo, para gozar do corpo e da vida.

Em torno de Bauby, havia uma equipe preocupada com os aspectos subjetivos e com a recuperação física, principalmente a fonoaudióloga (na França, ortofonista). Conforme veremos a seguir, destacamos uma cena do filme na qual se anuncia a má notícia dada pelo neurologista. Em visita ao leito, explica a ele, sucintamente, a gravidade e raridade da patologia acometida, revelando se tratar de caso raro, mas deixa abertura para uma invenção quando fala: "há que se ter esperança".

Temos como hipótese que, no caso de Bauby, o acontecimento *locked-in syndrome* o confrontou com o real e com a fragmentação da imagem corporal. Percebemos isso na cena em que ele olha a própria imagem refletida na janela da enfermaria do hospital e já não se reconhece. Essa passagem de estranhamento e não reconhecimento da própria imagem refletida no reflexo da vitrine do hospital está presente no livro e no filme.

Com o uso do olho e o do piscar da fenda palpebral do olho esquerdo, lentamente Bauby saía do silêncio e da paralisia. Por meio do apelo e do endereçamento feito com o olhar a ele seria possível ele sair da "voz em off". A fonaudióloga construíra uma decodificação do alfabeto francês por meio da qual, com a frequência de uso, o outro apresenta uma saída e aposta no sujeito. Diante disso, o sujeito não silenciaria.

Após a explicação da fonaudióloga a Bauby do modo de funcionamento do sistema de comunicação, aplicou-se o primeiro ditado, letra a letra, por meio do piscar do olho. Ela pronunciava letra por letra do alfabeto, enquanto Bauby escolhia a letra pelo piscar do olho. Ela, por sua vez, capturava a letra escolhida e já unia a outra letra até transformar palavra, frase, parágrafo e capítulo. Assim, surgiu o livro e o filme que nos presenteam com essa história aquém e além de qualquer definição.

A primeira palavra ditada à ortofonista foi *Je*, "eu" em Francês. No filme, ele anuncia o desejo de morrer, mas ela não o aceita. Dessa forma, Bauby seguia em luta pela vida, monitorado pelo aparato tecnológico, pela equipe médica e secretariado pela fonaudióloga, pela fisioterapeuta e por Claude Mendibil, que demonstrava desejo decidido de trabalho. De certa maneira ─ percebemos ─, Bauby capturava e interpretava o desejo das mulheres que cuidavam dele.

Sandrine, fonaudióloga, desejava que Bauby recuperasse a capacidade de emitir sons e voltasse a falar. Ela, nos encontros semanais, junto ao leito, revia os próprios métodos de trabalho e propunha uma bateria de exercícios, para ele consiguir mexer a língua, engolir a saliva,

mastigar e engolir os alimentos. Com isso, poderia voltar a emitir sons, a falar. Ela pedia que ele soltasse um beijo, tentasse fazer um bico com os lábios e, com a ponta da língua, tocar o céu da boca e o lábio superior.

Brigitte, a fisioterapeuta, diante desse caso, se confrontava com o desafio da paralisia corporal. Ela toca, manipula, exercita, estimula o movimento do corpo dele, para ele responder aos exercícios com movimentos. Qualquer movimento seria uma vitória e avanço, mas o corpo biológico insistia em mostrar-se imóvel. A verdade é que Bauby estava cercado de, pelo menos, duas mulheres cuidadoras desejavam que ele voltasse a falar e a movimentar-se.

Destacamos a parceria estabelecida entre Bauby e a secretária Claude Mendibil, a quem ele se dirigia quando escolhia as letras para compor as palavras e as frases. Em seu trabalho diário, Bauby era mobilizado pelo desejo vivo de escrita. Com leveza e certa dose de dispersão, ele ia construindo o prefácio de um pequeno livro de 142 páginas, ─ trabalho hercúleo do sujeito para manter-se desejante. Ele não se paralisava, nem silenciava, como também não se deixava encapsular, totalmente, pelo escafandro. Leiamos a abertura do livro:

> O escafandro já não oprime tanto, e o espírito pode vaguear como borboleta. Há tanta coisa para fazer. Pode-se voar pelo espaço ou pelo tempo, partir para a terra do fogo ou para a Corte do Rei Mida.Pode-se visitar a mulher amada, resvalar para junto dela e acariciar-lhe o rosto ainda adormecido. Construir castelos de vento, conquistar o Velocino de Ouro, descobrir a Atlântida, realizar os sonhos de infância e as fantasias da idade adulta. Chega de dispersão. Preciso compor o início destes *cadernos de viagem imóvel* e estar pronto para quando o enviado do meu editor vier tomar o ditado, letra por letra. Na minha mente, remoo dez vezes cada frase, elimino uma palavra, junto um adjetivo e decoro meu texto, parágrafo após parágrafo (BAUBY, 1997, p. 10, grifo nosso).

A obra constitui-se de 28 capítulos; tem narrativa simples, escrita na primeira pessoa e títulos curtos. A abertura é uma lição clara e sistemática que explica ao leitor leigo o conceito do AVC, em especial, o *locked- in syndrome* bem como os seus possíveis efeitos e impactos sobre o corpo, o trabalho e a vida, seguindo a experiência do próprio autor.

A escrita da obra é atravessada pela descrição e apresentação do que foi para o autor o acidente vascular cerebral, a fim de testemunhar a própria verdade diante de mudança radical de vida ─ solidão, silêncio e sofrimento. A escrita lhe surgiu como uma possibilidade diante da contingência de ter o corpo reduzido a um único olho.

Os temas desenvolvidos ao longo da narrativa são: a descoberta dos efeitos da síndrome do encarceramento, a descrição do ambiente hospitalar, o surgimento do hospital de Berckey, na França, local onde ele foi internado. Na obra escrita Bauby descreve o perfil dos pacientes

atendidos, apresenta ao leitor a rotina dos cuidados paramédicos, além do sofrimento dele próprio diante do silêncio e dos rituais de sofrimento ─ vida, em certa medida, paralisada pela contingência. Além da descrição do ambiente hospitalar e dos impactos causados pelo AVC, ao longo dos capítulos, fazem-se presentes as lembranças e as recordações da própria vida marcada por um antes do trágico acontecimento: a parceria com as mulheres, o pai, o trabalho como editor da revista *Elle*.

Bauby escreveu sobre a dependência do outro, o confronto com desfiguração da imagem corporal, a importância da figura do pai para o homem e as recordações antes do AVC. Assim, ora ele nos remete ao AVC, ora nos remete ao momento vivido anteriormente. O marcador temporal entre o presente e o passado foi o grave acidente.

Durante a internação no hospital, Bauby recebia correspondências de amigos, conhecidos e familiares, dentre as quais as cartas e os cartões eram lidos para ele por Claude Mendibil. O conteúdo eram mensagens de encorajamento e incentivo, como também os outros partilhavam com ele os pequenos acontecimentos: as banalidades da vida cotidiana.

Recebidas as correspondências, criou-se um pequeno ritual: uma vez por mês, Bauby juntamente com Claude Mendibil lia-as mensagens e depois as respondiam. Dessa forma, a escrita é um artefato que possibilita o laço com o outro e o estabelecimento de troca; algo circula entre um e o outro. No caso, as cartas e as mensagens propiciavam esse circuito de palavras lidas, escritas e trocadas com o outro.

Assim, ele trocava correspondências e se comunicava por meio das cartas e de telefonemas mediados por Claude Mendibil. Bauby, ao telefone, ouvia a mensagem de quem havia telefonado e, num segundo momento, ela fazia a tradução vocal dos pensamentos, palavras e frases emitidas por Bauby por meio da decodificação do piscar do olho, ou seja, a mensagem era traduzida do piscar para a emissão vocal. A mensagem, então, chegava ao receptor pela voz feminina de Claude Mendibil. Sobre os efeitos dessa forma de comunicação e de enunciação ─ servir-se da voz do outro para poder ter acesso a própria voz para o outro ─, ele percebeu que o silêncio angustiava os interlocutores, porque queriam ouvi-lo. A certeza do silêncio de Bauby desencadeava angústia em quem telefonava para ouvi-lo.

> Muitas vezes me pergunto que efeito esses *diálogos de mão únicaexerce* sobre meus interlocutores. A mim, transtornam. A esses telefonemas carinhosos *eu gostaria tanto de não responder só com o silêncio*. Que para algumas pessoas aliás é insuportável. A doce Florence não fala enquanto eu não respirar ruidosamente junto ao fone, que Sandrine mantém colado a minha orelha: "Jean-Do você está aí? "pergunta Florence inquieta no outro lado da linha. "*Devo dizer que de vez em quando já não tenho muita certeza*" (BAUBY, 1997, p. 45, grifo nosso).

Essa citação sugere que o ruído da respiração e a escrita de Bauby eram uma forma de não se deixar silenciar pela contingência e manter-se desejante, investindo na vida.

Cabe aqui abrir um parêntese para explicar o conceito da solução sintomática para a teoria e a clínica psicanalítica, como invenção do sujeito em lidar com o mal-estar, invenção como construção subjetiva no sentido singular, original, conforme, propõe Miller (2003), algo além da descoberta:

> Há certamente uma zona semântica comum entre invenção e criação. A invenção se opõe habitualmente a descoberta. Descobre-se o que já está lá, inventa-se o que não está. Por isso a invenção tem parentesco com a criação. Porém, o sentido do termo "invenção" é, nesse caso, o de uma criação a partir de materiais existentes. Eu atribuiria de boa vontade à invenção o valor de bricolagem (MILLER, 2003, p. 6).

No caso analisado, observamos diferentes modos de se servir do olho: o olho que serve para olhar e o olho tomado pelo sujeito como instrumento de fala e de escrita apoiado no apelo e no endereçamento ao outro, que reage com movimento de abrir e fechar a fenda palpebral, no sentido de satisfazer o circuito pulsional e, com isso, fazer um sintoma. Em outras palavras, dá-se uma antinomia entre o órgão e a sua função, pois o olho é utilizado para falar. Ele torna-se o órgão de gozo, a parte do corpo capaz de fazer o sujeito satisfazer o circuito pulsional e, assim, gozar do corpo e da vida. (MILLER, 2003)

Enfim, o piscar do olho é um sintoma, a solução encontrada pelo sujeito. O sintoma para a psicanálise ─ vale ressaltar ─ é solução de compromisso: por um lado, promove satisfação pulsional e, por outro, desencadeia sofrimento. Cabe destacar a concepção de sintoma como o parceiro do sujeito que promove um mais de gozar.

Na clínica psicanalítica de orientação lacaniana, na direção do tratamento, não se visa à eliminação do sintoma, no sentido de removê-lo; mas, por ele funcionar como assinatura, invenção do sujeito, deve-se responsabilizar o sujeito pelo modo de gozar. A psicanalista Machado(2008) afirma que o sintoma é problema e, ao mesmo tempo, solução. Ela nos ensina sobre ele como problema e solução assim:

> A satisfação embutida no sintoma fixa o sujeito numa posição em que ele sofre, mas também goza. Como operar sobre esse ponto desconhecido por aquele que sofre? Esse ponto em que o sujeito está fixado foi o modo encontrado por ele para estar no mundo, para lidar com o Outro. Se, por um lado, isso é um problema, por outro, é também uma solução. Assim, não podemos pretender acabar com o sintoma, porque estaríamos acabando com a solução, ou seja, o jeito singular que cada sujeito encontrou para si. (MACHADO, 2008, p. 45).

Por meio das palavras de Machado (2008), podemos concluir que o sintoma é único para cada sujeito e é uma resposta construída para lidar com o enigma da castração do Outro, ou melhor, com o enigma do desejo do Outro (aqui estamos referindo-nos ao campo da neurose).[9]

Quinet (2003) faz distinção entre o sintoma na visão do saber médico e o sintoma na concepção do saber psicanalítico, destacando a concepção antitética da medicina e da psicanálise bem como as similitudes.

A psicanálise rompe com a medicina, particularmente, no que diz respeito à concepção do sintoma, e a direção do tratamento, apesar de aquela ter surgido com um médico neurologista. Para o saber médico, o sintoma se vincula a outros e diz respeito à significante doença; o médico visa à sua eliminação, o saber sobre o doente quem o possui é o médico. Por sua vez, a psicanálise vê o sintoma como um significante, mas não significante patológico, e sim com o significado recalcado, particular e que diz da verdade do sujeito do inconsciente. Assim, para a psicanálise, o sintoma remete a um dizer do falante. Quanto ao tratamento, o analista ocupa o lugar daquele que não sabe sobre o sofrimento e o sintoma, cabendo ao sujeito produzir um saber sobre o próprio sofrimento. O analista é aquele em que o sujeito supõe um saber, mas, de fato, quem o sabe é o próprio sujeito, embora este não saiba que sabe.

Segundo Quinet (2003), a descoberta do inconsciente passa pelo sintoma. A descoberta do inconsciente é a descoberta da origem sexual e diz respeito à determinação significante. Conforme o autor, “o invólucro formal do sintoma” varia de acordo com a época e com a cultura.

2.2 Sobre o Acidente Vascular Cerebral – AVC

A título de esclarecimento, abordamos nesta seção o que é o acidente vascular, suas implicações físicas, as perdas e mudanças provocadas nos seus portadores bem como as possíveis formas de tratamento, já que Bauby foi acometido por um tipo específico de AVC designado *locked-in syndrome*.

[9] A neurose, a psicose e a perversão são tipos clínicos que se caracterizam por estrutura discursiva e relação específica com o saber. No caso da neurose, trata-se do tipo clínico caracterizado pela presença do sintoma, do discurso que apresenta o significante do Nome-do-Pai e se orienta no sentido de uma dívida para com o Outro; a relação do sujeito com o saber é sempre de um não todo, ou seja, na transferência, o sujeito supõe um saber ao analista (CALLIGARIS, 2013).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o AVC ou derrame, como é popularmente conhecido, diz respeito a uma das principais causas de morte e uma das maiores responsáveis por sequelas e incapacidades no Brasil e no mundo. Perdeapenas para as doenças cardiovasculares (BRASIL, 2013a).

Com relação às sequelas mais frequentes provocadas pelo AVC descritas na literatura, são: dificuldades na fala, paralisia de alguma parte do corpo e perda motora moderada ou severa. O acometido pelo AVC sofre como efeito imediato, ou súbito, uma série de perdas funcionais, comprometimento na execução das atividades da vida diária, como: vestir-se, trocar de roupa, alimentar-se, andar e falar (BRASIL, 2013a).

Assim, quem sofre com o AVC passa por um período de dependência do outro, o que acarreta perda de autonomia durante um período curto ou duradouro. Com relação aos fatores de risco para o desencadeamento do AVC, segundo a literatura especializada, são a idade após 55 anos, alterações genéticas e pessoas com doenças cardiovasculares. Entretanto, preconizam-se algumas ações preventivas: abstinência do uso do tabaco, controle da diabetes, controle das taxas de colesterol e triglicerídeos, dotação do hábito de atividades físicas e alimentação saudável (BRASIL, 2013b).

Em virtude dos dados estatísticos alarmantes, o Ministério da Saúde, juntamente com as sociedades médicas, criou e implementou a linha do Cuidado do AVC, instituída pela Portaria MS/GM nº 665, de 12 de abril de 2012. Como parte dessa iniciativa, elaborou-se um curso nacional de capacitação na prevenção e no tratamento do AVC. O objetivo da linha é integrar a rede de assistência para se consolidar uma assistência capaz de alcançar desde a atenção básica até a alta complexidade em que estejam envolvidos os acometidos pelo AVC, de modo a receberem o atendimento imediato e adequado (BRASIL, 2013b). Outra iniciativa foi a criação, em 2013, de um *Manual de rotina para atenção ao AVC*[10], que descreve o protocolo, as escalas e as orientações aos profissionais da saúde para o manejo clínico, a fim de os profissionais atuarem de maneira adequada desde a atenção básica ─ ambulatório, SAMU[11], sala de estabilização ─ até a entrada hospitalar. O manual distribui o conteúdo em 14itens: o protocolo pré-hospitalar, o fluxograma de atendimento do acidente vascular cerebral agudo, os tipos de transformaçãos hemorrágica, as escalas de classificação, a investigação etiológica em AVC, a investigação eti-

[10] Esse *Manual de Rotina para Atenção ao Acidente Vascular Cerebral* foi elaborado por uma equipe de profissionais especializados pertencentes ao Ministério da Saúde de Doenças Cerebrovasculares, à Academia Brasileira de Neurologia, à Rede Brasil AVC e à Associação Médica (BRASIL, 2013a).

[11] SAMU─ Serviço de atendimento móvel de urgência.

ológica em pacientes jovens, o protocolo de atendimento para pacientes com infarto agudo extenso da artéria cerebral média,a escala internacional de AVC com os descritores sintomáticos que indicam o nível do AVC e se estão ocorrendo complicações hemorrágicas, dentre outras especificidades e complicações em virtude do quadro hemorrágico (BRASIL, 2013a).

Logo no início do manual, descrevem-se os principais sintomas do quadro clínico do AVC com menos de cinco horas de evolução: fraqueza ou dormência de um dos lados do corpo; confusão ou dificuldade para falar ou entender de início súbito; dificuldade para enxergar com um olho ou ambos; dificuldade para caminhar; tontura ou incordenação de início súbito e surgimento de cefaleia intensa e súbita sem causa aparente. Então, concluímos queo referido manual é uminstrumento clínico, pois além de descreveros sinais e sintomas do quadro clínico, orienta diretrizes para a conduta e a direção do tratamento, o qual deve ser conduzido pelos profissionais de saúde. (BRASIL, 2013a).

Na nossa pesquisa, restringimo-nos a um caso específico de AVC, o*locked-in syndrome ou LIS*, síndrome do encarceramento ou pseudocoma. Trata-se de rara patologia, sobre a qual há poucosestudos na neurologia. O quadro clínico apresentavariações, mas em geral, se caracteriza pela tetraplegia, paralisia da língua e do palato. No entanto, há preservação da consciência e do movimento ocular por meio do qual é possível o paciente se comunicar. A causa mais frequente descrita na literatura é a obstrução da artéria basilar decorrente de infecção tóxica ou de um trauma (DOLLFUS et al., 1990). Segundo Dollfus et al. (1990), no artigo *The locked-in syndrome: a review and presentation of two chroniccases*, o primeiro caso descrito na literatura médica data de 1876: uma física francesa que foi acometida pela *locked-in syndrome* aos 30 anos de idade. No campo da arte literaturaria, foi o escritor francês Alexandre Dumas, em 1846, o primeiro a descrever um personagem que apresentava a *locked-in syndrome*: no clássico *O conde de Monte Cristo*, o personagem acometido pelo AVCchama-se o Sr. Noirtier, descrito detalhadamente por Dumas:

> A vista e o ouvido eram os dois sentidos que ainda animavam, como duas faíscas, aquela matéria humana já meio talhada para o túmulo; e desses dois sentidos só um podia revelar externamente a vida interior que animava a estátua, e o olhar que denunciava essa vida interior era semelhante a uma dessas luzes distantes que, durante a noite, dizem ao viajante perdido num deserto que há um ente que vela nesse silêncio e nessa escuridão. *Faltava-lhe decerto o gesto do braço, o som da voz, a atitude do corpo, mas aqueles olhos poderosos supriam tudo: mandava com os olhos, e agradecia com os olhos. Era um cadáver com olhos vivos*, e nada mais aterrador do que aquele rosto de mármore no cimo do qual se incendiava uma cólera ou brilhava uma alegria (DUMAS, 2008, p. 619, grifo nosso).

A *locked-in syndrome*, síndrome do encarceramentoou pseudocoma, nos chama a atenção, primeiro pela raridade, já que há poucos estudos na psicanálise sobre esse tema; segundo, pela vitimização de um sujeito que passa a se confrontar com o real do corpo, com a solidão e o silêncio. A impossibilidade de verbalizar e do silêncio chamou-nos a atenção e despertou-nos o interesse no sentido de como se criar um lugar de fala para o sujeito acometido pela *locked-in syndrome* poder expressar e elaborar o sofrimento. Neste estudo, interessa-nos saber que tipo de tratamento ao real da contingência foi possível a Bauby. Na condição de pesquisadora, despertou-nos o desejo de saber como o sujeito enfrentou tal acontecimento e de quais recursos subjetivos utilizou para lidar com o real.

Ao longo da pesquisa, como já lembramos superficialmente, encontramos três casos clínicos de sujeitos que sofreram AVC e que nos chamaram a atenção pelo uso da escrita como possibilidade de um dizer e um fazer com o real: o caso da bailarina Silvia Wolff, o da professora Ana Tavares e o do jornalista francês Jean-Dominique Bauby. Após o ocorrido, cada um, a seu modo, serviu-se do uso da escrita para a criação de uma obra, a fim de lidar com a experiência do confronto com o real do despedaçamento corporal. O que podemos aprender com esses casos sobre a função da escrita? Elesmostramcomo cada sujeito inventa uma escrita. Isso não é por acaso, pois a escrita opera no sentido de promover novo arranjo dos três registros (o real, o simbólico e o imaginário). O uso da escrita ─ assim entendemos ─surge não apenas no sentido de romper o silêncio e o confinamento, mas principalmente como uma invenção para se lidar com o real do corpo.

O caso da *locked-in syndrome* ocorrido com a artista plástica e educadora pernambucana Ana Tavares Bastos Barbosa também merece destaque, pois, apesar de ficarparalisadahavia 12 anos, não se deixou abater: escreveu sua tese de doutorado na USP, utilizando-se da mesma técnica do piscar do olho usada por Bauby. Dessa forma, ela pôde dar contribuição significativa no campo da educação por meio da pesquisa de seu doutorado.

Ana Tavares Barbosa (2014) escreveu sua tese intitulada *Além do corpo: uma experiência em arte/educação* na qual aborda o uso da arte na arte/educação voltado para crianças com necessidades especiais. Para tanto, ela trabalhou com crianças que apresentavam paralisia cerebral, lesões cerebrais, a fim de mostrar a importância do outro, do encontro corporal para o processo de aprendizagem. Um dos seus objetivos com a tese foi estimular as sensibilidades proprioceptiva e extereoperceptiva no sentido de se desenvolver a distinção entre o espaço e o corpo. Dessa forma, ela mostra a importância do campo cultural como fator fundamental para o desenvolvimento (BARBOSA, 2014). Baseada na própria experiência (AVC, a fratura da

unidade corporal), demonstra que a experiência do educar é uma experiência de corpo (BARBOSA, 2014). Nesse sentido, a tese revela o modo de cada sujeito usar o corpo como instrumento de aprendizagem e simbolização.

A psicanalista Nara Pratta (2016), no artigo *O sujeito em movimento: "Um" acidente, "Uma" dança, "Um" corpo,* descreveu parte da pesquisa de doutorado (em andamento) em que tomou como objeto de estudo o caso de Silvia Wolff, a qual sofreu um AVC e passou três dias em coma. Em sua tese, Wolff escreveu sobre tal experiência, o que resultou em vivência de um *corpo amorfo*. E agora, como dançar? Essa era a preocupação da bailarina e um questionamento apresentado no trabalho de pesquisa. O confronto com o real do despedaçamento corporal convocou-a ao trabalho de pesquisa e de escrita. Na pesquisa desenvolvida, ela indagou sobre os princípios e padrões estéticos de perfeição e de beleza adotados no *ballet*, tendo como referência a própria formação de bailarina clássica e a experiência do AVC. Uma questão atravessou a pesquisa de Silvia:

> Por que quero viver na dança? O que quero da dança? [...] Este questionamento já estava presente antes do AVC, mas no momento, torna-se mais decisivo". Os questionamentos de Silvia saem do patamar teórico e atravessam o corpo. É com isso que a bailarina tem que se haver após o AVC (PRATTA, 2016, p. 3).

Na qualificação do doutorado, Silvia Wolff escreveu uma coreografia para outra bailarina e a intitulou de *Luto*. Ao voltar a entrar em cena para dançar, nomeou a coreografia de *O novo cisne*. No referido trabalho, pôs em cena a dicotomia e as diferenças dos lados do corpo, o esquerdo e o direito, no intuito de ilustrar as constantes negociações corporais de tempo e espaço (PRATTA, 2016).

Pratta (2016), ao analisar a escrita e os depoimentos de Silvia, observou a contingência do AVC que levaria Silvia à pesquisa e à escrita de um trabalho, questionando os ideais de beleza e de princípios na dança, a fim de dar lugar aos pacientes em reabilitação, e proporcionar, na dança um lugar ao sofrimento psíquico e um modo de lidar com o real do AVC. A tese de Silvia (2010) intitula-se *Momento de transição: em busca de uma nova Eu dança*. Segundo a conclusão de Pratta (2016), Silvia Wolff, diante da contingência do AVC, construiu, por meio do amor à dança, uma coreo/grafia para sua autobiografia; logo, nova dança e, com ela, um lugar para ser sujeito.

No artigo *A invenção de uma escrita*, Marie-Hélène Blancard (2009) propõe, baseada na ilustração e nos comentários de três casos clínicos de psicose atendidos por ela, que, diante do fracasso do semblante, a invenção de uma escrita pôde operar como nova forma de enoda-

mento com o mundo. Diante do exposto, pensamos que o uso da escrita nos casos de Ana Tavares, de Silvia Wolff e de Jean-Dominique Bauby opera no sentido de fazer objeção à pulsão de morte, consequentemente, de tecer um véu diante do confronto com o real do despedaçamento corporal, que irrompe em virtude do acontecimento AVC, e com isso criar um semblante, afim de recuperar a unidade corporal.

Na nossa pesquisa, interessa-nos, especificamente, o caso de Bauby, pois ele criou a escrita-testemunho realizada em parceria com um outro. Ele ditava as letras por meio do piscar do olho esquerdo e Claude Mendibil as captava e as juntava, transformando-as em palavras e frases. Depois esses apontamentos diários foram transformados em capítulos e livro. Tal parceria possibilitou a tessitura da escrita- testemunho, naqual se narra o acidente e suas repercussões no âmbito social, afetivo e psíquico. Seria essa escrita uma forma de fazer laço, de ter um lugar no mundo? Tal escrita promove a tessitura de novo corpo? Que invenção é essa? Trazemos, então, as palavras de Miller (1991, p. 38): "não é possível sustentar-se no mundo sem que, entre o significante e o significado, haja em algum lugar um grampo". Seria a escrita uma forma de fazer um grampo? A escrita é o grampo que resta para ter um lugar?

2.3 A Clínica do Real: Escutando o Sujeito Acometido Pelo AVC

No campo da psicanálise, Winorgrad, Solteiro-de-Campos e Drummond (2008), no artigo *O atendimento psicanalítico com pacientes neurológicos,* problematizam a especificidade clínica do atendimento psicanalítico a pacientes neurológicos adultos com AVC, traumatismo crânio-encefálico (TCE) e demência: a demanda que passa pelo outro (seja a equipe de saúde, seja alguém da família) baseado em experiência clínica em atendimento realizado tanto no ambulatório de fonaudiologia do Instituto de Neurologia Deolindo Couto (UFRJ) quanto no serviço de psicologia aplicada do departamento de psicologia da PUC (Rio). Outra especificidade diz respeito ao afrouxamento*no setting* terapêutico e à adesividade da transferência vinculada ao saber médico. Com isso, fica claro no artigo, a dinâmica do atendimento requer habilidade do profissional em lidar com as contingências e demandas familiares. Como se percebe a clínica dos sujeitos acometidos pelo AVC marcada pela especificidade de ser uma clínica entre vários, de requerer manejo clínico capaz de dar um lugar de fala ao paciente e ao mesmo tempo, de manejar com as demandas familiares. No entendimento das citadas psicanalistas, o tratamento dos pacientes neurológicos destina-se a promover ao sujeito expressão subjetiva, articulando as fantasias para possibilitar um investimento no futuro (WINORGRAD, SOLTEIRO-DE-CAMPOS, DRUMMOND, 2008).

Ainda no mesmo artigo, as autoras citam dois grandes grupos de psicanalistas que trabalham com pacientes neurológicos: o grupo inglês de Mark Solms e o grupo francês de Hélène Oppenheim-Gluckman. O inglês utiliza tanto o diagnóstico neuropsicológico quanto o psicanalítico para o tratamento e demonstra que os pacientes se podem beneficiar com a psicanálise para lidar com o sofrimento subjetivo. Já o grupo francês se preocupa com a cognição como questão a serinvestigada na psicanálise.

Ao longo do artigo, as autoras problematizam os dois saberes, ─ neuropsicologia e psicanálise ─, aproximando-os e distanciando-se. A neuropsicologia visa à adaptação do indivíduo, preocupando-se com as perdas e com o sujeito racional; já a psicanálise se volta para o sujeito do inconsciente, mas não desconsidera a contingência – e saber do sintoma como solução construída pelo sujeito para lidar com o real de uma contingência.

Em outros termos, a psicanálise se volta para o impacto AVC no psiquismo, ou melhor, o comprometimento da relação do sujeito com o desejo e a fantasia, no sentido de resgatar o sujeito de desejo, um lugar para poder falar e elaborar o sofrimento, gozar do corpo e da vida.

A clínica psicanalítica direcionada ao atendimento a pacientes portadores de AVC adota os mesmos princípios da clínica: o manejo da transferência, a escuta da singularidade do sujeito no sintoma e o modo de gozar. O desafio dessa clínica reside no fato de ser uma prática entre várias. Cabe ao analista salvaguardar o lugar para o sujeito da enunciação e do desejo, não se tornar mais um profissional da série voltado ao AVC.

Nesse sentido, o próprio alcance da psicanálise éum modo específico de tratamento do qual qualquer sujeito se pode servir, desde que haja o desejo de falar e esteja ele consciente para falar quando no encontro com o analista.

A clínica psicanalítica não apresenta restinção àquele que demanda ser escutado e tem um sofrimento. Freud mostrava-se contrário à aplicação da psicanálise voltada para psicóticos e idosos, em virtude da uma dificuldade no manejo da transferência: mas atualmente, não há tal restrição. A clínica do real é a que se volta para a dimensão do gozo do sintoma e da fantasia e considera presente em todo falante a dimensão do impossível de dizer e de simbolizar. A segunda clínica volta-se para o falante na dimensão do seu saber fazer com o gozo. Com isso considera a dimensão do Um do gozo em todo falante.

Ansermet (2014), no artigo *Medicina e psicanálise: elogio do mal-entendido,* mostra que, cada vez mais, o psicanalista está sendo convocado a intervir nos impasses, no horror e nas perplexidades que surgem no campo da medicina. Há demanda dirigida aos psicanalistas no sentido de responderem sobre aquilo que surge como inominável e de apresentaremuma solução. A especificidade e a solução proposta pela clínica psicanalítica ocorrem no sentido de

estase servir do amor de transferência, dar um lugar à singularidade do sujeito e transformar o sintoma em sintoma analítico bem comoassegurar o mal-entendido, os impasses, a fim de que cada sujeito encontre uma saída singularpara lidar com o real.Assim, o psicanalista deve assegurar a singularidade do sujeito ─ desafio nos tempos atuais, quando há demanda de saída padronizada para o sofrimento de maneira imediata e idealizada.Em virtude do confronto com o real e das novas formas de sofrimento efeitos do discurso médico, torna-se cada vez mais frequente a interlocução entre a psicanálise e a medicina.

Além da descoberta do inconsciente, a originalidade da psicanálise será o reconhecimento de que o sintoma é a expressão do corpo afetado pela palavra do Outro. Já o nascimento dela se dá com a questão sobre o sofrimento que afeta o corpo. (ZUCCHI, 2015). Segundo (2006, p. 19) Lacan ensina, "há no meu corpo um monte de coisas de que não sou consciente [...]". Dessa feita, a psicanálise opera com a linguagem, precisamente com o efeito que esta produz no corpo como produção de um modo de gozar do corpo.

Segundo Siqueira (2014) na tese *Corpo escrito: um estudo psicanalítico sobre nomeações e marcas corporais*, o conceito de corpo e o de gozo para a psicanálise de orientação lacaniana, são indissociáveis, uma vez que, para ocorrer o segundo, faz-se necessária a existência do primeiro, corpo vivo e falante, como nos propõe Miller (1999). Convém destacar a diferença primordial na forma de a psicanálise conceber o conceito do corpo, que está além do concebido na anatomia e na biologia, pois na concepção psicanalítica, o sujeito não é um corpo, ele o tem, ele o constrói com base no estádio do espelho e da experiência de alienação e separação do Outro, como veremos, de maneira pormenorizada, no segundo capítulo desta tese. Sendo assim, o campo de investigação da psicanálise concebe o corpo como marcado pela *lalíngua*, o sem sentido da linguagem.

Com relação à neurologia, esse campo de saber nos mostra que o homem tem a capacidade de se adaptar, de obter satisfação e de reinventar novo modo de viver e de se relacionar com os objetos, como nos casos clínicos atendidos pelo neurologista londrino Oliver Sacks em sua obra escrita. Sacks publicou vários livros sobre os casos clínicos por ele atendidosnos quais descreve em detalhes a capacidade dos pacientes neurológicos e as perdas por eles sofridas, bem como a capacidade de alguns em se adaptarem à nova realidade. Sacks (2010) narra diferentes casos clínicos de pacientes acometidos por agnosia visual, afasia, prosopagnosia (adquirida e congênita), dentre outras patologias decorrentes do AVC, inclusive caso do melanoma ocular sofrido pelo próprio autor.

Em *O olhar da mente* Sacks (2010) apresenta vários casos clínicos, mostrando, minuciosamente, as saídas encontradas em cada caso, ou melhor, as adaptações construídas pelas próprias pessoas vitimadas, para enfrentar os diferentes desafios diante das contingências da vida. Na exposição dos casos elevaloriza a força e a coragem de cada sujeito e, acima de tudo, concebe-os como inventores ─ já que eles criam novas formas de se relacionarem com os objetos ─ bem como demonstra que é possível criar a partir da diferença (SACKS, 2010).

Dentre os casos descritos e analisados na obra *O olhar da mente,* recordamos um em especial, o caso de Lilian Kallir, famosa pianista e intérprete de Mozart e Chopin. Ela fez a primeira apresentação em público aos quatro anos de idade. Tornou-se professora de piano e casou com o músico Claude, da mesma idade. Lilian, aos 67 anos, escreveu uma carta para Sacks em 1999, queixando-se de não mais conseguir ler as partituras; conseguia apenas ler as notas separadamente. Ela havia percebido o primeiro desencadeamento em 1991, durante sua apresentação de concertos para piano, de Mozart. De imediato, o programa foi alterado. O fato é que, repentinamente, achou a partitura ininteligível ─ conseguia ver as notas e as pautas individualmente, mas o conjunto já não fazia sentido. Logo pensou tratar-se de algum problema ocular. Então, decidiu, executar o concerto de memória. No entanto, meses depois, ocorreu novo episódio: as habilidades em ler as partituras ficaram comprometidas. Isso fê-la recorrer à memória musical para executar as peças, mas parecia comprometida a capacidade de aprender novas músicas por meio do uso de partituras (SACKS, 2010). A saída encontrada por Lilian foi o improviso e o recurso da memóriamusical, o uso das lembranças. Contudo, três anos após, surgiu outra dificuldade: ler as palavras, as sentenças e as frases, que se tornaram estranhas e ininteligíveis como pequenos apagões que iam surgindo e desaparecendo. A capacidade de escrever, porém, estava preservada, tanto que trocava correspondências com os ex-alunos. O marido é que lia para ela (SACKS, 2010).

Pouco tempo depois, Lilian começou a apresentar outros problemas visuais: deixou de perceber os objetos à sua direita ─ deficiência que a fez deixar de dirigir ─ e passou a não reconhecer determinadas pessoas, por exemplo os velhos amigos. Por causa desses sintomas, ela foi encaminhada à equipe de neurologia, que solicitou uma bateria de exames, a fim de buscar e analisar as possíveis causas da dificuldade de reconhecimento visual iniciada com a música, depois com as palavras, com os objetos e, em seguida, com os rostos da figura humana. Diagnosticou-se atrofia cortical posterior do hemisfério esquerdo ─ doença atípica e ainda sem tratamento; mas os neurologistas recomendaram algumas estratégias para ela lidar com o reconhecimento e a leitura dos objetos (SACKS, 2010).

Como efeito da patologia, houve perda significativa do repertório musical, o quefez abandonar a apresentação em público. O agravamento da doença permitia-lhe apenas perceber traços e características individuais dos objetos. Por exemplo, se mostrassem a fotografia de uma pessoa, ela conseguiria identificar os óculos, nada mais. Em razão da gravidade da patologia e da raridade, o fato de não reconhecer os objetos nem ler despertou o interesse e a curiosidade de Sacks: como fazia ela para lidar com essa dificuldade? De que maneira executava as atividades cotidianas? Como podia andar pela casa sem se perder, preparar os alimentos e servi-los, dentre outras atividades? (SACKS, 2010).

Na visita em domicílio, Sacks se surpreendeu com a capacidade de Lilian reconhecer os objetos da própria casa─ é que ela colocava os objetos sempre no mesmo lugar e usava do olfato para reconhecê-los.

> Embora visualmente Lilian quase não pudesse reconhecer coisa alguma na cozinha, ela a organizara de tal modo que raramente, ou nunca, ocorriam erros, e para isso usava um sistema de classificação informal em vez do conhecimento perceptual direto. Categorizava as coisas não com base no significado, mas na cor, no tamanho, forma e posição; pelo contexto, por associação, mais ou menos como um alfabeto organizaria os livros numa biblioteca. Cada coisa tinha seu lugar, e Lilian memorizara isso (SACKS, 2010, p. 23).

Em razão da patologia, a pianista criou novo sistema de categorização dos objetos e, para tocar piano, fechava os olhos, já que ficava angustiada, quando via a partitura e não conseguia ler. Próprio da patologia, passou a apresentar dificuldade progressiva na leitura das partituras e do mundo ao seu redor, ou seja, a identificação dos objetos deixou de ser feita pela sua significação, e sim pelas cores, tamanhos, formas e posição. Na última visita domicíliar feita ao casal Lilian e Claude, Sacks analisou como Lilian se deslocava e a chamou para sair. Imediatamente aceitou e começou a cantar *O andarilho*, de Schubert. Sacks, ao acompanhá-la ao supermercado, percebeu que ela memorizara o mapa do supermercado, pois sem dificuldade, pegava e colocava no carrinho de compras as frutas e verduras (SACKS, 2010). É interessante perceber a recordação dessa música: o significante *andarilho*remetia a uma orientação pela música na vida de Lilian.

Com o progresso da doença, ela enfrentou crescentes desafios perceptuais e cognitivos: dependia, cada vez mais, do marido; do uso da memória para tocar piano, organizar as coisas e os objetos ao seu redor; do uso mais frequente do tato, do olfato e da audição. Reconhecia os vizinhos pelas vozes e pelos sons. Convém destacar que as faculdades mentais para tocar músicas foram preservadas, ou seja, aquilo que dela fazia laço com o outro no campo do Outro social e dava um lugar ficou preservado. (SACKS, 2010).

Pelo exposto, podemos perceber, a cada sujeito é possível uma saída diante da contingência e do confronto com o real. No caso de Lilian, havia um tripé que lhe possibilitava continuar desejando e investindo na vida ─ a música, as correspondências e o parceiro amoroso. A música continuou sendo sua saída para lidar co m o confronto com o real e continuar tendo um nome. A pianista, o uso da escrita das cartas e a troca de correspondências permitiram manter o laço com o Outro social─ o parceiro amoroso, o músico, que lia Lilian como uma partitura, Li-lian, funcionando como o objeto olharaquele a refletir as imagens e os significados para ela, um verdadeiro intérprete de partitura.

Com os casos clínicos descritos por Sacks (2010), aprendemos que a genética não é uma determinação absoluta. Devemos considerar a incerteza e os imprevistose o que é possível a cada falante. Se, por um lado, a neurologia demonstra que a capacidade cerebral é plástica, a partir de determinado acontecimento causador da perda funcional, bem como que há capacidade de reorganização fisiológica para suprir determinada carência, podendo a capacidade cerebral se modificar com o tempo em função do meio e de sua interação; por outro lado, a psicanálise nos ensina que cada sujeito tem um modo de gozar e de se satisfazer o que não se perde. Há novo arranjo pulsional a partir do confronto com o real e, muitas vezes, cria-se novo órgão e modo de gozo. Assim, esses casos da neurologia nos mostram como gozamos com o corpo e como o corpo é algo que o falante inventa. Conforme Freud (1996e), o homem não abandona as formas de satisfação, ele as substitui por outras.

> Ao crescer, as pessoas param de brincar e parecem renunciar ao prazer que obtinham do brincar. Contudo, quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. *Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra*. O que parece renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou ab-rogado (FREUD, 1996e, p. 136, grifo nosso).

Em *Escritores criativos e devaneios*, Freud (1996e) observa que, da mesma forma que a criança se satisfaz ao brincar, os adultos se satisfazem com o fantasiar, além disso, o homem busca, continuamente, satisfazer-se.

Sacks (2010) problematiza que os desafios enfrentados não são apenas para as pessoas que adoecem, mas também para aqueles que, direta ou indiretamente, lidam com as doenças crônicas.

> Quem visita um hospital de doentes crônicos em geral fica horrorizado ao vercentenas de pacientes “incuráveis”, muitos deles paralíticos, cegos ou mudos. A primeira ideia costuma ser: será que vale a pena viver dessa maneira? Que tipo de vida essas pessoas podem ter? Preocupado, o sujeito se põe a pensar como reagiria à perspectiva de ficar

> incapacitado e ser internado num lugar assim. Mas talvez depois comece a ver o outro lado. Mesmo não sendo possível a cura ou pelo menos alguma melhora para esses pacientes, ainda é possível ajudar muitos deles a reconstruir sua vida, desenvolver outros modos de fazer as coisas, aproveitar seus pontos fortes, encontrar compensações e acomodações diversas. (*Isso obviamente vai depender do grau e do tipo de dano neurológico e dos recursos internos e externos de cada paciente*) (SACKS, 2010, p. 45, grifo nosso).

Como se vê, Sacks (2010) percebeu as doenças não como condenação ou mortificação, e sim como algo que mobiliza o homem a se adaptar e a desenvolver modo diferente de vivenciar o mundo e os objetos ao redor, conforme a possibilidade de cada sujeito, do ponto de vista subjetivo e fisiológico.

Em *O Olhar da mente* (2010), Sacks, no último capítulo, dedica-se a descrever o próprio drama da descoberta do melanoma ocular, que provocou a perda da visão central do olho direito e, em seguida, a perda da visão periférica, além de expor vários outros casos de cegueira congênita e adquirida, no sentido de problematizar a perda da visão e a consequente mudança na relação com o mundo e com o outro diante de tal acontecimento. Ele demonstra, por meio das suas descrições e dos relatos de quem perdeu a visão, que ocorre mudança na forma de reconhecer os objetos e alteração na noção de profundidade, perspectiva e distância, ou seja, o sujeito reorganiza a percepção recorrendo a outros recursos e desenvolve um saber fazer distinto. Segundo o referido autor ficar cego no final da vida requer maior esforço para ordenar o mundo e encontrar novo modo de viver (SACKS, 2010).

Na nossa leitura da obra *O olhar da mente*, destacamos dois aspectos valorizados pelo autor: primeiro, há de se considerar o desejo do sujeito que adoece, a fim de continuar investindo na vida, consequentemente inventa novo modo de viver; segundo, considere-se a importância do outro, para haver esse investimento e invenção sintomática. O outro apresentado nos casos clínicos como intérprete e apoio que o sujeito encontra faz um apelo e endereçamento e a quem este se dirige.

> A linguagem, a mais humana das invenções, pode possibilitar o que, em princípio, não deveria ser possível. Pode permitir a todos nós, inclusive os cegos congênitos, *ver com os olhos de outra pessoa* (SACKS, 2010, p. 210, grifo nosso).

Essa citação explicita que, de fato, graças à linguagem introduzida pelo Outro concebemos o nosso corpo, o outro, o eu e o mundo. No caso dos pacientes neurológicos, como vimos na obra de Sacks, o sujeito se serve do outro (conformeLacan, como pequeno outro ou especular, aquele que nos serve de espelho) para obter reconhecimento e uma imagem de si e um lugar para ser sujeito no social.

O homem é efeito de linguagem, nenhum significante é eterno, como formulado por Lacan (1985, p. 56); logo há sempre uma via possível para invenção, considerando, obviamente, a singularidade de cada caso. Para exemplificar essa possibilidade de abertura e de virada do significante, recorda-nos um caso clínico (narrado a seguir) publicado na *Revista Correios*, o qual ilustra uma mudança de posição subjetiva.

Determinado sujeito se apresentava como um *fracassado* tanto nas relações afetivas como nas relações profissionais. Filho de uma mãe religiosa e de família marcada pelo poder feminino, tinha no nome próprio a palavra *Jesus*e seidentificava com essa nomeação. Diante disso, nas suas relações, sacrificava o próprio desejo identificado com o significante Jesus. Assim, enlaçava-se nas relações por meio do sacrifício, pois, para ele, era esse o modo de gozo (LOPES, 2010). A analista fez a intervenção e promoveu retificação subjetiva, operando no sentido de fazer vacilar a certeza e mostrar que o significante se tratava de um semblante e o equívoco operava no sentido de abrir novos semblantes. Vejamos como se deu isso no fragmento da sessão de análise:

> Certo dia, interrogou, com angústia e magoado, por que sua mãe, ao nomeá-lo, havia agregado ao seu nome próprio o de Jesus. A analista intervém indagando:
> – Sim, mas como é que isso o magoa?
> – É que me dou conta que sempre estive identificado com Ele.
> – Como assim? – interroga a analista.
> – Assim, doutora, identificado com o crucificado (nesse momento se emociona).
> A analista, tentando introduzir uma equivocação lógica na direção do gozo masoquista, diz:
> – Você esqueceu o ressuscitado? (LOPES, 2010, p. 29)

É interessante perceber no caso que essa intervenção promoveu desconstrução no discurso do analisante, operando mudança na posição subjetiva, pois abriu nova possibilidade para desfrutar da vida ─ houve ganhos e conquistas profissionais de que o falante poderia desfrutar (LOPES, 2010). O exemplo acima, mostra que o significante pode ser um norteador na vida de um sujeito, como também pode abrir uma outra via de possibilidade para outro significante, menos destrutivo. No caso de Bauby, veremos a seguir que o significante borboleta permitiu ao sujeito uma borda e um véu diante do real, do significante escafandro.

3 DO OUTRO À FANTASIA: UMA ABERTURA PARA INVENÇÃO

> É aí, no Outro que está o inconsciente estruturado como uma linguagem.
> (LACAN, 2008, p. 220).

Neste capítulo, ocupamo-nos com o conceito de Outro, artefato fundamental à compreensão da especificidade da fundação do sujeito para a psicanálise; por conseguinte, interessa-nos saber: qual a importância do conceito do Outro para o falante? Quais os nomes dados por Lacan ao Outro? São questões norteadoras para se refletir sobre o caso de Bauby, em particular, para se compreender como o sujeito se serve do Outro com o intuito de manter-se desejante diante da contingência do AVC. Em função disso, retomamos as quatro formulações conceituais sobre o de Outro em Lacan, a saber: primeiro, o Outro é o tesouro do significante; segundo, ele autentica a imagem corporal do sujeito por meio das cenas do estádio do espelho; terceiro, o desejo humano é o desejo do Outro; por último, não menos importante, a angústia é a presença maciça do desejo do Outro.

3.1 O Outro em Lacan

Didaticamente, podemos dividir dois momentos no ensino lacaniano. O primeiro abrangeu o período de 1953-1970, marcado pela transmissão da uma primazia do simbólico e pela importância da palavra e do significante, quando Lacan propunha o retorno ao texto freudiano, já que este vinha sendo negligenciado e, em certa medida, esquecido. O segundo momento, ocorreu entre 1970 e 1981 quando reviu o próprio ensino psicanalítico: percebeu que algo escapa à palavra, ao significante e à linguagem. Logo ele recorreu à lógica matemática e à topologia, a fim de construir o conceito de *sinthoma* e de *falasser*. Tal atitude promoveu avanço no seu ensino, visando valorizar a dimensão do registro do real e do gozo. Percebemos, então, uma virada conceitual, isto é, os estudos se voltando para a dimensão do gozo enquanto um pedaço de real (FORBES; RIOLFI, 2014).

Sobre as formulações conceituais em Lacan (2006), Safatle, na tese de doutorado *A paixão do negativo* analisando o uso da dialética em Lacan, observa que há fissuras e modulações conceituais ao longo de toda a obra. Diz-nos Safatle:

> De fato, é impossível negar a existência de modificações profundas de cartografia conceitual na trajetória de Lacan. O que nos deixa com a questão de saber como devemos ler alguém cuja experiência intelectual é marcada pela produção plástica de conceitos. A meu ver, talvez só seja possível ler Lacan à condição de escutarmos o

> ritmo da formação de seus conceitos, o que nos exige atenção à pulsação invariável de suas questões centrais. Ou seja, para além das rupturas, faz-se necessário saber escutar o sentido dos múltiplos retornos de Lacan a motivos que pareciam ultrapassados (SAFATLE, 2006, p. 24).

O comentário de Safatle explicita o trabalho de Lacan para formular o avanço do seu ensino em movimento dialético. Mas, no entendimento dos psicanalistas de orientação lacaniana, há nítida distinção entre o primeiro e o segundo. Vimos, no primeiro capítulo, que o primeiro ensino se caracteriza pela primazia do simbólico, o paradigma orientador da clínica é que o inconsciente se estrutura como uma linguagem; já no segundo ensino, Lacan seguiu o paradigma de Joyce, a clínica é a da invenção e do saber fazer com o real; logo, ele se voltou para três aspectos da linguagem: a dimensão do fora de sentido, a linguagem como aparelho de gozo, e um pedaço de real.

Em virtude das modificações conceituais e do desafio de capturar o ponto irredutível do conceito de Outro em Lacan, convém fazermos um esforço no sentido de compreender tal conceito, começando com alguns questionamentos: a saber: o que fundamentou o conceito do Outro no ensino de Lacan? Qual a importância do Outro para o sujeito? Quais as premissas fundamentais sobre o conceito de Outro? Quais os nomes atribuídos ao Outro em Lacan? Ele abandonou o conceito de Outro? Como se serviu desse conceito na clínica? Pretendemos, por meio desse percurso, compreender como Bauby se utilizou da linguagem para manter-se desejante.

Lacan propôs o retorno a Freud (2017), especificamente, o retorno da virulência atribuído à palavra. Manzi, no artigo *Então, vocês terão entendido Lacan?,* afirma que a transmissão lacaniana estava a serviço de um nome, Freud no sentido de reinventá-lo e extrair dele a virulência da psicanálise para mantê-la viva na cultura. Ao ler Freud e reinventá-lo, Lacan deu nova dimensão ao passado e construiu os conceitos de RSI e objeto *a*.

Conforme Miller (2009), Lacan nomeou a descoberta freudiana de acontecimento Freud e de traumatismo freudiano e buscou recuperar esse traumatismo da linguagem. De outra parte, Lacan tomou a linguagem, o uso da palavra e o ato de fala como sendo especificidades daquilo que nos constitui na condição de humanos, seres falantes. O homem é efeito de linguagem, efeito do discurso do Outro (LACAN, 2009).

Outro é aquele que fornece a dimensão humana, que está no início da fundação do humano, o lugar de onde se origina a história do sujeito, o nosso ponto de partida para a construção do mito individual, porque, antes de nascermos, biologicamente, temos nome, sexo, determinada profissão, enfim, já existe um esboço de lugar para o sujeito nos discursos familiares (pais, ou aqueles que cuidam da criança). Assim, antes de a criança falar, ela já é falada por um outro (LACAN, 2009).

Para Forbes e Riolfi (2014), o fato de valorizar e enfatizar a importância da linguagem, fez Lacan tornar-se conhecido mundialmente. Em seu ensino, ele introduziu a articulação entre psicanálise, linguística e estruturalismo. Por consequência, introduziu a dimensão do significante como o primado do inconsciente, ou seja, este joga com os efeitos de linguagem. Uma das premissas do ensino lacaniano é que "O inconsciente é o discurso do Outro" (LACAN, 2003a, p. 334) e "[...] a linguagem é a condição do inconsciente" (LACAN, 2003b, p. 404). Essas afirmações ilustram o tempo em que o ensino de Lacan está marcado pela primazia do simbólico.

Com Freud Lacan aprendeu que o inconsciente apresenta os mecanismos próprios da linguagem ─ a metáfora e a metonímia ─, nomeados por Freud, respectivamente, de condensação e deslocamento.

A importância atribuída à linguagem na concepção lacaniana se dá no sentido daquilo que marca a nossa posição subjetiva diante do outro e, do modo singular, de cada um de gozar da vida. Assim, o homem é efeito do cristal da língua, é criação do significante e da imagem proveniente do Outro.

Em *Radiofonia*, Lacan (2003b) expõe, de maneira minuciosa, a importância atribuída à linguagem e ao discurso para a psicanálise. A linguagem e, consequentemente, o discurso são a condição *sine qua non* do inconsciente, do sujeito e da constituição de um corpo. Ele considera a linguagem como artefato que estrutura a subjetividade e molda a realidade humana. No mesmo texto, ele caracteriza a psicanálise como forma de tratamento que trabalha, por meio da transferência, com a língua particular de cada sujeito, possibilitando, por meio do amor de transferência, um saber fazer com o traumático produzido pelo choque da língua no corpo (LACAN, 2003b).

Com a segunda clínica, Lacan nos ensinou que a estrutura de cada discurso se define pela criação de uma barreira ─ uma defesa do gozo do Outro da linguagem. Cada estrutura de discurso possui quatro lugares: o agente, a verdade, o outro e o produto. Ele formulou que existem quatro modalidades de discurso: o do mestre, o universitário, o histérico e o do analista. Segundo observou, podemos circular de um discurso a outro, mas o tratamento analítico se caracteriza pela introdução e operação do sujeito no discurso do analista, que possibilita ao sujeito implicação e responsabilização na enunciação, permitindo considerar o real e o mais-de-gozar presente na língua.

Eis a premissa fundamental sobre o inconsciente: "O inconsciente é estruturado como uma linguagem" (LACAN, 2003a, p. 334). Qual a consequência dessa premissa? De início, só há sujeito, porque há linguagem, pois, o Outro é o lugar da linguagem, segundo Lacan, o tesouro

dos significantes. Logo, graças ao Outro, especificamente a linguagem, o inconsciente existe, por conseguinte o sujeito existe como ser de desejo. O inconsciente é um discurso, proveniente do Outro, a instância simbólica, a alteridade responsável por dar ao sujeito um lugar, onde ele localiza o saber e a verdade sobre o próprio desejo. Leiamos o que nos afirma Lacan:

> O inconsciente é o discurso do Outro. O discurso do Outro não é o discurso do outro abstrato, do outro da díade, do meu correspondente, nem mera e simplesmente o do meu escravo, é o discurso do circuito no qual estou integrado. Sou um dos seus elos. É o discurso do meu pai, por exemplo, na medida em que meu pai cometeu faltas as quais estou absolutamente condenado a reproduzir- é o que se denomina de *superego*. Estou condenado a reproduzi-las porque é preciso que retome o discurso que ele me legou, não só porque sou filho dele, mas porque não se para a cadeia do discurso, e porque estou justamente encarregado a transmiti-lo a outrem. Tenho de colocar a outrem o problema de uma situação vital onde existem todas as possibilidades que também venha a tropeçar, de forma que este discurso efetua um pequeno circuito no qual se acham presos uma família inteira, um bando inteiro, uma facção inteira, uma nação inteira ou a metade do globo. Forma circular de uma fala, que está justo no limite do sentido e do não sentido, que é problemática (LACAN, 2010, p. 127, grifo do autor).

Percebemos que o sujeito está, em certa medida, preso, ou melhor, enlaçado, alienado ao discurso do Outro, pois estamos inseridos numa malha discursiva que faz cada um construir um mito, uma história sobre si, como já afirmamos anteriormente. “O Outro é a dimensão exigida pelo fato de a fala se afirmar como verdade. O inconsciente é, entre eles, seu corte em ato” (LACAN, 1998e, p. 853). Sobre a primeira alienação, afirma Lacan: “Que o Outro seja para o sujeito o lugar de sua causa significante só faz explicar, aqui, a razão por que nenhum sujeito pode ser causa de si mesmo” (LACAN, 1998e, p. 855). O que o Outro quer de mim? Tentamos responder a tal enigma, fantasmaticamente, ofertando-nos como objeto para satisfazer o desejo do Outro. Daí o aforisma lacaniano afirmar: o desejo é o desejo do Outro, isso de maneira inconsciente. Por meio da experiência de entrada em análise e do ICS, percebemos que “O inconsciente só tem sentido no campo do Outro” (LACAN, 1998e, p. 856). Logo, o sujeito tem como causa um outro, no qual supõe a resposta ao enigma do próprio desejo.

Na segunda clínica, Lacan toma como paradigma que a linguagem é aparelho de gozo. Em termos gerais, podemos perceber, o analista resultado da experiência discursiva que possibilita um saber fazer com a nossa língua particular e com o sintoma. (LACAN, 1992).

Com relação a Bauby, chamou-nos a atenção como ele respondia a demanda das mulheres que dele cuidavam, e seu esforço em não se deixar paralisar. A propósito, a metáfora da borboleta parece significar a tentativa de mostrar que poderia voar e viver. Parece-nos ser efeito da fala paterna, numa das cenas do filme, quando Bauby cuida do pai, já idoso, e faz a barba dele. O pai, ao se recordar da mulher, a mãe de Bauby, diz: “Se sua mãe estivesse viva, ela teria orgulho de você”. Esse dito paterno ─ inferimos ─ produziu efeito em Bauby, no sentido de

que daria orgulho às mulheres. Assim, a família é um dispositivo responsável por transmitir os significantes e os modos de gozo e de fazer laço aos descendentes de uma herança, que é a relação específica com a linguagem um modo específico de desejar e de gozar.

Lacan (2008) em *O mito individual do neurótico*, refere-se à construção fantasmática do sujeito, já que, antes de nascermos biologicamente, o Outro nos dá um lugar, um nome e com isso marca o nosso desejo e o nosso lugar no mundo, no laço social. Vejamos a afirmação de Lacan sobre as falas fundadoras que marcam a nossa vida, diante de uma contingência:

> As falas fundadoras que envolvem o sujeito, são tudo aquilo que o constitui, os pais, os vizinhos, a estrutura inteira da comunidade, e que não só constitui como símbolo, mas o constitui em seu ser. São leis de nomenclatura que determinam- pelo menos até certo ponto- e canalizam as alianças a partir das quais os seres humanos copulam entre si e acabam criando, não apenas outros símbolos, mas também seres reais, que, ao virem ao mundo, têm imediatamente *esta pequena etiqueta que é o sobrenome*, símbolo essencial no que diz respeito a seu quinhão (LACAN, 2010, p. 34).

É interessante destacarmos o efeito impresso pelo significante no sujeito por meio do nome e do sobrenome uma herança, porque o pai transmite uma marca, uma letra ao nomear o filho: um modo de gozo.

O mito familiar é responsável pela transmissão de um discurso, de significantes. Para a tessitura desse mito, Lacan retomou a formulação freudiana do complexo de Édipo e a dividiu, didaticamente, em três tempos. Em resumo, o primeiro tempo se caracteriza pela relação simbiótica entre a mãe e a criança, quando esta se posiciona como o objeto satisfatório da mãe, passando a ser interrogada por meio da demanda materna. No segundo tempo, o pai está presente e a criança o percebe; ele intervém, privando a mãe da criança ─ fundamental privação para posterior separação simbólica entre a mãe e a criança. O terceiro caracteriza a saída e a resolução do Édipo, quando a criança percebe o desejo da mãe dirigido para o pai, o portador do falo e da lei (LACAN, 1999).

Portanto, a criança percebe que o pai é quem possui o objeto que a mãe deseja. Assim, o significante do Nome-do-Pai é o significante que interpreta o desejo materno, transmitindo a significação fálica para criança. Dessa forma, a criança se identifica com o pai como aquele que possui falo, para poder ser desejada pela mãe. Logo, é indispensável para o engendramento da constituição subjetiva o Nome do-Pai, o significante que tenta dar coesão à ordem simbólica por meio da nomeação (LACAN, 1999).

Para a psicanálise, todo neurótico está submetido à lei fálica. Como estamos às voltas com o falo, inicialmente nos identificamos ao falo materno e, quando entra o Nome-do-Pai, também aquele que porta ou possui o falo, ao significante que interpreta o desejo materno. Essa

é a lógica da neurose, pois na psicose,[12] o sujeito fica alienado e identificado ao falo materno, fica no primeiro tempo do Édipo.

Assim, a fundação do humano, conforme a psicanálise, se dá a partir da localização da falta no Outro, especificamente da falta de resposta oriunda do Outro para o enigma da questão "o que queres de mim? " Logo, o sujeito, para se constituir, identifica-se, fantasticamente, como sendo um objeto que preenche a falta do Outro seja como um objeto ou significante que falta no campo do Outro. Daí o sujeito se constitui, segundo a lógica da neurose. Contudo é imprescindível ele concluir que o Outro deseja e não o preenche, para que o sujeito possa se constituir, enquanto um ser de desejo (MASOTA, 1987). Logo, o sujeito neurótico localiza no Outro um ponto de falta, um furo, algo de enigmático. O neurótico responde a esse enigma por meio da fantasia, conseguindo colocar um ponto de basta na linguagem, graças à metáfora paterna, o significante do Nome-do-Pai que permite barrar, em certa medida, o gozo do Outro materno por meio da identificação ao pai (MASOTA, 1987).

Em Bauby, percebemos a identificação ao pai, na condição de impotência, pela dificuldade de locomoção e da invalidez. O pai de Bauby, um idoso, dependia do outro, apresentava dificuldades de locomoção. O significante escafandro nomeia a identificação ao pai.

> Ambos somos uns *locked-in syndrome*, cada um à sua maneira: eu na minha carcaça, ele no seu terceiro andar. Agora é a mim que precisam fazer a barba todas as manhãs, e muitas vezes penso nele, quando um atendente me rala consciosamente as bochechas com uma lâmina de oito dias. Espero ter sido um Figaro mais cuidadoso (BAUBY, 1997, p. 49, grifo do autor).

É interessante perceber nessa passagem que ora ele se identifica ao pai que dependia de um outro, preso no corpo ora se vê como "filho cuidadoso". A identificação ao pai, enquanto habitante de um escafandro, possibilita-lhe servir-se do pai, fazendo-se o pai do próprio nome quando escreve uma obra para falar de si. A fantasia de ser borboleta vem dar suporte ao desejo de escrever.

De acordo com o ensinamento de Lacan (2005), a fantasia e o sintoma são formas de defesa diante do confronto com o real que aparece na cena e com ele o desencadeamento da angústia. A fantasia é construção do sujeito e uma forma de responder à questão enigmática da fundação humana: o que o Outro quer de mim? Por meio da fantasia, o sujeito tenta responder

[12] Segundo Laurent (2012), o psicótico é invadido pelo Outro e pelos objetos e se defende dessa invasão do gozo por meio da passagem ao ato, do uso da ironia, da distância e da paralisia.

a tal questão, atendendo ao desejo do Outro. Assim, outra formulação lacaniana é delineada: “o meu desejo é o desejo do Outro” (LACAN, 2008, p. 99)

Não há sujeito sem o Outro, já que o homem se faz homem a partir do Outro da linguagem, para se constituir sujeito de desejo. Faz-se necessária, então, a existência do Outro que invista e reconheça a dimensão humana no *infans*. “Essa dimensão do Outro, nela encontramos nosso lugar, nosso lugar eficaz, na medida em que saibamos não reduzi-la” (LACAN, 2005, p. 68).

O Outro também é o lugar de reconhecimento do sujeito e o campo da linguagem se supõe um saber. Sobre o Outro como aquele que reconhece e fornece uma imagem, tal qual se lê no artigo, *O estádio do espelho como formador do eu*, Lacan (1998f) propõe o seguinte: do outro especular é que constituímos nossa imagem corporal, que é fornecida pelo reconhecimento dado no campo do Outro. Isso proporciona saída para fragmentação e despedaçamento corporal. Ao se promover, porém, a unidade corporal por meio da experiência do estádio do espelho, ocorre a ortopedia do eu. A imagem corporal tem a marca do significante, que vem do Outro.

A imagem especular, ou seja, a ilusão de unidade corporal provém da experiência do Outro, na condição de espelho. Graças ao olhar do Outro, em cena, sobre o sujeito, ocorre a saída do despedaçamento da imagem corporal. Assim, a relação especular caracteriza-se pela experiência da criança com o olhar do Outro como espelho, ou seja, como instância que fornece e reflete imagem distorcida, não condizente com a realidade factual, já que a imagem resulta da interpretação do sujeito com base no olhar do Outro. Seguindo a perspectiva lacaniana, o sujeito constrói e se apropria do próprio corpo, passando a acreditar que tem um corpo, originado no corpo do Outro.

Diante do exposto, a formação do nosso eu e da nossa imagem, se constrói de mera ficção ─ interpretação da imagem fornecida pelo Outro. Logo, a imagem corporal construída pelo sujeito não corresponde ao que ele vê: é ficção resultante da experiência entre o sujeito e o Outro, ou seja, o Outro fornece a imagem para o sujeito por meio de uma interpretação. Adiante, trataremos disso de maneira pormenorizada.

O eu, o outro e o Outro são três conceitos essenciais para se compreender o conceito de sujeito em Lacan. O pequeno outro remete ao duplo e ao especular. O semelhante, aquilo que Freud nomeou de narcisismo, faz parte do registro do imaginário, a dimensão do semelhante e do rival.

> Afirmar que o eu é uma ficção pode nos parecer de imediato estranho, pois não existimos sem um eu e um corpo, com um nome e uma imagem com os quais nos reconhecemos. Não existe um eu sem um corpo e vice-versa. Na constituição do eu, estão os traços do Outro, bem como as imagens. A imagem, o espelho que carregamos de nós mesmos ou aquela que o Outro nos devolve, porta uma miopia que se apresenta bem precocemente e com a qual temos que conviver (MUCIDA, 2009, p. 41).

O estatuto do imaginário em Lacan é o registro que promove um sentido e, consequentemente, fornece a ilusão de unidade corporal representada pela dimensão do olhar por excelência. O olhar do Outro está no início da constituição da subjetividade por meio da autenticação de uma imagem ao corpo, tal qual problematiza Queiroz (2014). Essa autora em *Trama do olhar* (2014), se volta à dialética olhar e ser olhado, mostrando-nos que o olhar do Outro está no início da constituição do aparelho psíquico e tem função antecipatória na organização do eu, ou seja, no início está o olhar. E esse olhar do Outro opera tanto como espelho, por possibilitar alienação em relação à imagem do Outro, quanto no sentido de permitir uma separação, quando ele vem a faltar (QUEIROZ, 2014).

No estádio do espelho, o *infans* é confrontado com a imagem fornecida pelo Outro, com a qual há duas formas de lidar: o apaziguamento quando se constitui a unidade corporal imaginária e o estranhamento diante do confronto com o despedaçamento, com o impossível de simbolizar. Para Lacan, há ambivalência constitutiva no reflexo da imagem: se, por um lado, o olhar do Outro promove apaziguamento por meio da nomeação e da interpretação fornecida ao sujeito, por outro lado, esse olhar aponta para um ponto enigmático, uma mancha, algo estranho que promove relação de desconforto e mal-estar do sujeito diante do espelho.

Bauby respondeu a esse olhar estrangeiro que não o reconhecia e não olhava como sujeito por meio do humor negro. Isso foi possível, porque no momento anterior, houvera um olhar que nomeara e o reconhecera como sujeito desejante; também porque ele não tivera afetado a memória, tanto que as lembranças estavam presentes.

3.2 O Outro e a Demanda

O Outro da demanda é encarnado pela figura da mãe como função simbólica, que pode ser desempenhada por qualquer pessoa, desde que exerça a função da maternagem. Trata-se, segundo a psicanálise, da função que remete à reorganização do corpo, ao fornecer significantes, palavras, carícias, olhar e afeto.

O Outro da maternagem é aquele que olha e frustra a criança, ou seja, o que transmite experiências corporais e de vida ao bebê, erogenizando o corpo do *infans*, e, consequentemente, introduz o corpo do filho na malha discursiva e na borda entre o corpo e o mundo.

> A mãe simbólica está correlacionada à mãe lacaniana clássica, aquela que se inscreve na metáfora paterna por meio do significante do Desejo da Mãe, resultante da introdução do primeiro jogo simbólico do *falasser*, a saber, o jogo de oposição entre a presença e ausência da mãe. Esse jogo de oposição é uma condição fundamental da ordem simbólica, vincula um princípio de separação que vai operar na constituição do sujeito. A mãe introduz o vazio de sua ausência, cuja primeira simbolização vai constituir o Desejo da Mãe. A mãe simbólica não existe como tal para a criança desde o início e sim a partir do jogo do Fort-da, jogos articulados de modo extremamente precoce na vida. A presença-ausência é articulada para o sujeito no registro do apelo. A vocalização da criança faz apelo à mãe quando ela está ausente e a rejeita quando está presente. A escansão do apelo mostra a inseminação da ordem simbólica na criança, o que viabiliza a ação da linguagem sobre o corpo e suas necessidades, sobre os objetos e o gozo (BARROSO, 2015, p. 63, grifo do autor).

A presença e a ausência da mãe são fundamentais para a constituição subjetiva, já que a mãe, ao faltar, introduz para a criança a dimensão do desejo, da falta. Com isso, a criança interpreta que não a completa. Assim, abre a possibilidade de a criança se tornar um sujeito desejante. Conforme Lacan, o Outro da demanda é aquele que pode dar resposta ao apelo do sujeito, ou seja, o Outro da demanda é a função que promove a passagem da necessidade da criança ao desejo por meio da interpretação e significação feita pelo Outro.

Em *O desejo e sua interpretação*, ensina Lacan (2016): o desejo do sujeito passa pelo desejo do Outro. Ao esboçar o grafo do desejo, dividiu-o, didaticamente, em três etapas: na primeira, ele observa que o choro da criança não entra ainda na cadeia significante; na segunda, depois de uma aposta do Outro, como aquele que interpreta o balbucio e vai significar, entra-se na relação especular; na terceira etapa, diante do não saber do desejo enigmático do Outro, a criança faz um endereçamento. Com isso, ele conclui: o lugar do Outro é construído de uma demanda.

O sujeito cava um lugar para si no Outro, por meio da linguagem. Diante do não saber sobre o desejo do Outro, Lacan revela que a criança tenta responder à questão “Que queres?”, e colocando-se como objeto do Outro, mas não há um significante que represente o sujeito, que está entre um significante e outro. A propósito disso, afirma, Lacan:

> A psicanálise nos mostra, essencialmente, o que chamaremos de captura do homem no constituinte da cadeia significante. Essa captura está, sem dúvida, ligada ao fazer do homem, mas não é coextensiva a esse fazer. Se o homem fala, para falar ele tem que entrar na linguagem e num discurso preexistente. Essa lei da subjetividade que a análise destaca especialmente, qual seja, sua dependência fundamental da linguagem (LACAN, 2016, p. 19).

O encontro da criança com o traumático da linguagem ocorre por meio da interpretação da demanda do Outro, fundando a dimensão humana, quando o significante marca o corpo. Para esclarecer esse processo, Lacan (2016) constrói o grafo do desejo, para mostrar a fundação do desejo humano, no *Seminário 6: O desejo e sua interpretação*, com base em três andares. Aí ele nos ensina que, no início há a captura o *infans* pela linguagem; no segundo momento, a criança se confronta com o enigma do desejo do Outro e se defende, constituindo-se por meio de uma resposta fantasmática. Assim, a criança será fruto desse objeto que cai do Outro fantasmaticamente.

A fantasia é uma defesa do sujeito diante do enigma do desejo do Outro, uma invenção resultante de interpretação. Ela tem a função de defesa por promover lugar fixo ao desejo, que está enquadrado na fantasia. Em outros termos, esta é o suporte do desejo (LACAN, 2016). Diante disso, ousamos a afirmar, o ser borboleta foi a forma de Bauby ter o suporte para o desejo de viver por meio do desejo de escrever. Quinet (2012), em *Os outros em Lacan*, apresenta o conceito do Outro como fundamental para se compreender o que é o sujeito e o inconsciente. Demonstra que há relação direta entre o sujeito e o Outro, pois, o sujeito, para se constituir, precisa do Outro. Outro é a dimensão da alteridade e se manifesta por meio dos sonhos, dos lapsos, dos sintomas e *acting out*. O Outro:

> É um lugar simbólico, lugar dos significantes onde as cadeias significantes do sujeito se articulam determinando o que o sujeito pensa, fala, sente e age. *Nada do sujeito escapa ao Outro*: sua mente e seu corpo, seus movimentos e seus atos. Seus sonhos e sua vigília (QUINET, 2012, p. 22, grifo nosso).

Podemos observar isso quanto às formações inconscientes: os sonhos, os lapsos, os chistes, o sintoma; contudo há um resto, o objeto *a*.

Conforme Lacan, o sujeito neurótico em sua vida está às voltas com o Outro, seja se queixando deste, seja tentando satisfazer-lhe as demandas, o que constitui verdadeiro labirinto, onde o sujeito perde de vista o próprio desejo. Entretanto, por meio da experiência de análise, o Outro vai tornando-se menos consistente, e com isso, o sujeito vai se liberando-se das identificações com aquele, para se servir da própria singularidade do sintoma. Nesse sentido, quando pensamos o Outro como aquilo que o neurótico tem por referência e o orienta nas suas escolhas (relacionadas ao trabalho, à profissão, as parcerias amorosas), ele marca a relação do sujeito com o dinheiro, a morte e o sexo.

Miller (2014), no artigo *A criança entre a mulher e a mãe*, retoma algumas premissas lacanianas sobre a díade mãe-mulher, mostrando que a criança representa o objeto *a* e, como

tal, tanto preenche quanto divide a mãe. O lugar ocupado por ela depende da relação sintomática da mãe com o filho. A boa mãe falta e falha, já que, ao fazer isso, possibilita ao *infans* desejar e, consequentemente, transformar-se em sujeito.

Segundo Miller (2014) constata, o pai é aquele que intervém no desejo materno. Como já vimos nos três tempos do Édipo, o pai é aquele que permite o acesso à significação fálica e, consequentemente, o acesso do sujeito à posição sexual. Logo, a metáfora paterna opera no sentido de não permitir à criança ser tudo para o sujeito materno: "Um homem, eu diria, só se torna pai, se aceitar o não – todo que constitui a estrutura do desejo feminino" (MILLER, 2014). O pai, em Miller (2014), é aquele que toma a mulher como causa, ou seja, permite o acesso da mulher ao desejo não todo; ao fazer isso, possibilita o desejo materno além da criança, ou seja, nele próprio, o parceiro, o significante do desejo.

Sobre o pai, Zenoni (2007), no artigo *Versões do pai na psicanálise lacaniana percurso do ensinamento de Lacan sobre a questão do pai*, analisa, em Lacan, a importância do pai e os seus nomes. O pai ─ conforme sua conclusão ─ é aquele que transmite a lei do incesto, funda e humaniza o desejo. Assim, ele introduz e permite a entrada no laço social. Os Nomes-do-Pai são significantes que transmitem uma causa e uma exceção da particularidade do desejo materno. De acordo com o mesmo autor, o pai, para a psicanálise, é aquele que interdita, nomeia, e aponta a diferença sexual; contudo ele é sempre insuficiente, porque, não consegue barrar o gozo materno, que escapa. Assim, o significante Nomes-do-Pai é um semblante, o véu com o qual o sujeito se defende do confronto com o real.

Na tese de doutorado *Corpo escrito: um estudo psicanalítico sobre nomeações e marcas corporais*, Siqueira (2014), ao abordar a função da nomeação no ensino de Lacan, demonstra que o pai é aquele que introduz o filho na ordem simbólica. O ato da nomeação, apontamento, introduz uma marca ─ a tessitura de um lugar e de uma diferença. Em outras palavras, dar um nome significa introduzir uma diferença.

Destacamos, na problematização feita pela referida autora, dois pontos: do pai como metáfora e invenção (invenção do sujeito para lidar com o real). Logo, o pai é o pai do nome. Conforme Siqueira (2014), o pai é necessário para o funcionamento psíquico (além de saber servir-se), pois possibilita um saber fazer com o mundo. Diante do exposto, ele possibilita ao falante a entrada no laço social.

Em *Nota sobre a criança*, Lacan (2003d) postula duas posições ocupadas pela criança no mito familiar. A primeira ocorre quando ela divide e preenche a mãe. Quando divide, ela é o sintoma do casal parental e revela o sintoma familiar, que é mais complexo, mas responde melhor à intervenção do psicanalista; quando a criança é o sintoma dos pais, desenha-se o modo

neurótico de funcionamento. A outra posição, ocorre quando a criança preenche a mãe: ela fica alienada ao fantasma materno, resistindo à intervenção do analista.

Segundo constatação de Miller (2014), mãe angustiada é mulher que não está desejando; logo, é fundamental a criança dividir a mãe; e o pai deve operar para fazer funcionar essa separação simbólica entre a mãe e a criança. Ele deve propiciar o desejo da mãe para além da criança, ou seja, dar espaço ao desejo da mulher. No mesmo artigo, Miller, em tom humorado, diz que os lacanianos se tornaram conhecidos como os psicanalistas que falam sobre o pai, já que a função paterna é muito cara à psicanálise de orientação lacaniana, pois, graças ao pai, ou melhor, ao significante Nomes-do-Pai, opera-se sobre a demanda materna, o sujeito pode advir.

Conforme Barros (2015), a concepção de Lacan sobre a mãe difere da de Freud. Para Lacan, a mãe é o nome dado ao nome do desejo; ela determina o lugar da criança no mundo, ou seja, a criança é significação do desejo materno mediado pelo significante do Nome-do-Pai; então, o Nome-do-Pai vivifica o desejo. Em outros termos, só há desejo materno em virtude da incidência do significante do pai, pois, para existir o desejo da mãe, faz-se necessária a incidência da metáfora paterna. Barros aborda o Nome-do-Pai como aquele que dá um lugar a criança:

> No final das contas, o destino do filho, que aparece como incógnita, será definido a partir da articulação entre um significante e a função misteriosa do desejo da mãe. Não é possível tratarmos disso separadamente. A definição do que é uma mãe até poderia ser ampliada: uma mãe é seu desejo+ *as consequências simbólicas do Nome-do-Pai* (BARROS, 2015 p. 29, grifo do autor).

Portanto, Barros (2015) estabelece uma diferença no conceito de pai da perspectiva freudiana para a lacaniana, quando afirma ser a mãe nome atribuído ao enigmático desejo do Outro. Para Lacan, a mãe chancela a bateria significante; ao falar com a criança, introduz a ordem simbólica (LACAN, 2016).

A demanda é estruturalmente insaciável, pois toda demanda é de amor. Ouçamos Lacan:

> [...] a demanda nunca é pura e simplesmente demanda de alguma coisa, na medida em que, no fundo de toda demanda precisa, de toda demanda de satisfação, há, por conta da linguagem, a simbolização do Outro, o Outro como presença e como ausência, o Outro que pode ser o sujeito do dom de amor. O que ele dá está além de tudo o que ele pode dar. O que ele dá, ele o dá pela sua presença e nada mais que por sua presença. O que ele dá é justamente esse nada que é tudo da determinação presença-ausência (LACAN, 2016, p. 130).

Assim, percebemos, fazem-se necessárias a presença e a ausência do outro a fim de surgir a demanda e, no segundo momento, o desejo do sujeito por meio da interpretação dessa demanda. O Outro fornece ao sujeito, em última instância, seu próprio corpo. Voltando a

Bauby, ele se colocou como aquele que dava orgulho à mãe, talvez por influência do dito paterno “se sua mãe fosse viva, teria muito orgulho de você”.

3.3 Através do Espelho: o Confronto com o Estranho Familiar

Lacan (1998f) nomeia o estádio do espelho o momento inaugural da constituição corporal caracterizado pela constituição de ortopedia. Em outras palavras, a criança, a partir do confronto com a imagem refletida no espelho e do reconhecimento do Outro, adquire unidade corporal imaginária. O estádio do espelho é a interpretação de Lacan, do conceito de narcisismo formulado anteriormente por Freud.

O estatuto do imaginário em Lacan promove um sentido e a ilusão de unidade corporal. No estádio do espelho, o *infans* é confrontado com a imagem fornecida pelo Outro. Há duas formas de lidar com o reflexo da imagem corporal: por meio do apaziguamento, quando se constitui a unidade corporal imaginária e por meio do estranhamento, quando o sujeito se depara com uma mancha e não consegue significar quando é impossível simbolizar.

O estádio do espelho marca a saída do autoerotismo para a entrada no narcisismo e na constituição do eu ideal originada no olhar do Outro. Dito de outro modo, é o momento de a criança reconhecer a imagem refletida no espelho como sendo a dela, o que determina a passagem da imagem de corpo despedaçado para a imagem de corpo unificado (STERNICK, 2012).

Sternick (2012), no artigo *O corpo no espelho*, ensina-nos: a entrada de Lacan no discurso psicanalítico iniciou em longa conferência por ele ministrada nomeada de *O estádio do espelho* em 1949. A inspiração para a formulação de tal conceito surgiu nas leituras das pesquisas e nos experimentos realizados por Henri Wallon, direcionados para a reação da criança à imagem refletida no espelho. Wallon constatou que, diferentemente dos chimpanzés, as crianças ficavam surpresas e capturadas. Nessas pesquisas, o interesse de Wallon se dirigia às crianças a superar deficiências cognitivas. Ao retomar as experiências realizadas por Wallon, Lacan, se interessou, especificamente, pelo fascínio da criança pela própria imagem. Com isso, ele questionou aquele pesquisador em relação aos possíveis efeitos da imagem na constituição subjetiva (STERNICK, 2012).

O estádio do espelho ocorre com o bebê entre o sexto e o décimo oitavo mês. Ele pode ser dividido, didaticamente, em três tempos. No primeiro instante de ver —, a criança vê apenas o outro no espelho; ela tem o corpo despedaçado, mas vê o corpo do outro como inteiro, não vê o próprio corpo, pois está alienada ao outro. Há aqui a não separação nomeada por Lacan de transitivismo normal, que se caracteriza pela uma confusão entre a própria imagem e a imagem

do outro. Nesse momento, podemos observar, se o outro chora; ela também chora, se o outro sorri, a criança sorri; logo, a constituição de um corpo diferente do próprio corpo é vista como ameaça para o sujeito, ameaça de perda e de castração. Em outros termos, a criança toma como sendo o seu corpo ideal a imagem do corpo do Outro. Esse paradigma nos esclarece de que forma a agressividade e a paranoia estão na origem da constituição do eu (STERNICK, 2012).

Já no segundo tempo ─ o tempo de compreender ─, a criança compreende que a imagem vista é a imagem que ela tem do outro. Então, ela vai olhar atrás do espelho, para se certificar de que se trata de uma imagem. Constata que não há outra pessoa por trás do espelho, logo a imagem refletida do espelho é ela. O adulto nomeia a imagem refletida pelo espelho; logo, o discurso do Outro é que vai permitir a separação e a constituição da própria imagem. Graças ao discurso do Outro, o sujeito vai apropriar-se da imagem e do próprio corpo (STERNICK, 2012).

No terceiro tempo ─ momento de concluir ─, a criança chega a uma conclusão: essa é a minha imagem, do meu corpo; logo, esse sou eu. Assim, a maneira de o sujeito lidar com a própria imagem depende do investimento libidinal na própria imagem. Nesse tempo, a criança se constitui com base na dimensão narcísica. A maneira de o sujeito vivenciar o estádio do espelho marca, radicalmente, o modo de ele lidar com a própria imagem e com o corpo ao longo da vida. (STERNICK, 2012). Portanto, há, na relação com a imagem, um estranhamento estrutural, que passa pela relação e efeito do olhar do outro e pelo modo como tal imagem foi reconhecida e autenticada por esse olhar.

Em *O estádio do espelho como formador da função do eu*, Lacan (1998f, p. 94) nos mostra que, para a criança, no início ─ o olhar e a imagem ─, o estádio do espelho é estruturante; para o humano, é o nome dado ao processo identificatório e de assimilação à imagem produzida no sujeito e assumida por ele, com base na experiência com o outro especular. Constitui o eu esse impacto da apreensão da própria imagem.

O estádio do espelho é esse processo de fiação da própria imagem e de transição da experiência do corpo despedaçado, libidinalmente, para o corpo unificado apreendido pela imagem da experiência especular, possibilitando uma borda entre o organismo e a realidade e a constituição do eu baseada no sistema percepção- consciência como artefato para o princípio da realidade humana. Na concepção de Lacan, trata-se de uma experiência de apreensão da imagem do corpo vivida pelo *infans* originada no olhar do outro. Isso permite, primeiro a apreensão da imagem do corpo, a constituição do eu e a tessitura da realidade humana. Essa borda entre o campo do eu e do outro, chama-se estádio, por se tratar da constituição de um campo entre o eu e o outro.

Em *Os espelhos de Lacan*, Greco (2011), em leitura da obra lacaniana, afirma que a experiência do espelho não se restringe a um tempo de experiência com o outro vivido na infância, mas atravessa toda a vida do sujeito, que aponta para a relação, estruturalmente conflituosa (característica da relação dual) entre o eu e o outro. Tal apreensão da imagem do corpo vivenciada pela criança ─ destaca o referido autor ─ será sempre insuficiente em virtude da imaturidade do aparelho perceptivo. Leiamos a observação de Greco:

> Nesse primeiro momento de estruturação do sujeito a criança, com suas fantasias de corpo fragmentado – por conta de sua prematuridade neurofisiológica – se antecipa numa unidade a partir da imagem do outro, ou seja, da imagem do corpo próprio encontrada no espelho, na qual ela vai se alienar virtualmente. Pela primeira vez a visão do corpo inteiro no espelho desperta manifestações de júbilo na criança, que imediatamente, olha para o adulto para encontrar, no olhar do outro, a confirmação do que vê no espelho, que passa a ser admirado por ela como seu eu ideal (GRECO, 2011, p. 3-4).

Com apoio na leitura de Greco (2011), percebemos que a constituição do eu se confunde com a imagem do próprio corpo e ocorre em três tempos: o instante de ver que se dá pela presença do Outro; o tempo de compreender, que marca a apreensão da imagem; o momento de concluir, marcado pela autenticação da imagem com base na confirmação do olhar do outro. O estádio do espelho é o momento da relação inaugural com o Outro o ponto de partida para a constituição da subjetividade humana.

Na captura da imagem do espelho, há um jogo de imagens e interpretação do sujeito, que encontra no campo do Outro a própria imagem e, em seguida, separa-se dela para vir a ser sujeito. Assim, a captura e a interpretação da imagem no campo do Outro são invenções do sujeito, originadas no furo no campo do Outro e na separação dele. Dessa experiência o próprio corpo como um objeto que não se escreve na realidade, encontrando o seu lugar fora do campo do Outro. (GRECO, 2011)

Brodsky (2016), ao problematizar o conceito do estádio do espelho, ressalta que o estranhamento corporal é estrutural e a presença da mancha percebida pelo reflexo da imagem é o ponto de estranhamento nomeado de real do corpo. Ainda cita exemplos paradigmáticos desse estranhamento entre o eu e o corpo, presentes na literatura, como por exemplo, o caso de Dr. Jeckyll e Mr. Hide no clássico *O médico e o monstro*, além de *O incrível Hulk*, *Alien e o predador*.

Conforme se vê, a imagem tem seus efeitos para a confecção do corpo: o de apaziguamento e o de estranhamento corporal. Afirma Brodsky (2016) sobre o efeito da imagem sobre o corpo:

> Na dialética do espelho não entra em jogo somente o aparato simbólico representado tanto pelo espelho como pela presença do Outro que sustenta a criança na experiência. Nela está também o olhar e seu suporte corporal, o olho. Podemos distinguir tempos lógicos nessa dialética entre meu corpo e eu: um primeiro momento no qual só temos o exercício gozoso do corpo e seu autoerotismo, e um segundo em que a imagem surge como marco, acompanhada do gozo jubiloso pela contemplação da imagem. O que passa desapercebido é que esse júbilo requer o olho, esse órgão glutão que se satisfaz com a imagem (BRODSKY, 2016, p. 44).

Refletindo sobre o estádio do espelho, questionamos: o impacto do AVC diante do confronto com a nova imagem corporal (despedaçada), que funciona como mancha nela mesma, promove a irrupção de um estranhamento? Esse estranhamento da imagem corporal, em virtude do AVC, fez Bauby ser convocado ao trabalho de escrita de novo corpo fora do corpo.

Conforme Miller (2008), para a psicanálise, a imagem do outro antecede a imagem do próprio corpo. Com Freud aprendemos que, por meio da imagem do outro, nos confrontamos com a castração. Por meio da imagem do outro, tecemos uma borda entre a imagem do corpo próprio e a imagem do outro. Assim, no início, a imagem é ocupada pelo Outro e por meio de cujo olhar vai se demarcar um *deficit* na significação da imagem do próprio corpo. A imagem do corpo é um semblante e visa a recobrir a castração; sua função e suporte da imagem decorrem do Nome-do-Pai, que será o regulador da carga libidinal. Sem o significante do Nome-do-Pai, o sujeito não vê o semelhante, muito menos a si mesmo.

Para Miller (2008), o estádio do espelho contém dois mecanismos ─ o de antecipação e o de retroação da imagem ─ nos quais está presente a experiência de júbilo e de depressão. Diante disso, percebemos, a significação da imagem não é estável, ou seja, vacila. Ela não se sustenta sem o investimento libidinal, que deve ser regulado. Por exemplo, os sintomas de bulimia e de anorexia demonstram retirada ou inflação de libido na própria imagem.

A significação da imagem do corpo constitui o que fundamenta o alicerce da realidade humana o qual se inicia na metáfora paterna. Segundo Miller (2008), tal imagem pode funcionar como significante, ou objeto. Recorrendo à clínica, Miller (2008) cita a relação do sujeito histérico com a imagem do próprio corpo, pois aquele usa a imagem e a manipulação da imagem do corpo para fazer apelo e endereçamento ao Outro, que pode ter valor de significante e de objeto.

Ao relacionar a imagem do corpo humano à arte, observa que as esculturas gregas demonstram fascínio pelo corpo humano e idealização do corpo. Miller nos diz: “A imagem idealizada de um corpo, no qual não há nem gozo, nem castração” (MILLER, 2008, p. 23). Desta

feita, ela tenta promover sentido e recobrimento da castração. De acordo com o ensinamento de Lacan e Miller a função da imagem é tentar recobrir a castração, por isso é um semblante.

Freud (1996i), no artigo *O estranho,* ao investigar a significação desse termo em diferentes línguas, observou que o estranho, por um lado, revela o sentimento de temor, assustador e de horror, por outro lado, remete ao familiar, isto é, apresenta ambivalência e oposição na significação. Desde, então passou a questionar sobre as pessoas, as situações e os acontecimentos da vida que desencadeiam o sentimento de estranheza. Posteriormente, problematizou o tema, servindo-se do conto *O homem da areia* e de algumas peças de Shakespeare, para exemplificar alguns medos que nos acometem, a saber, o medo de perder os olhos ou de ficar cego, o que na interpretação dele é um deslocamento em relação aos genitais ─ na verdade, o medo da castração.

Freud (1996i) enumera alguns temas que despertam em nós os sentimentos de estranheza: os fenômenos do duplo, a compulsão à repetição, o medo do mau-olhado, da magia e bruxaria, o complexo de castração e ainda o efeito de estranheza provocado pela epilepsia e pela loucura. O sentimento de estranheza resulta daquilo que deveria estar fora da cena, mas aparece. Em termos psicanalíticos, conforme Freud (1996i), o estranho é o resto de algo familiar reprimido, sem exceção, ou seja, todo sentimento de estranhamento remete ao retorno do recalcado. Também remete àquilo que não tem significação, a saber, o medo da morte, como ele mesmo afirma:

> [...] o primitivo medo da morte é ainda tão intenso dentro de nós e está sempre pronto a vir à superfície por qualquer provocação. É muito provável que o nosso medo ainda implique a velha crença de que o morto torna-se inimigo do seu sobrevivente e procura leva-lo para partilhar com ele a sua nova existência (FREUD, 1996i, p. 259).

Com Freud (1996i), percebemos que o estranho remete ao familiar do que fora recalcado. Também dois aspectos nesse texto merecem destaque: primeiro, o estranho da ordem do imaginário se refere ao efeito da interpretação da imagem e da relação com o outro; segundo, da ordem do real, o estranho remete àquilo que não se escreve e insiste em aparecer, especialmente, no confronto com o real da morte. Assim, ousamos afirmar, o estádio do espelho se volta para o estranho da imagem em duas perspectivas: a imaginária e a real. Imaginária pelo aspecto narcísico do confronto com o familiar originado no reflexo da imagem fornecida pelo outro; real pelo fato de ela remeter ao estranho pelo ponto impossível de o sujeito apreender a própria imagem no campo do Outro.

Quinet (2012) afirma que, assim como há relação entre o sujeito e o Outro, também há entre o eu e o outro, este escrito com letra minúscula. O pequeno outro remete à dimensão

imaginária e narcísica, do duplo, do rival, do semelhante, referindo-se à dimensão especular do estádio do espelho. Segundo afirma Lacan, o eu é o outro. (LACAN, 2010). Logo, assim entendemos, que o eu é a dimensão imaginária e o pequeno outro, o semelhante, aquele que serve de espelho por meio das identificações imaginárias.

Lacan (2010) dedica um *Seminário* ao estudo e ensino da dimensão do conceito do eu. Para tanto, recorreu aos textos metapsicológicos de Freud. Esse seminário é um elogio a Freud em virtude da valorização da dimensão imaginária como aquela que constitui o eu por meio do estádio do espelho e do narcisismo. Além disso, tal dimensão demonstrara que, por meio do imaginário, há a alienação como forma de fazer laço mediante identificações imaginárias, embora frágeis. Nesse momento de seu ensino, o imaginário é o registro que tenta dar conta da insuficiência do registro do simbólico.

Conforme Lacan, o animal se adapta, reconhece no outro seu semelhante e se encaixa no meio. Já o homem se caracteriza pelo inacabado, por aquilo que fracassa, pela presença da falta. Daí a tentativa de se disciplinar o comportamento humano, seja pela pedagogia, seja pela política ─ tentativa de se disciplinar a pulsão e o gozo. Segundo já vimos, há um ponto indomesticável em cada sujeito: o seu modo de gozar, o seu sintoma, o que passa a ser a sua marca.

Freud (1996l), em *Psicologia de grupo e análise do ego,* apresenta, o resultado de sua investigação sobre os fenômenos de grupo. Ele percebeu uma certa renúncia à satisfação individual em benefício da satisfação do grupo, ou seja, o indivíduo funciona no grupo, de maneira diferente do que pensaria e agiria individualmente. “É fácil provar quanto o indivíduo que faz parte de um grupo difere do indivíduo isolado; mas não é tão fácil descobrir as causas dessa diferença” (FREUD, 1996l, p. 84).

O que é isso? O que faz com que no grupo funcionemos de modo diferente? Freud (1996l) persegue o porquê de tal questão ao longo de sua investigação. Para descrever as formas de estruturação dos grupos e os tipos grupais, ele recorreu aos estudos da sociologia e antropologia. Dentre os autores pesquisados, consultou Le Bon, a fim de justificar a modificação do comportamento no grupo. Esse autor propusera três argumentos: no grupo, o indivíduo é tomado pelo sentimento de poder e de invisibilidade, o que propicia o despertar e a atualização de pulsões inconscientes; sacrifica-se o interesse individual em benefício do coletivo ─ contágio na denominação de Le Bon a questão da sugestionabilidade.

Freud (1996l) problematiza dois fatores desencadeantes de mudança de comportamento do indivíduo no grupo: a sugestionabilidade, vista como efeito hipnótico do grupo, e o contágio, consequência do primeiro. Ele destaca ainda o efeito da palavra, que pode ser apaziguador ou desencadeador de conflitos e desavenças.

> Quando indivíduos se reúnem num grupo, todas as suas inibições individuais caem e todos os instintos cruéis, brutais e destrutivos, que neles jaziam adormecidos, como relíquias de uma época primitiva, são despertados para encontrar gratificação livre (FREUD, 1996l, p. 89).

É interessante perceber a atemporalidade do texto citado, haja vista os fenômenos de massa, como, por exemplo, os atos de violência nos estádios de futebol, em torcidas organizadas, além do encorajamento de *acting outs* adolescentes. Isso nos serve de exemplo para demonstrar o quanto o grupo exerce influência e pode provocar mudanças em cada falante, no nosso caso, em Bauby em virtude do AVC, passou a pertencer ao grupo dos portadores de AVC, e não mais ao mundo da beleza e da moda.

Freud (1996l), com base em Le Bom, avança em relação à compreensão do funcionamento da vida mental, no sentido de buscar respostas sobre a influência do grupo no indivíduo a ponto de se modificar a atividade mental. Para Le Bom, essa influência ocorre em razão de dois fatores: a sugestão dos indivíduos e o prestígio do líder. Freud, por sua vez, caracteriza, morfologicamente, os grupos em efêmeros, duradouros, permanentes, homogêneos e heterogêneos, os quais podem ser naturais e artificias. Dentre os grupos artificiais, a igreja e o exército dependem de força externa para existirem como grupos.

Ainda no mesmo texto, Freud (1996l) mostra que o laço libidinal, o investimento, mantém o grupo. Citando a metáfora do grupo associada aos porcos-espinhos, refere-se à aproximação suficientemente boa para que a relação emocional seja duradoura. Assim, no funcionamento do grupo, segundo ele, há investimento libidinal e o processo de identificação, ou seja, o grupo promove a relação de espelho. Em outras palavras, os que estão no mesmo grupo são, em certa medida, partes de um grupo, pertencem à categoria x ou y. Com isso, há um significante a promover identificação de pertencimento (um lugar) e um nome ─ são os efeitos do agrupamento. Pertencer ou estar fora de um grupo propicia a relação de identificação do semelhante e da diferença; possibilita o laço social via efeito imaginário de poder fazer um conjunto, ter algo em comum com o outro. Vejamos o que ele nos diz:

> Já aprendemos que a identificação constitui a forma mais primitiva e original do laço emocional; frequentemente acontece que, sob as condições em que os sintomas são construídos, ou seja, onde há repressão e os mecanismos de inconsciente são dominantes, a escolha do objeto retroaja para a identificação: o ego assume as características do objeto. É de notar que, nessas identificações: o ego as vezes copia a pessoa que não é amada e, outras, a que é. Deve também causar-nos estranheza que em ambos os casos, a identificação seja parcial e extremamente limitada, tomando emprestado apenas um traço isolado da pessoa que é objeto dela. (FREUD, 1996l, p. 117).

Diante do exposto, concluímos com Freud, o fenômeno de identificação proporciona o laço social, fazendo o sujeito circular em um discurso por um lado; por outro, percebemos, há casos de identificação imaginária em que ocorrem manifestações de fenômenos de violência, uma vez que o grupo não suporta o diferente do especular; logo, o objeto estranho ao grupo é encarnado como mau, pois a diferença no grupo precisa ser transformada ou eliminada. Um dos efeitos da identificação com a imagem revelado pelo outro é o surgimento da agressividade, o transitivisimo e o narcisismo.

No caso investigado nesta tese, percebemos que o grupo, ao qual Bauby pertencia era o do universo da moda feminina, já que era editor da revista *Elle*. Em posição de *glamour*e de *status*, ele trabalhava com a imagem da beleza feminina. Isso se perdeu com o AVC. Ao sair desse grupo em virtude da contingência, passou a conviver com os doentes crônicos. Se, antes, vivera às voltas com a beleza e a mostração; no novo contexto, estava rodeado por aqueles que enfeavam a paisagem e diante da indiferença e rejeição do olhar do Outro. Ele compara ironicamente o Hospital de Berck ao *Cinecittá*, ao referir-se ao hospital como território destinado ao espetáculo fascinante dos horrores, ou seja, sai do *show* da beleza feminina, do *glamour* aspirado e desejado, para o *show* dos horrores, da feiura e do desvio do olhar. Diante da nova imagem, Bauby passa a ocupar um outro lugar:

> Finalmente, se quisermos que o quadro fique completo, será preciso escolher um canto para nós, voadores de asas quebradas, papagaios sem voz, aves de mau agouro que fizemos nosso ninho num dos corredores sem saída no setor de Neurologia. (BAUBY, 1997, p. 36).

Durante a leitura da obra *O escafandro e a borboleta*, notamos que o humor é uma saída para lidar com o estranhamento da nova imagem.

Com Lacan (1998f) vimos que o estádio do espelho é o nome dado ao reconhecimento da criança à imagem fornecida e autenticada pelo Outro, designando-se o momento de reconhecimento por júbilo. Contudo, nem tudo é capturado por meio da imagem; há um resto, uma mancha fora da representação da imagem. Trata-se do estranho marcado por um susto, um estranhamento e antipatia. Ângela Mucida (2004; 2009) e Delia Catulo Goldfarb (1998) são duas psicanalistas que se têm dedicado à pesquisa e ao estudo da psicanálise voltada para sujeitos velhos[13]. Essas autoras designam o estranhamento do sujeito diante do confronto com a imagem

[13] Mucida (2004; 2009) e Goldfarb (1998) observaram, por meio do estudo e da pesquisa sobre o tema da velhice, que o sujeito velho não se reconhece na imagem refletida no espelho, seja por meio do olhar do outro, no confronto com as próprias imagens nas fotografias ou no próprio espelho. Por isso alguns sujeitos, para evitar o confronto com esse estranho, constroem algumas estratégias de defesa para lidar com o real da imagem, como, por exemplo, não se deixarem fotografar; outros evitam se olharem diante do espelho ou tiram os óculos

refletida no espelho de espelho negativo ou espelho fragmentado ─ fenômeno muito frequente na velhice e acrescentamos, também na adolescência. Isso não quer dizer que tal estranhamento não aconteça em outros momentos da vida, quando o sujeito se confronta com a imagem refletida no espelho e já não possui um significante para se fazer representar.

Já no caso de Bauby, por estar consciente e ter a memória preservada, ele usou as lembranças para escrever. Assim, em certa medida, pôde resgatar parte da própria imagem antes do AVC e elaborar a nova imagem.

Mucida (2009), em *Escrita de uma memória que não se apaga: envelhecimento e velhice*, revela-nos que o espelho possibilita uma antítese entre o que se vê e o que se é de fato, pois esse encontro ocorre com a imagem por meio do outro ser falante o qual introduz similitudes e diferenças. No confronto com o espelho, há distinção entre o eu e o outro. Nesse confronto, Mucida (2009) destaca três efeitos: a agressividade, o narcisismo e o transitivismo. Na mesma obra, recorda ela, a primeira identificação do sujeito se dá por meio da identificação a uma imagem, por isso nomeada de imaginária, já que é da ordem do especular.

O confronto com o espelho não oferece garantia ao sujeito, porque há sempre estranhamento com relação à imagem refletida pelo Outro, ou seja, há um furo na própria imagem; e o sujeito precisa construir algo com isso. Percebemos tal estranhamento na prática das cirurgias plásticas, de cirurgias de amputação e de transplante, seja de face ou de outras partes do corpo. A imagem que o sujeito tem de si ─ cabe ressaltar ─ não se modifica com a prática da intervenção estética ou cirúrgica. (MUCIDA, 2009).

Acrescentamos: o estranhamento com relação à imagem retorna quando envelhecemos quando nos confrontamos com uma contingência ─ membros amputados, necessidade de fazer mastectomia, de uso de próteses, de transplante e diante do acometimento de AVC.

Cotidianamente, confrontamo-nos com o estranhamento diante do espelho, seja por meio do olhar do Outro ou em relação à imagem refletida pelos outros. O singular é o que cada um faz com isso, conforme já vimos. Vejamos, o ensinamento de Mucida (2009) sobre o real da imagem:

> É preciso suportar o vazio da imagem, o vazio dos espelhos para que o texto da vida siga em rumos também contingentes. É preciso saber escrever com as diferentes imagens e quadros que nos acompanham desde que nascemos. Cada um carrega um vazio que não se preenche, mas pode-se bordeja-lo cravando escritas ao seu redor (MUCIDA, 2009, p.56).

---

para se olharem; outros ainda escondem as fotografias de quando eram jovens, já que, em alguns casos, o sujeito passa a ter ciúme da própria imagem de quando era jovem.

Para Mucida (2009), as marcas de nossa imagem se enlaçam com a imagem feita por nós mesmos, mas há um furo, uma falha. Diante de tal reflexão sobre a importância do espelho, empreende-se que a imagem é um suporte que enlaça o registro imaginário ao simbólico. Isso proporciona a unidade corporal e a ideia de ter um corpo. Concluímos com Freud e com Lacan que a ideia do eu e o corpo decorrem do narcisismo e do enlaçamento da imagem ao simbólico, mas não sem o real.

Na clínica do portador de AVC, percebemos que o *falasser*, ao se confrontar com o corpo flácido, desarticulado e paralisado, confronta-se com o real do corpo diante do AVC. No caso específico de Bauby ele foi invadido pela sensação de despertencimento corporal, como se o corpo se tivesse esvaído à obtenção de satisfação e prazer. Ao mesmo tempo, invadidiu-o a sensação de aprisionamento, paralisia: o corpo se transformou em barreira para desfrutar da vida, o que lhe provocava dor, isolamento e sofrimento. Diante desse paradoxo, Bauby construiu novo arranjo subjetivo por meio do trabalho de escrita, o qual, em certa medida, confeccionou um corpo fora do corpo para desfrutar da vida e sair do escafandro mediante a fantasia como suporte para existência corporal.

Em *O amor como semblante*, Maia e Caldas (2011) percorrem na obra de Lacan, a fim de demonstrar a concepção e a função do amor na psicanálise segundo as referidas autoras, o amor ─ efeito da perda originária que deixa marca no corpo ─ demanda recuperar essa perda. Elas nos lembram: o amor, a transferência, é condição para o tratamento psicanalítico. Graças ao amor de transferência, há suposição de um saber no analista e a entrada em análise.

As mesmas autoras destacam três modalidades de amor em Lacan, as quais se complementam: a) na perspectiva imaginária, descrita especificamente no *Seminário 8: a transferência* (LACAN, 1992), ao se referir ao amor de transferência; b) na perspectiva simbólica, é uma marca presente no objeto, detalhado no *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (LACAN, 1998c); c) e como um semblante, como véu que recobre a relação sexual inexistente ─ modalidade desenvolvida, de maneira pormenorizada, no *Seminário 18: de um discurso que não fosse semblante* (LACAN, 2009). E no *Seminário 20: Mais, Ainda* (LACAN, 1985), sobressai o amor como aquilo que possibilita suplência da relação sexual inexistente. Nesse seminário, ele se apresenta como um signo, o Um. No *Seminário 10: a angústia* ─ convém recordar ─, Lacan (2005) apresenta o amor como abertura para o desejo, já que ele não tampona o furo que mobiliza o desejo. Seguindo essa perspectiva, as autoras ressaltam o semblante condição para o amor, ou seja, o sujeito precisa, diante do real, construir semblante para

amar e desejar. Em outras palavras: “O semblante apresenta algo exatamente onde não há qualquer coisa, onde há apenas ausência” (MAIA; CALDAS 2011, p. 114).

Retomando o caso de Bauby, para lidar com o confronto, com o despedaçamento da imagem corporal, após o AVC ao servir-se do trabalho de escrita, começa a construir um semblante. O amor à escrita lhe possibilitou o desejo de viver.

3.4 A Presença do Desejo do Outro: A Angústia

Freud, em seu ensino, postulou duas teorias sobre a angústia. Na primeira, para ele, a angústia é decorrente de um excesso de libido não eliminada. Já a segundo, não desfaz a primeira e a complementa. Ele formulou que a angústia é efeito do desamparo mental da criança em relação à mãe e como afeto, não pode ser recalcada.

Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud (1996m) observou, na própria clínica, por meio da queixa dos analisantes, que a angústia é fenômeno frequente. Por outro lado, revelou-nos que nem toda neurose a apresenta, por exemplo, a histeria de conversão, cujo sintoma possibilita conversão da energia libidinal. Em relação à neurose obsessiva, os rituais obsessivos fazem ligar a energia libidinal. Assim, de acordo com Freud, o sintoma e a inibição, em certa medida, protegem o sujeito da irrupção da angústia, por ser um tratamento à energia libidinal.

Ainda no mesmo texto, caracterizou-a como estado afetivo que se manifesta no corpo e especificamente, liga-se a determinados órgãos; dentre os quais os mais frequentes são o aparelho respiratório e o coração. Caracterizou-a ainda como da ordem de desprazer acentuado e efeito da reação a um perigo interno ou externo; além do mais, é a causadora do recalque. Com isso, Freud (1996m) propôs que a angústia é reação afetiva ao perigo e está, no início, na constituição do aparelho psíquico, ou seja, a neurose se constitui em defesa, para se evitar a presença da angústia. Sobre a sua precipitação, formulou cinco situações desencadeadoras: o trauma do nascimento, a perda da mãe como objeto, a perda do pênis, a perda do amor do objeto e a perda do amor do superego. Como se pode perceber, Freud (1996m) relacionou o desencadeamento da angústia com a energia libidinal e também com algo do acontecimento contingente a que o sujeito não consegue dar um tratamento pelo simbólico.

Lacan (2005), ao abordar o tema a angústia, dedicou-lhe todo um seminário cuja estrutura foi dividida em quatro módulos: *Introdução à estrutura da angústia*, *Revisão do status do objeto*, *A angústia entre o gozo e o desejo* e, por fim, *As cinco formas do objeto pequeno a.* Na abertura do Seminário, o ponto de partida é a relação angústia e rede significante, quando ele mostra que aquela escapa ao significante. Isso faz com que, na direção do tratamento na análise,

seja necessária a sintomatização da angústia, ou seja, é preciso nomeá-la, o que possibilita o acesso à palavra e à fala. Nesse Seminário, são formuladas algumas premissas sobre ela: a) é o sinal do real; b) é um afeto que não engana; c) não é sem objeto; d) é a única tradução subjetiva do objeto *a*; e) é a falta da falta.

Para problematizar a primeira premissa, ele exemplifica a angústia da criança: relaciona à presença da mãe, quando coloca aquela na posição de objeto. Ao se situar como objeto do Outro, o sujeito, a criança se angustia. Para Lacan, ela é uma manifestação da presença do desejo do Outro, já que o desejo do Outro não me reconhece e me anula como sujeito, ao me situar como objeto. Esse elemento da certeza precipita e promove sua irrupção, indicando-nos que, para o tratamento da angústia da criança, devemos possibilitar a separação simbólica entre ela e a mãe, a fim de a criança tornar-se sujeito e, consequentemente, poder desejar, o que a libera da angústia (LACAN, 2005).

Com relação à angústia como afeto, Lacan (2005) se aproxima da proposição freudiana como investimento libidinal. O afeto que não engana está no corpo, não é recalcado; logo, com base nessa formulação, ele situa a angústia do lado da certeza, é um dos nomes do real, embora funcione como defesa para uma angústia ainda maior: a de aniquilamento.

À sua precipitação ou seu desencadeamento, ocorre quando o sujeito se confronta com o horror, com o estranho que acena para sua posição de objeto do Outro. Diante do exposto, Lacan propõe que a angústia se relaciona com o Outro. Em outros termos, ela é efeito do desejo do Outro, irrompendo quando a fantasia perde a função de moldura e anteparo frente diante do real. Leiamos o que conclui Lacan:

> Se o eu é o lugar do sinal, não é para o eu que o sinal é dado. Isso é bastante evidente. Se isso se acende no nível do eu, é para que o sujeito seja avisado de alguma coisa, a saber, de um desejo, isto é, de uma demanda que não concerne a necessidade alguma, que não concerne a outra coisa senão meu próprio ser, isto é, que me questiona. Digamos que me anula. Em princípio, não se dirige a mim como presente, dirige-se a mim, se vocês quiserem, como esperado, e muito mais ainda, como perdido. Ele solicita minha perda, para que o Outro se encontre aí. Isso que é a angústia. O desejo do Outro não me reconhece (LACAN, 2005, p. 169).

Esse excerto de Lacan é fundamental para se conceber a angústia como efeito do desejo do Outro, precisamente quando se toma o sujeito como objeto qualquer. Na neurose, o sujeito se pensa como objeto do Outro. Por meio dessa ficção, ele constitui a fantasia, e graças a esta o desejo em torno da questão “O que o Outro quer de mim?”, a qual orienta o sujeito neurótico na constituição do próprio mito individual.

A angústia ─ podemos perceber ─ é a ponte enigmática que demonstra relação e abismo entre o sujeito e o Outro. Ela marca a presença do desejo do Outro e, ao mesmo tempo, aponta para um pedaço de real, algo de não assimilado, o abismo existente entre o sujeito e o Outro.

Lacan (2005) prima por explicitar a constituição subjetiva enquanto efeito da operação entre o sujeito escrito com a letra S maiúscula e o campo do grande Outro (escrito com a letra A maiúscula[14]). A operação entre o sujeito barrado e o grande Outro barrado tem como resultado o objeto *a* ─ conceito lacaniano por excelência. O objeto *a* é o resto, resultado do confronto do sujeito com a castração, a falta no campo do Outro.

Outro é aquele que fornece um lugar para o sujeito, pois este, antes de nascer, já está inserido na linguagem, permitindo que o significante se encarne e será o corpo e o desejo do Outro. Em outros termos, o sujeito é efeito do significante sendo produzido pelo desejo dos pais (LACAN, 2006). A falta do Outro é fundamental para a constituição do sujeito, porque daquela o sujeito vai obter uma imagem especular fornecida pelo reconhecimento do Outro. Para concluir com Lacan, a linguagem é um dos nomes do Outro: "[...] a linguagem está aí antes do homem, o que é evidente. Não apenas o homem nasce na linguagem como nasce no mundo, como também nasce pela linguagem (LACAN, 2006, p. 36)"

A dimensão humana, conforme Lacan (2005), faz-se por meio da linguagem, para a constituição subjetiva como ser de desejo e de gozo. O homem, efeito de um discurso, torna-se ser falante, relacionando-se com o campo do Outro. Isso nos distingue dos outros animais, por sermos seres de fala, de pulsão, logo, de gozo e desejo.

A realidade humana para Lacan será formulada ou compreendida, baseada em três registros: o simbólico, o imaginário e o real ─ efeitos, do encontro traumático da linguagem com o corpo na sua relação com o Outro. Na década de 1950, o referido autor atribuiu ao Édipo a união dos três registros, fazendo um anel. A ausência do Nome-do-Pai deixaria errante o sujeito, sem um grampo que ordenasse a relação dele com o mundo e com o outro. Com a experiência clínica, Lacan observou uma falha: nada sustentava suficientemente os três registros, por isso formulou o conceito da pluralização dos Nomes-do-Pai:o *sinthoma* é o laço que permite ao sujeito a amarração entre os três registros (BORSOI; MUÑOZ, 2011, p. 11-15).

No *Seminário 2*, Lacan (2010) trata do imaginário como reflexo da insuficiência do simbólico. Para formular essa tese, recorre a alguns textos de Freud, tais como: *Além do princípio do prazer*, *A interpretação dos sonhos*, *Sobre o narcisismo: uma introdução* e *A pulsão e*

---

[14] Outro é *Autre* em francês, por isso ser grafado com a letra A maiúscula.

seus destinos. Para construir seu argumento, mostra que todos somos marcados na origem pelo narcisismo, do qual o eu se constitui em virtude do furo no simbólico, já que não encontramos no campo do Outro um significante que represente o ser.

Graças ao confronto com a castração no campo do Outro, o sujeito constrói a fantasia, o sintoma, uma imagem de si e se constitui desejante, remetendo o registro simbólico à eficácia simbólica da linguagem, da palavra como materialidade:

> O objeto humano se constitui sempre por intermédio de uma primeira perda. Nada de fecundo ocorre para o homem a não ser por intermédio de uma perda de objeto (LACAN, 2010, p. 187).

Assim, na concepção da psicanálise, o sujeito, para se constituir, precisa perder, deixar de ser o objeto que preenche o Outro. O objeto *a*, como aquilo que cai do corpo, é um pedaço de corpo.

Sobre o objeto *a*, diz-nos Lacan (2005, p. 356): "[...]o seio é o primeiro sinal do vínculo com o Outro". Já o objeto anal surge no momento que o Outro formula uma demanda, por isso é interpretado como sendo suporte de subjetivação com o Outro. Assim, o primeiro sinal do Outro se dá por meio do objeto oral; por outro lado o objeto anal permite o confronto do sujeito com a demanda. Então, o objeto *a*introduz um furo na dimensão do Outro (LACAN, 2008).

Lacan ainda descreve cinco formas de apresentação do objeto *a*: o olhar, a voz, o seio, o falo e o excremento. Por meio desses objetos, ocorre a presença de alguma forma do Outro. Assim, podemos afirmar, o objeto *a* remete ao resto dessa operação com o Outro é o resto do Outro, resto ineliminável (LACAN, 2005).

No entendimento de Vieria (2014), a formulação de Lacan sobre o objeto *a* marcou a existência e a presença do real no discurso, o que promoveu percebe-se articulação entre o sentido e o fora de sentido materializados no discurso. No modo oral, o objeto *a* se presentifica na perspectiva do tudo ou nada, ou se engole ou se cospe. No modo anal, o objeto *a* marca a mediação entre a demanda do Outro, o reter ou o dar; localiza uma mediação e possível negociação, aquilo que pode ser dado e recusado pelo Outro. O modo escópico do objeto *a* continua sendo nem tudo de mim, nem tudo do Outro e coloca em jogo um ponto cego no campo da visão do Outro. No campo da voz, o objeto *a* captura, simultaneamente, o dentro e o fora, ou seja, a voz, é ao mesmo tempo, a nossa voz e a do Outro. Apesar dessa indiferenciação entre o eu e o Outro, o objeto *a* marca a dimensão do fora de sentido.

O objeto *a* escapa à nomeação, é uma marca, por isso é representado por uma letra. Ele escapa à descrição objetiva, pois é o objeto suporte: causa o desejo na fantasia por um lado e,

por outro, remete ao estranho, aquilo que deveria estar fora da cena. O objeto *a* não tem imagem nem significante, conforme afirma Lacan: "o objeto *a* é externo a qualquer definição possível de objetividade" (LACAN, 2005, p. 99)

De acordo com Vieira (2014), Lacan utilizou a teorização do objeto *a* para abordar o conceito de real, contudo, no *Seminário 10*, ele abandona a noção de objeto como um pedaço de real e passa a concebê-lo como índice do mais-de-gozar. Com isso, parece demonstrar, o objeto *a* é entidade lógica que possibilita pensarmos o mundo dos objetos. Ele abandona o sentido de corporeidade do objeto *a* como um pedaço de corpo e passa a demonstrar como sendo o aspecto do sem sentido do gozo. Vejamos o exemplo dado por Vieira do objeto oral, chupeta:

> De qualquer maneira, mesmo os objetos *a* sendo bem concretos nesse *Seminário*, todos eles se situam entre o sentido e o não sentido. Esse "entre" fica claro se pensarmos no objeto transicional, que é entre o eu e o Outro. Nem um, nem outro: entre os dois. Ele não é inteiramente nem pelo o que o Outro consegue dizer que é nem pelo o que eu consigo dizer. Por exemplo, se a chupeta é uma forma de objeto *a*, é porque ela representa o objeto oral seio, mas, ao mesmo tempo, é o seio como extraído da mãe, um seio sobre o qual a criança tem poder, pode levá-la à boca quando quiser, mas, ao mesmo tempo, é aquilo de que a mãe lança mão para fazer o bebê fazer largar o peito. E ainda resta um tanto que não é nem do eu, nem do outro, e que guarda um gozo fora dessa relação, ou, então, é *na* relação, mas nenhum dos dois lados da relação consegue nomear o que é esse gozo; e essa propriedade paradoxal do objeto *a* que servirá como definição dele (VIEIRA, 2014, p. 185, grifo do autor).

Por meio das palavras de Vieira (2014), podemos perceber, o objeto *a* localiza a existência de um gozo opaco paradoxal que aponta para algo que cai do Outro, remete ao impossível de dizer e de nomear e se apresenta como pedaço de corpo, mas se situa fora deste.

Retomando a discussão sobre a angústia, ensina Lacan (2005): ela é um sinal daquilo que se passa entre o sujeito e o objeto *a*. Para exemplificar esse fenômeno, demonstra algumas situações clínicas, como, por exemplo, o masoquismo, o sadismo, a passagem ao ato, o *acting out*, o sintoma e a parceria amorosa, para elucidar as diferentes relações do sujeito com o objeto *a*, e saber como o sujeito se relaciona com este, seja para desejar, seja para desencadear a inibição, a angústia e o gozo. Ele mostra que a posição do sujeito masoquista é a de ser um objeto declarado, objeto de troca: seu esforço é fazer-se objeto *a* na função do dejeto (LACAN, 2005)

Ressaltamos que, tanto na psicose quanto na perversão, a relação do sujeito com o objeto *a* se dá de maneira mais direta. Está nesses dois casos o gozo no lugar do Outro. Já a relação do neurótico com o objeto *a* acontece de maneira indireta, mediada pela fantasia (LACAN, 2005).

No caso de Bauby, localizamos a precipitação da angústia especificamente, a partir do confronto com o estranho, com a certeza do próprio silêncio, do confronto com a fragmentação da imagem corporal e da certeza de um corpo imóvel. Em virtude do AVC, ele, de uma hora

para outra, teve seu corpo reduzido a um olho que piscava. Para sair do escafandro, criou uma solução por meio de nova escrita a dois e usou do recurso do humor, da escrita testemunho, para lidar com esse pedaço de real. É interessante perceber que ele tratava a angústia pela via do desejo, em particular, desejo decidido de escrever.

> O escafandro já não oprime tanto, e o espírito pode vaguear como borboleta. Há tanta coisa para fazer. Pode-se voar pelo espaço ou pelo tempo, partir para Terra do Fogo ou para a corte do Rei Midas[15]. Pode-se visitar a mulher amada, resvalar para junto dela acariciar-lhe o rosto ainda adormecido. Construir castelos de vento, conquistar o Velocino de Outro, descobrir a Atlântida, realizar os sonhos da infância e as fantasias da idade adulta. Chega de dispersão. Preciso compor o início destes cadernos de viagem imóvel e estar pronto para quando o meu enviado de meu editor vier tomar o ditado, letra por letra. Na minha mente, remôo dez vezes cada frase, elimino uma palavra, junto um adjetivo e decoro o meu texto, parágrafo após parágrafo (BAUBY, 1997, p. 9-10).

Nessa passagem fica claro que a saída para a angústia foi o trabalho de escrita, que se processou por meio de repetição e ruminação de palavras e texto, e de recordação. Uma espécie de moinho de palavras promovia satisfação ao sujeito, o que lhe permitia sair da errância dos pensamentos sobre o escafandro ─o acidente vascular cerebral.

Retomemos a nossa discussão sobre a angústia e o Outro. Assim como na fantasia existe um enquadramento, também há na angústia, mas originado no Outro, no espelho fornecido pelo Outro quanto ao reconhecimento da posição do sujeito como objeto. Sendo assim, a angústia[16] surge como defesa do sujeito diante da demanda do Outro, da inquietante indagação do que ele quer de mim e o que sou para ele.

Lacan relacionou o objeto *a* como objeto comum. O objeto *a* é construído com base na relação especular com o Outro e é aquele resto irredutível da operação entre o sujeito e o Outro, com o qual o sujeito se identifica e se constitui.

---

[15] Midas o rei da Frígia era considerado despótico e cruel, a população de sua corte era miserável, enquanto ele era bastante rico. Certa vez, ele libertou Dionísio, das montanhas de Frígia e como recompensa ele ofertou ao Rei a realização de um desejo, movido pela cobiça Midas pediu que tudo que tocasse se transformasse em ouro. Com a realização do desejo, o rei ficou bastante entusiasmado com a recompensa até a hora do almoço, quando tocou na refeição e a transformou em ouro. Ele arrependido pediu a Dionísio que desfizesse o pedido. Ordenou ao Rei que lavasse as mãos na fonte de Pactolo, e assim o poder de Midas desapareceu (BRANDÃO, 1991, p. 122).

[16] Com relação à psicose, Lacan (2005, p. 134) nomeia de despersonalização o não reconhecimento da imagem especular e esse estranhamento como um dos fatores da precipitação da angústia. “Se o que é visto no espelho é angustiante, é por não ser passível de ser proposto ao reconhecimento do Outro”. Temos como hipótese que a angústia na psicose se dá no real do corpo, uma vez que, diferentemente, do neurótico, o psicótico não fez a operação de extração do objeto *a* no corpo do Outro. Se, na neurose, o tratamento da angústia se ocorre por meio do desejo, qual o tratamento dado pelo sujeito psicótico à angústia, já que ele não passou pela castração e não se serve da lógica fálica? Há, portanto, uma questão que merece detalhada investigação relacionada ao Outro, pois, na psicose o Outro não é barrado. Entretanto, não a aprofundamos, porque não é nosso objetivo de investigação nesta pesquisa.

> Um resto precário e submisso, sem dúvida, pois, como todos sabem hoje em dia, sou para sempre o objeto cedível, o objeto de troca, e esse objeto é o princípio que me faz desejar, que me torna desejoso de uma falta – falta que não é uma falta do sujeito, mas uma carência imposta ao gozo situado no nível do Outro (LACAN, 2005, p. 359).

Lacan (2005) relaciona o desejo em torno do objeto *a*, ou seja, a estruturação subjetiva, à cadeia significante, à formulação do desejo e à própria precipitação da angústia quando desvela o objeto *a* no nível do real. Ele insiste em afirmar que, ao aparecer algo que deveria estar fora da cena, desencadeia-se a angústia. A nova fórmula de Lacan é que a angústia é aquilo que não engana, é da ordem da certeza e se situa do lado do Outro. (LACAN, 2005)

Em *O amor como semblante*, Maia e Caldas (2011), percorrendo a concepção do amor em Lacan, mostram que a constituição do sujeito e do objeto, se origina em uma perda. Tal perda originária na constituição subjetiva e nomeada por Lacan como o pedaço de corpo. Ela marca o corpo do falante. O objeto *a* é esse objeto que cai do corpo da criança. O objeto *a*, esclarecem as autoras, é o resto da operação do recalque originário ─ esse objeto perdido, impossível de ser encontrado e nomeado.

Com a formulação da angústia como certeza, houve um avanço na sua conceituação e passou-se a situá-la entre o desejo e o gozo. Além disso, há, uma questão diretora para a clínica, a partir do manejo da transferência: o tratamento para a angústia[17]é fazer o sujeito desejar. Diz-nos Lacan (2005, p. 197): "Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo". Ensina-nos que a causa se direciona à abertura da angústia. Assim, o desejo do analista e o manejo da transferência operam com o objeto *a*.

Então, para Lacan, podemos afirmar, o Outro é linguagem quando é designado como o tesouro dos significantes, ou seja, quando é o ponto de origem do significante; é discurso quando se interpõe entre o sujeito e o mundo e fornece uma imagem ao sujeito, promovendo a unidade corporal e a formação do eu; é lugar quando remete a um Outro que demanda, aquele que quer alguma coisa. Sobre essa topologia, diz-nos Lacan: "O homem encontra sua casa num ponto situado no Outro para além da imagem de que somos feitos" (LACAN, 2005, p. 58). O Outro é o resto, um pedaço de corpo quando é o resultado da operação subjetiva entre o Outro barrado e o sujeito barrado. Assim, o Outro lacaniano é um campo que possibilita ao homem a simbolização, a constituição do eu, de uma imagem, de uma fantasia e do desejo.

---

[17] O analista precisa operar, calculadamente, com a angústia, já que não há entrada em análise, sem angústia, como também não há sujeito sem angústia. (LACAN, 2005).

4 COM A PALAVRA, O CORPO FALANTE: DA INCONSISTÊNCIA DO OUTRO À INVENÇÃO DO *FALASSER*

> "O desejo vem do Outro, e o gozo está do lado da coisa".
> (LACAN, 2008, p. 867)

As nuances da formulação do conceito de Outro, ao longo do ensino lacaniano, resultaram da contribuição da topologia, da lógica matemática, da linguística e do estruturalismo de Lévi-Strauss. Entretanto, o Outro continua responsável pela constituição do sujeito, é o tesouro do significante que dá lugar ao sujeito. Apoiado na topologia e na lógica matemática, Lacan formulou que o Outro não existe, é ficção, semblante (LACAN, 2008).

Com essa formulação ─ "o Outro não existe" ─ ele promoveu uma ruptura epistemológica no ensino e na clínica psicanalítica: caiu a primazia do simbólico, perdeu-se a eficácia do poder da palavra, mas acentuou-se a dimensão do real. Trata-se da clínica do real, aquela que privilegia a dimensão da pulsão e do gozo, o que escapa à palavra na dimensão do significado. Agora, interrogamo-nos: como Bauby continuou a investir na vida quando o Outro perdera o lugar de suposição de um saber, quando o sujeito já não encontrava resposta no campo do Outro? No caso em análise, percebemos o uso da administração do real por meio da invenção.

Em *O desejo e sua interpretação*, Lacan (2016) declarara que não há, no Outro, um significante a representar o sujeito; logo existe uma falta fundamental. Já em *De um Outro a outro*, ele afirma que o Outro não existe e demonstra, ao se servir da lógica matemática, que o que dá consistência ao Outro é o objeto *a* (LACAN, 2008). Nesse *Seminário*, o objeto *a* passa a ser a cifra de gozo, o gozo que retorna. O que significa afirmar que o Outro não é consistente? Significa considerar a insuficiência da dimensão simbólica. Lacan partiu da falta do significante que representa o sujeito no campo do Outro à sua inconsistência, e por meio da lógica e da topologia mostrou o que restou dessa experiência do sujeito barrado com o Outro barrado é o objeto *a*. Conclui com isso que o Outro tem lugar no corpo falante. Logo, o Outro existe como inconsistência constituída, fazendo-se um Outro de si. O objeto *a* é a prova e a garantia da alteridade do Outro.

Em seu último ensino, Lacan conclui: o Outro é o corpo falante, o que resta ao falante é a experiência de acontecimento de corpo, ou seja, o gozar do corpo. (LACAN, 2005, p. 36)

4.1 Saber-Fazer com o Real

No *Seminário, De um Outro ao outro* de Lacan (2008) localizamos uma torção epistemológica em relação ao seu ensino e à clínica. Essa nova ou segunda clínica como é designada, deixou de dar primazia ao registo simbólico, à eficácia do poder da palavra, dos Nomes-do-Pai; desde então um jogo de significantes que serve para nomear o enigmático desejo do Outro passou a acentuar o mais-de-gozar, especificamente a relação do falante com o objeto *a* enquanto mais-de-gozar e não mais como causa de desejo, tal como formulado no *Seminário 10: a Angústia*.

Nessa nova perspectiva, Lacan elaborou alguns princípios sobre o discurso: em primeiro lugar, demonstrou que o inconsciente é o discurso do Outro; depois, observou haver inconsistência na estrutura do discurso o qual tem consequência. O que o discurso visa é a causa do discurso, ou seja, o discurso é um aparelho de gozo (LACAN, 2008).

"Que é o Outro? " ─ questiona Lacan (2008) ao longo do *Seminário 16: De um Outro ao outro.* Ele próprio responde é: "é o campo da verdade que define como sendo o lugar em que o discurso do sujeito ganharia consistência, e onde ele se coloca para se oferecer a ser ou não refutado" (LACAN, 2008, p. 24). Que consequência podemos extrair dessa afirmação? Primeiro, o Outro é uma invenção do sujeito; segundo, o Outro fornece textura ao sujeito; terceiro, não existe discurso absoluto; quarto, só existe o sujeito de um dizer (LACAN, 2008, p. 64). No caso aqui investigado Bauby nos mostrou, conforme Lacan ensina, que só há um sujeito de um dizer, o *falasser* se esforça para sair do silêncio e poder dizer o que foi para ele o AVC por meio da obra escrita.

Ao perceber essa inconsistência discursiva, Lacan demonstrou haver insuficiência estrutural no registro simbólico, por isso os Nomes-do-Pai e, consequentemente, a metáfora paterna são insuficientes para lidar com o gozo. Em outros termos, algo escapa ao significante, à palavra na dimensão do significado e sentido. Mas, é preciso ressaltar, a segunda clínica, em certa medida, não abandonou a primeira, apenas passou a acentuar o registro real e se situar no além do Édipo (LACAN, 2008), como vimos na introdução desta tese. Então, podemos observar duas clínicas em Lacan: uma enfatiza a ordem simbólica por meio dos Nomes-do-Pai, o que dá consistência ao Outro e ao simbólico; a outra admite inconsistência e fragmentação na ordem simbólica, marcada pela inconsistência do Outro, pelo furo no discurso, e acentua o mais-de-gozar, o objeto *a* e a dimensão da letra e o aspecto do sem sentido.

A clínica da inconsistência da ordem simbólica, ou da inconsistência do Outro resultou da experiência da clínica de Lacan com a psicose e com o feminino. Nessas duas clínicas, a da

psicose e do feminino, Lacan observou haver diversas maneiras encontradas pelo sujeito para responder à própria questão da existência. Logo, admitiu-se então, nem toda questão do sujeito encontra resposta no campo do Outro, já que há furo no discurso, não há significante que represente o sujeito.

Conforme Veras (2013), Lacan, no *Seminário 23*, demonstra que a segunda clínica é aquela que introduz, por meio do conceito de *sinthome*, resposta inusitada e singular construída pelo sujeito. O conceito de s*inthome,* o sintoma escrito com th, surgiu em Lacan quando ele se dedicava aos estudos da obra literária do famoso escritor irlandês James Joyce. Um dos efeitos desse estudo foi a afirmação de que a obra de Joyce, o *sinthoma* dele, é invenção do *falasser* para lidar com a foraclusão do Nome-do- Pai. Assim, a escrita joyciana tem a função de fazer suplência.

A segunda clínica prima pela invenção, pelo saber fazer com o real, a partir do possível a cada sujeito, quando este se confronta com a inconsistência do Outro e com o real. Seguindo essa lógica, estudamos o caso de Jean Dominique Bauby, no sentido de localizar a função da escrita de Bauby e sua criação com o uso da escrita. Leiamos Veras (2013) a problematizar sobre a inconsistência do Outro:

> Ao barrar o Outro, Lacan aponta para a impossibilidade de uma relação de alteridade estabelecida nos moldes do problema- solução. Nem todo problema encontrará uma solução no campo do Outro, trata-se de um ordenamento simbólico repleto de restos que são excluídos de qualquer sentido (VERAS, 2013, p. 105).

Assim, todo falante é afetado por algo fora sentido, efeito da relação do confronto com o enigmático desejo do Outro e com o traumático da língua. A segunda clínica, a clínica do real, ou da inconsistência do Outro, privilegia essa dimensão do fora sentido, a dimensão da pulsão e do gozo, considerando e valorizando a insuficiência do simbólico e dos Nomes-do-Pai, como já o dissemos anteriormente (VERAS, 2013).

Nessa segunda clínica, Lacan se serviu da teoria dos conjuntos, da topologia borromiana dos nós e tranças, no sentido de ensinar como cada *falasser,* na sua singularidade, respondeu ao confronto com a inconsistência do simbólico[18] por meio de novo arco designado de *sinthoma*, que permite novo arranjo no enlaçamento entre o real, o simbólico e o imaginário. O aro que enlaça o RSI é designado de *sinthome* (GUERRA, et al., 2008).

---

[18] Há falha estrutural na linguagem, um furo, que atinge a todos os seres falantes, psicóticos ou neuróticos.

Diante de tal inconsistência, cada sujeito dá um tratamento singular ao "parasita falador"[19] que o aflige, pois habita no falante o gozo estrangeiro repetitivo, ineliminável e intraduzível pela linguagem, nomeado por Lacan "gozo do Um". (LACAN, 2007). Conforme Miller (1999), em *Elementos da biologia lacaniana*, o saber sobre o gozo é o único saber psicanalítico. Cada falante goza a seu próprio modo. Isso está do lado da verdade e da certeza psicanalítica ─ há o Um, ou seja, há gozo. A clínica psicanalítica demonstra que não há gozo sem vida com base em um corpo. Se, por um lado, a linguagem é a condição do inconsciente, segundo afirma Lacan, por outro, o corpo vivo falante é condição de gozo.

Para a psicanálise, o sintoma é a verdade do sujeito, mas impossível de ser dita toda. A vertente do sintoma como mensagem cifrada do Outro diz respeito à história da alienação do sujeito ao Outro. O sentido do sintoma é o sentido do significante e do investimento libidinal. O sujeito está conectado ao significante. O sintoma é a maneira de gozar do falante, um modo de defesa diante da angústia. Ao lado disso, ele contém algo da verdade do sujeito, é um signo. E mais: goza do inconsciente, quando resiste à interpretação e, com isso, anuncia que a verdade é impossível dizê-la toda. A psicanálise não pretende aboli-lo, e sim fazer o sujeito adotá-lo. A propósito, segundo Quinet, a análise provoca mudança do sintoma-parasita para o sintoma adotado (QUINET, 2003).

Convém tecer algumas ponderações sobre o conceito de sintoma na perspectiva psicanalítica, já que analisarmos, no quinto capítulo, a solução sintomática construída no caso clínico. Com Freud (1996s) aprendemos que o sintoma é substituto da satisfação sexual, tem um sentido e se relaciona com o significante, que é enigmático ao sujeito. Embora ele proporcione uma satisfação pulsional também causa sofrimento ao sujeito. É uma metáfora, pois tem efeito de substituição de um significante por outro. Já o *sinthoma* do *falasser* é um acontecimento de corpo, emergência de gozo, fora do sentido. (MILLER, 2016).

Outro conceito desenvolvido por Lacan baseado no estudo da obra de Joyce foi o *sinthoma* (escrito com th). Trata-se de um modo de enodamento dos três registros e sem endereçamento ao Outro; logo não tem significado. Ele opera como uma letra é a denominação da unidade mínima do significante. Também é uma marca de gozo. Diante do *sinthoma*, observam-se os dois modos de gozo do *falasser*: o da fala e o do corpo. Miller (2016), por sua vez, denomina o gozo do corpo e o gozo fora do corpo. O primeiro diz respeito à dimensão do gozo de si mesmo; o segundo, à dimensão do gozo fálico, atrelado ao significante fálico. Tendo como referência o paradigma do *sinthoma*, esse mesmo autor, conclui: todo gozo é do corpo, já que

[19] Expressão utilizada por Lacan (2007) no *Seminário 23*: *O Sinthoma*.

não há Outro do Outro. Ele nomeia de corpo falante o lugar de *lalíngua* ─ língua particular presente em cada falante, com significação única e particular. Em virtude disso, Miller nomeia a prática da psicanálise como uma prática delirante, uma vez, que considera e se orienta pela dimensão particular da língua de cada falante. Enfim, o analista é aquele que vai fazer escutar isso (MILLER, 2016).

Conforme Batista e Prado (2016), no artigo: *É possível ser feliz sem o Outro?,* diante da lição de Joyce,o *sinthoma*, elas destacam uma diferença entre o *sinthoma* e o sintoma, escrito sem o th. O sintoma remete ao Outro, é um apelo ao deciframento, enquanto o *sinthoma* é um acontecimento de corpo, uma letra, marca que promove uma amarração e, por meio dele, o Outro perde sua consistência e se reduz a um semblante.

Em cada época, há especificidade dos sintomas, já que o Outro é o fiador do discurso. Hoje assistimos aos sintomas que se caracterizam pela rigidez na interpretação; diferentemente da época de Freud, quando eles remetiam à dimensão do simbólico e ao apelo à nomeação.

Atualmente, assistimos à dimensão, por excelência, do gozo, do pulsional no sintoma, e à debilidade de questionamento e implicação subjetiva. Trata-se de um efeito do impacto do discurso da ciência e do capitalismo sobre o sujeito de desejo.

Conforme Miller (1999), a fragmentação do simbólico e o Outro inexistente propiciam o falante a cair na errância e a se voltar ao corpo, no sentido de servir-se deste para novos usos, visando ao gozo. Por sua vez, ensina Lacan (2007): o homem é efeito de linguagem; não pensamos sem as palavras e não somos sem elas. Pudemos observar isso em Bauby: o piscar do olho era não só uma forma de poder falar, mas também de gozar do corpo.

Toda relação é permeada pela linguagem; os laços sociais são estabelecidos por meio dos discursos. O conceito de *falasser*, ou corpo falante, demonstra que a fala nos estrutura e nos orienta: somos, cada um a seu modo, marcados pelas palavras do Outro, pela mensagem transmitida por ele, seja pelo dito, seja pelo não dito, mas por uma marca. “A questão é antes saber por que um homem dito normal não percebe que a fala é um parasita, que a fala é uma excrescência, que a fala é uma forma de câncer pela qual o ser humano é afligido” (LACAN, 2007, p.92). Cabe aqui esclarecer o que é o *falasser*: diz respeito ao conceito de inconsciente no sentido lacaniano[20]; ele remete ao impacto do significante sobre o corpo; a palavra do Outro incide no corpo, vivifica-o e marca um modo de gozo; é a condensação de fala mais o ser.

---

[20] Conceito construído com base no *seminário 23,* após o estudo da obra de Joyce ─ o escritor irlandês que forneceu subsídios para pensar a psicose não desencadeada e a função da obra e da escrita uma saída para esse sujeito (LACAN, 2007).

Com base na trilogia real, simbólico e imaginário, para compreender a realidade humana, com Lacan a concepção de corpo deixou de ser binária, o dentro e fora, e passou a ser a concepção de enodamento de enlace dos três registros. O simbólico remete à linguagem; o real, ao aspecto da pulsão; o imaginário à vestimenta e ao semblante narcísico, que oferece ao sujeito, por meio do estádio do espelho, a ilusão de unidade corporal, construída inicialmente de uma imagem, como vimos no capítulo segundo.

Lacan propôs, em seu último ensino, que a fala é um aparelho de gozo, por isso o ato de fala é um ato de gozo que afeta o corpo vivo falante. Também ela é um modo particular de satisfação do corpo falante, logo não visa à comunicação, e sim ao gozo. Dessa forma, habita em todo humano o *parasita falador*, aquilo que ressoa como eco da marca deixada pelo outro, que é um enigma para o sujeito e produz efeitos sobre o corpo (BLANCHET, 2016).

Conforme Zucchi (2015), o sintoma representa o sujeito e produz gozo. No primeiro ensino, Lacan o enfatizo una dimensão do desejo; no segundo, passou a ser da ordem do incomunicável, uma invenção que tenta responder à inexistência da relação sexual. Nessa nova lógica, o sintoma é visto como acontecimento de corpo. Por exemplo, Bauby usou o piscar da fenda palpebral do olho esquerdo como órgão de gozo ─ forma de gozar do corpo já que seu corpo estava reduzido a um olho. Com certeza, ele fez uma invenção.

A clínica da psicose é paradigmática para demonstrar a insuficiência do simbólico e a dimensão do saber fazer do falante com o real. Ela ensina como cada sujeito encontra solução singular para lidar com o gozo do Um. A bem da verdade, na psicose, o sujeito não se serve dos Nomes-do-Pai; cada um a seu modo vai se servir da fragmentação do simbólico, do imaginário e do real.

Lembremos que o ponto de partida da clínica em Lacan ocorreu com a psicose, em virtude do seu interesse por ela e pela própria formação de psiquiatra. Um dos efeitos dessa clínica em Lacan foi a originalidade no modo de se servir da psicose como guia, para pensar e manejar a clínica na atualidade. Para ele, a todo instante, a clínica da psicose nos ensina a tomar cada caso em sua singularidade, como o sujeito pôde responder diante da inconsistência do Outro e do saber fazer com o real.

Segundo Gallano (1998), o interesse de Lacan pela clínica da psicose ocorreu, em especial, por dois motivos: o fracasso em relação ao amor e o êxito em relação ao saber. O primeiro evidencia-se nas passagens ao ato na clínica das psicoses nos casos da erotomania[21]. No caso

[21] A erotomania refere-se ao fenômeno psicótico em que o sujeito se sente tomado como objeto de gozo do Outro.

específico da paranoia, o risco é o sujeito golpear o outro, já que o paranoico localiza o objeto mal no campo do Outroque dele goza.

Lacan com a clínica da paranoia[22], concluiu que o saber não é revelação nem verdade, e sim invenção do sujeito para lidar com o real e com o fora de sentido. Na psicose, diante da inconsistência do Outro, há a construção delirante, enquanto, na neurose, há a construção fantasmática. Em *A lógica da fantasia*, Lacan (2003e) afirma que não há o Outro do Outro, ou seja, não há metalinguagem, nem gozo do Outro, embora aprendamos com a clínica que, na psicose o *falasser* faz existir o gozo do Outro.

Realizamos essa breve discussão sobre a clínica da psicose, para mostrar sua caracterização pelo uso da invenção do *falasser*. Isso nos serviu de bússola para análise do caso de Bauby, pois neste ficou evidente o confronto com a inconsistência do simbólico e o confronto com o real.

O neurótico, para lidar com a insuficiência simbólica, se serve da significação fálica e, por meio dos Nomes-do-Pai, ele constrói a fantasia ─ uma resposta para vir a ser sujeito. Portanto, a fantasia na neurose é uma defesa do sujeito para lidar com a opacidade do desejo do Outro. Especificamente no *Seminário 6: O desejo e sua interpretação*, Lacan (2016) conclui ser a fantasia o fundamento do desejo ─ resposta construída pelo *falasser* para lidar com o enigmático desejo do Outro, diante da questão "O que o Outro quer de mim?" Assim, percebemos, o desejo se situa na articulação com o Outro, enquanto o gozo está do lado da coisa, o objeto *a*. Podemos afirmar, então, se a fantasia defesa frente ao Outro diante do desamparo ou diante do enigmático desejo do Outro expresso pelo neurótico. E mais: é um semblante de que o sujeito se serve a fim de poder existir e desejar, por isso Lacan a nomeia o suporte do desejo. Já no caso do psicótico, a resposta dada pelo sujeito, diante da inconsistência do simbólico não passa pelos Nomes-do-Pai, já que *fora cluído*, o pai não lhe serve. A saída ocorre por meio do saber inventado no delírio, que possibilita "cifrar o destino do gozo que faz existir o Outro, em uma equivalência do gozo e do saber" (GALLANO, 1998, p. 184).

---

[22] Na paranoia, o mal está no outro; então, matar o outro é tentativa de eliminar esse outro que dele goza. Na esquizofrenia, o outro gozador se localiza no corpo do sujeito; a melancolia, por sua vez, o objeto mau, situa-se no próprio sujeito. Daí o risco do suicídio e o empuxo a golpear-se. Fazemos um parêntese para enfatizar que no caso do uso do diagnóstico diferencial na clínica é operatório, ou seja, ele visa a indicar a direção do tratamento. Lacan se serviu da clínica da psicose para repensar a clínica da neurose, já que na psicose nos ensina um saber fazer com a inconsistência do Outro e o Um do gozo. Devemos ter cautela na clínica com os fenômenos, uma vez que pode haver neurótico que apresente sintoma com aspecto de psicose. Diante do exposto, com aclínica da psicose, percebemos variados modos, saídas singulares para lidar com o gozo (ZENONI, 1999, p. 30-32).

No caso de Bauby, ele usou a fantasia e o humor para a tessitura de um corpo fora do corpo para lidar com a paralisia e a solidão forçada.

4.2 A Debilidade da Verdade: Uma Brecha para Invenção?

Lacan (2008) introduz no *Seminário 16:de um Outro ao outro* certa tensão entre as dimensões do saber e da verdade, quando admite o seguinte: administramos a debilidade da verdade por meio daconstrução de saber; logo, a verdade é administrada pela dosagem de saber fazer com o real ─ um artifício do semblante.

Lacan admitiu que a existência da verdade e do saberse localiza no campo do Outro, no campo da linguagem. A escolha de vir a ser sujeito se apoia na verdade situada no campo do Outro como um campo do saber. Ele nos diz:

> Não há Outro do Outro. Não há no Outro nenhum significante que possa, conforme o caso, responder pelo que sou. E para dizer as coisas de uma maneira transformada, a verdade sem esperanças de que lhes falava agora a pouco tempo, essa verdade que é aquela que encontramos no nível do inconsciente, é uma verdade sem rosto, uma verdade fechada, uma verdade que pode se dobrar em todos os sentidos. Sabemos disso muito bem, é uma verdade sem verdade (LACAN, 2016, p. 322).

Logo, percebemos, que há o Outro como semblante: a verdade é sempre não toda.

Para Lacan, o saber psicanalítico é subversivo, porque é não-todo, não é absoluto nem dado desde o início. Por não ser da ordem do absoluto, o saber é risível (LACAN, 2008). Por isso, ele retoma no *Seminário 16*: *De um Outro ao outro* a discussão sobre a aposta de Pascal (que questionou a existência ou não de Deus), destacando três posições: a daquele que acredita no Outro; daquele que não acredita no Outro; a daquele que não entra no jogo do Outro. Três diferentes posições dos jogadores diante da aposta. Assim, quando se acredita na existência de Deus, aposta-se na vida futura marcada pelo infinito, pelas vidas felizes prometidas. Então, diante da existência do Outro, a consequência é uma promessa. Quando não se acredita na existência de Deus, percebe-se a felicidade limitada, o que coloca em questão o objeto causa de desejo, aposta-se na vida que se tem. Logo, ao apostar na existência de Deus, desejamos ganhar o infinito; ao apostar na não existência de Deus, ganhamos a incerteza e, com ela, o objeto causa de desejo. Assim, diante da inexistência do Outro, tem-se o possível, o que o sujeito se permite. De acordo com Lacan, qualquer escolha está marcada pela díade consistência ou inconsistência atribuída ao Outro, ou seja, é possível dá consistência ao Outro ou não em nossas escolhas. Quando não se entra no jogo com o Outro, a consequência é a inexistência da aposta.

Diante desses três posicionamentos, questionamo-nos: poderíamos pensar e fazer uma relação da aposta de Pascal com as três posições subjetivas: neurose, perversão e psicose? De início, a relação do sujeito com o saber/ Outro, na qual o sujeito seria o jogador e o Outro, uma suposição de Saber; o neurótico seria aquele que entra no jogo e acredita na existência do Outro/ Saber; o perverso, aquele que entra no jogo e faz acreditar na existência do Outro/Saber, finge acreditar; por último, o psicótico, aquele que não entra no jogo com o Outro/ Saber. As três posições demarcam diferentes formas de o falante se relacionar com o saber e com a verdade.

Na concepção da psicanálise, todo discurso tem relação com o Outro, com o Outro sexo; cria relação com o Um e o Outro inexistente. O discurso psicanalítico também tem sua especificidade: em virtude do amor de transferência, por meio da introdução do dispositivo analítico, ele nos mostra que a relação sexual não existe ─ isso aparece no caso a caso. Logo, todo discurso é uma forma de fazer suplência à relação sexual que não existe. Para a psicanálise todo discurso é um sintoma e a relação sexual é da ordem do impossível de se escrever (BRODSKY, 1998).

Ao problematizar o lugar da verdade como situado no campo do Outro, Lacan citou o caso paradigmático da relação da criança retardada com a mãe, minuciosamente, estudado por Maud Mannoni (1999), mostrando-nos que a mãe da criança retardada encarna o lugar da verdade e do saber sobre o sujeito, assim a criança fica assujeitada, alienada a esse Outro. Com relação ao saber, Mannoni (1999) observou na clínica que a mãe do débil nunca deixa de lutar pelo filho e este tem a função de protege-la da angústia. Por não haver entre eles um ponto de identificação via significante, o filho encarna o objeto *a* enquanto mais-de-gozar.

Retomamos algumas premissas construídas por Manonni (1999), como a mãe é o lugar da verdade e do saber sobre a criança, para problematizar a díade mãe - criança débil. Ela questiona a noção de debilidade, sugerindo haver a falsa e a debilidade verdadeira. Mas em ambas a mãe do débil coloca o saber no lugar de um testemunho, ou seja, ela personifica o lugar da verdade e do saber sobre o filho.

Em *A criança retardada e a mãe,* Mannoni (1999) vai além do rótulo “débil”: mostra um modo particular de funcionamento subjetivo na dinâmica familiar caracterizada pela relação simbiótica entre a criança e a mãe ─ dificilmente um terceiro entra. A manobra materna se dá no sentido de possibilitar a fuga da lei do pai. Outro aspecto destacado por Mannoni (1999) diz respeito ao fato de que a criança débil tem a função subjetiva de solucionar a relação da mãe com a castração, de reestabelecer a falta.

> Um dos dramas das mães de anormais é a sua solidão, assediada por fantasias de que não podem falar; o filho participa sempre do mundo fantasmático da mãe, é marcado por ele de um determinado modo; mas o que dizer da mãe para sempre fascinada, moldada por aquilo que, no seu filho, nunca tomará aparência humana? (MANNONI, 1999, p. 10).

Diante do diagnóstico de débil, que funciona para a mãe como sentença, verdade toda, há ruptura do tecido simbólico e acento no real. A debilidade mental mostra como a criança orienta o sintoma do casal. Na maioria dos casos, há dificuldade no manejo com os pais de fazer vacilar a debilidade, já que o filho fica posicionado no lugar do sintoma. Do lado da criança, Mannoni (1999) observou que ela arranja um jeito de formar um duplo, de criar a situação a dois, ou seja, o corpo do filho pertence sempre a um dos pais. Assim, ela encarna o objeto *a* não desprendido do campo do Outro. O desafio nessa clínica reside em a criança sair da posição de objeto e transformar-se em sujeito.

Sobre a mãe, ensina Lacan: ela é quem chancela a cadeia significante, ou seja, possibilita a entrada no mundo simbólico. A relação simbiótica com o Outro, segundo ele, é da ordem da psicose.

> Não esqueçam que é na relação mais radical com a mãe que todos os autores, de comum acordo, situam o lugar das anomalias psicóticas ou parapsicóticas, que repercutem sobre a integração nas fronteiras da imagem do corpo, deste ou daquele termo das relações autoeróticas do sujeito consigo mesmo (LACAN, 2016, p. 238).

Isso nos leva a inferir de que não há borda, separação entre o eu e o Outro; então, o psicótico está invadido pelos objetos *a* e pelo gozo. Assim, a mãe para a psicanálise, tem a função de introduzir o infante no mundo simbólico.

No caso de Bauby, apesar de não estar evidente à menção direta à mãe, percebemos a presença do Nome-do-Pai, por meio da identificação e de ter sido um sedutor. Além disso, podemos observar como ele se relacionava com as mulheres ─ relação marcada pela sedução ou obediência, está no sentido de tentar atender à demanda do Outro.

Com Lacan (2008), aprendemos que, na condição de sujeito, apostamos na palavra do Outro como verdade; contudo há vacilo, debilidade na verdade, que é sempre não toda, em virtude do furo no discurso ─ isso na posição subjetiva do sujeito neurótico. O objeto *a* é o objeto que, desprendido do campo do Outro, vai animar a fala e marcara existência do referido furo. Nesse sentido, faz-se necessária a extração do objeto *a* no campo do Outro, a fim de o sujeito se confrontar com o limite no campo do Outro e com a borda que estabelece separação.

Sendo assim, o sujeito pode existir, fantasiar, falar e desejar. Miller (1999, p. 26), em *Elementos da biologia lacaniana*, afirma: “o saber, é o saber sobre o gozo”.

Quanto a Bauby, percebemos, ele entrou no jogo na relação com o Outro, construiu um saber sobre o acontecimento do AVC por meio do trabalho de escrita e testemunhou o possível, sobre a dimensão da verdade do AVC. Ele mostrou, por meio do trabalho e da obra, a verdade na sua dimensão não toda por isso risível. Assim, a síndrome do encarceramento não encarcerou o ser, em relação ao desejo de falar e de escrever, porque ele criou uma invenção para não ter a *voz em off*.

4.3 Algumas Palavras Sobre O Mal-Estar: Uma Aposta no *Falasser*

No clássico *O mal-estar da civilização*, Freud (1996o) expõe diversas formas sobre a técnica de viver inventadas pelo homem bem como a busca constante em obter a felicidade. No entanto, a felicidade é episódica e o sofrimento nos ameaça em três direções: na relação com o outro, na relação com o nosso próprio corpo e com o mundo externo (as catástrofes da natureza). Lendo Freud com Lacan e com Miller, percebemos que a ameaça de sofrimento ocorre de contingência que confronta o *falasser* com o real do corpo, o real do sexo e o real da morte, servindo-se da linguagem como semblante para recobrir o vazio da morte, ou seja, por meio do significante tentar dar um tratamento ao real.

Freud (1996o) constata que a vida é árdua e nos proporciona sofrimento. No entanto, cada homem busca sua forma particular de lidar e suportar o sofrimento, seja por meio de satisfações substitutivas, seja por meio da religião, do uso de substância tóxicas, do sintoma neurótico. Há ainda quem tenta colocar o amor como o centro de tudo e quem prefere a rejeição ao mundo e o isolamento. Freud menciona o recurso e a alegria o fazer como saída para lidar com o mal-estar: “O homem deseja ser feliz e assim permanecer”, revela Freud (1996o, p. 84). Embora todas as tentativas se mostrem frágeis e fracassem, a criação é saída que proporciona satisfação substitutiva no caso específico da neurose. Segundo ele, “Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo” (FREUD, 1996, p. 91). Essa belíssima passagem, revela que cada um se arranja como pode diante do mal-estar, das contingências e do confronto com o real; cada falante encontra solução e saída para o saber fazer com o real. O sintoma, para a psicanálise, é essa saída e resposta do *falasser* diante da relação sexual que não existe.

Lacan, no início do seu ensino, retomou a virulência da palavra e a importância do simbólico, do significante e sua significação pelo sujeito. Avançou, depois, com a formulação do

conceito de os Nomes-do-Pai como direção para o tratamento, saída para o mal-estar. Veras (2013) esclarece sobre tal mudança no ensino de Lacan:

> É possível identificar um percurso que vai de uma clínica lacaniana que tem no Nome-do-Pai a garantia de uma ordem simbólica suficientemente consistente, para a clínica lacaniana que reconhece a inconsistência do Outro, vacilando, profundamente, o modo como o sujeito constrói uma resposta para a sua existência. Esse percurso pode ser exemplificado a partir de dois seminários de Lacan, separados por duas décadas. Ambos são momentos cruciais para a clínica das psicoses: o seminário 3: as psicoses, e o seminário 23: O Sinthoma (VERAS, 2013, p. 104).

No *Seminário 16*: *de um Outro a outro*, percebe-se há um ponto de virada conceitual quanto ao estatuto do Outro (LACAN, 2008). No *Seminário 10: A angústia*, já vimos, ele conceitua o objeto *a* como extração corporal, um pedaço de corpo (LACAN, 2005). Nesse seminário, o objeto *a* é o resto do Outro. Em *O sinthoma*, ele elabora algumas premissas sobre a inconsistência do Outro: não há Outro do Outro, ou seja, não há metalinguagem (LACAN, 2007); não há responsabilidade senão sexual; o conhecimento é enganoso; o nó não constitui a consistência; o corpo escapa o tempo todo, este a raiz do imaginário. Isso significa que o homem não é o corpo, ele o tem. É preciso trabalho subjetivo para a apropriação dele, que é sempre estranho ao *falasser* em virtude do gozo do Um. Assim, cabe ao psicanalista levar o sujeito a encontrar nomeação não mais no campo do Outro, e sim por meio de identificação do sintoma, do ponto ineliminável de cada falante (VERAS, 2013).

Para estabelecer o conceito do real, Lacan dedicou 20 anos de estudo e pesquisa ─ conceito original e considerado pelos psicanalistas lacanianos como o sintoma de Lacan. Ele também construiu o conceito de objeto *a*, de grande contribuição à teoria e à clínica psicanalítica. No *Seminário 23*: *O sinthoma*, formaliza e descreve algumas propriedades do real: o real é sem lei; é o fora sentido; não tem ordem. O real se caracteriza por um outro tipo de escrita, o qual simboliza a cadeia significante com base no enodamento dos três registros ─ real, simbólico e imaginário ─ como sendo cifras. Ele destaca que geralmente o real tem valor de trauma pelo forçamento de nova escrita e que o *sinthoma* é invenção para lidar com o real diante da inconsistência do Outro.

Conforme BATISTA (2012), no artigo *É possível ser feliz sem o Outro? A lição de Joyce, o sinthoma*, os autores discutem que o sintoma é recurso do neurótico para lidar com a angústia e que Joyce ensina a psicanálise um saber fazer com o real por meio da obra e da escrita de nova língua não proveniente do Outro. O *sinthoma* é invenção do sujeito para corrigir o nó, quando algo vacila.

> Diferentemente do sintoma construído a partir do Outro e fonte de gozo/prazer, o sinthoma se faz sem o Outro, como a obra de Joyce. Sabendo fazer com seu sintoma o falante se liberta do Outro e, portanto, torna-se menos ambivalente: pode rir de si mesmo e pode obter, finalmente, alguma satisfação não neurótica (LACAN, 2007, p. 15)

Especificamente, na penúltima lição do *Seminário 23:* O *sinthoma* intitulada *Do inconsciente ao real*, Lacan (2007) problematiza a definição do conceito de real, bem como descreve algumas das suas propriedades: o que é o real? O que caracteriza o real? O real é sem lei, forclui o sentido; o real põe fogo em tudo ─ enfatiza Lacan (2007). Se o real põe fogo em tudo, concluímos que ele promove desorganização e rearranjo entre os registros RSI, por causado esgarçamento no tecido simbólico; por consequência, ocorre o atar e o desatar entre os nós.

Para Lacan (2007), o real tem valor de trauma pelo forçamento de nova escrita; ele ensina como a escrita come o real, ou seja, a escrita serve como defesa diante do real. Destacamos essa passagem com o intuito de lembrar o primeiro capítulo, onde abordamos três casos de AVC nos quais os sujeitos se serviram da escrita para lidar com o real. Já, segundo Claude Conté (1995), o real é uma forma de atamento entre o imaginário e o simbólico daquilo que não pode ser simbolizado, mas é o ponto de sustentação de qualquer escrita.

No*Seminário18: De um Outro ao outro*, Lacan afirma: "A essência da psicanálise é a presença de um discurso sem fala" (LACAN, 2008, p. 64). Pensamos que ele se refere à dimensão do real. No entendimento de Lacan, o psicanalista é um *sinthoma* do sujeito. "Por isso a psicanálise, ao ser bem-sucedida, prova que podemos prescindir do Nome-do-Pai. Podemos sobretudo prescindir com a condição de nos servirmos dele" (LACAN, 2008, p. 132). Em outras palavras, ao *falasser* é possível servir-se da invenção para lidar com o real. Nesse sentido, concluímos que o *sinthoma* é um saber fazer com o real com base no que é possível a cada sujeito. Por sua vez, Laurent (2016) afirma: o trabalho de análise implica o nascimento de nova escrita, a do sintoma de um outro modo, com efeito de uma criação, não necessariamente artística, mas que implica nova língua para alojar o gozo. Podemos extrair das palavras de Laurent, pensando especificamente no caso de Bauby, que este, diante do confronto com o real, por meio do piscar da pálpebra do olho esquerdo, elaborou a composição de uma escrita ─ ato de criação para a qual o *falasser* se serviu das lembranças da fantasia e do humor como modos de defesa para lidar com o real.

Brodsky (2016, p. 42), no artigo *Meu corpo e eu*, destacou que, no dispositivo analítico, há um lugar privilegiado: a palavra. Para falar, sabemos, faz-se necessário um corpo vivo e falante, contudo ocorre, na análise, a presença de dois corpos, ou seja, uma fala endereçada ao Outro (os ruídos: tosse, espirro e pigarreio) escutados pelo analisante colocam em questão o

corpo do Outro. Nessa perspectiva, Brodsky (2016) salienta que os analisantes apresentam queixa, interesse e questionamento sobre o corpo, o que os leva a falar.

Com Lacan, aprendemos que o corpo é efeito de linguagem, das marcas deixadas pelo Outro. Na concepção lacaniana, o sujeito não é o corpo; ele tem um corpo, o que implica haver trabalho subjetivo de apropriação do corpo por meio da separação simbólica do Outro. Segundo Brodsky (2016, p. 43), "Ter um corpo é o resultado de um mecanismo complexo, não dado de entrada e sempre sobre a ameaça de perda". Sobre isso, conforme Lacan (2007), o corpo escapa o tempo todo, ou seja, a sua consistência é mental, construída com base em imagens fornecida por meio do estádio do espelho. No caso de Bauby, o AVC fez o corpo escapar no sentido de flacidez e de perda de autonomia, mas o sujeito se serviu do recurso da escrita, tal qual um artesão decidido passa a fiar e a criar um corpo fora do corpo.

Diante disso, percebemos a contribuição e a originalidade lacaniana na elaboração do conceito de corpo: mostra que o corpo está para além da forma e da concepção binária de dentro e fora, tal como formulado por Freud. Lacan avançou ao afirmar ser o corpo uma forma de enlace dos três registros (o real, o simbólico e o imaginário). Para melhor ilustrar, Lacan (2007) considera, no *Seminário23:* O *sinthoma*, o caso de Joyce como ponto paradigmático para mostrar o que é um corpo.

Na clínica, a dimensão do corpo que nos interessa diz respeito àquilo que não silencia à gramática pulsional – o modo único de cada sujeito gozar. Em outros termos, o saber fazer com o sintoma, aquilo bastante singular em cada um, funciona como assinatura, marca, nomeação, um lugar para ser sujeito.

Zucchi (2015), em *Outro Corpo: inconsciente, sintoma e a clínica do corpo*, expõe a concepção do conceito de corpo em Lacan e suas torções ao avançar do conceito do real. Conforme essa autora, há em Lacan a dimensão do corpo imaginário (imagem), simbólico (significante) e real (gozo). Ela declara, que no início do ensino, Lacan, deu prioridade ao corpo como imagem, de uma imagem iniciada com a identificação da imagem do semelhante, por meio da análise do estádio do espelho e da imagem constituída por meio da fantasia.

A partir de 1953 a 1960, ela observou, Lacan se voltou para o efeito do significante sobre a imagem. Aqui se destacou o efeito do olhar do Outro para o sujeito que organiza o corpo e o eu. Então, prevaleceu o imaginário, a imagem como resistência ao simbólico. Já no segundo ensino, acentuaram-se as marcas deixadas pelo significante sobre a carne, especificamente com a formulação de que o desejo é o desejo do Outro. No terceiro ensino, ele destacou o corpo concebido como de gozo, que passou a ter caráter absoluto, e o significante, uma defesa diante do real (ZUCCHI, 2015).

Em *Meu ensino*, Lacan (2006) enumera algumas premissas sobre a psicanálise. Uma é que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, ou seja, há modo de funcionamento específico (metáfora e metonímia) e lê-se o inconsciente durante o tratamento analítico. Outra premissa é que a linguagem é a condição do inconsciente, ou seja, para Lacan (2012), o traumático é o confronto com a linguagem. No *Seminário19: ... ou pior*, ele afirma: "é justamente porque o ser é falante que existe o complexo de castração" (LACAN, 2012, p. 16). Esse enunciado nos diz que o sujeito fala graças à falta no Outro que se presentifica por meio do significante do Nome-do-Pai, que funda a lei e o desejo e, consequentemente, introduz-nos no sistema simbólico. Assim, o Nome-do-Pai é um conjunto de significantes que interdita o gozo e funda o laço social; e, contudo, o Pai como instância simbólica, é sempre insuficiente.

Lacan propiciou avanço na teoria e na clínica psicanalítica desde que constatou estar o inconsciente na superfície, ter estrutura de linguagem e ser o discurso do Outro. E mais: revelou uma novidade com a releitura da obra freudiana: o significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante (FORBES; RIOLFI, 2014).

Sobre essa articulação da linguagem com o inconsciente, no texto *Função e campo da fala e da linguagem*, Lacan (1998a) ressalta que o campo de atuação do psicanalista é a linguagem e, para se servir dela, é preciso fazer o sujeito falar. Nesse texto, ele afirma, o psicanalista opera na linguagem com base no significante. O texto citado surgiu no contexto político de advertência à prática psicanalítica já que a importância dada por Freud à palavra estava sendo negligenciada. Propunha-se, assim, um retorno a Freud. Didaticamente, o referido texto demonstra que o psicanalista opera com a palavra e com a fala por meio da enunciação dos ditos e modalidades dos ditos do sujeito, como esclarece Miller (1997) em *Discurso do método psicanalítico*. Esse texto paradigmático explicita o diagnóstico e a direção do tratamento na orientação psicanalítica, expondo a técnica e a prática psicanalítica orientadas por princípios que dão lugar de fala ao sujeito e o responsabilizam pelo dito, enquanto o analista procura fazer o sujeito aparecer e localizá-lo nos ditos e nas modulações do dito.[23]

Segundo Lacan (2005) os seres falantes criam o mundo e a realidade com base no significante, o qual também engana. Tanto o animal quanto os seres falantes criam rastros, mas apenas o homem é capaz de criar rastros falsos, já que o significante não é absoluto.

---

[23] Miller (1997) demonstra que o falante é quem avalia o próprio sintoma quando demanda análise, já que ele procura e vai ao encontro do analista. Após realizada essa autoavaliação, cabe ao analista diferenciar as diferentes demandas, seja de cura, seja de se tornar analista, dentre outras.

> É que os significantes, eu lhes digo, estão distribuídos pelo mundo, pela natureza, estão por aí a rodo. Para que nascesse a linguagem e já alguma coisa levantar a questão os significantes não são uma coisa individual (LACAN, 2005, p. 16-17).

Os significantes encontram-se no discurso e o sujeito se identifica com eles, mas o sujeito aparece sempre no vazio entre um e outro. Falar é desejar. Para Lacan (1998), existem dois tipos de fala: a vazia e a plena. Elas se diferenciam pela implicação subjetiva e responsabilização do sujeito em relação ao seu sintoma na fala plena; e pelo blá-blá-blá em que o sujeito goza do sem sentido das palavras na fala vazia. Na fala plena, o sujeito se dirige ao Outro, a alteridade, construindo uma questão sobre o próprio sofrimento, fazendo um saber sobre isso. Então, para a psicanálise de orientação lacaniana, a importância da linguagem[24] está além da comunicação, ela constitui o sujeito do desejo.

Conforme Lacan (2005), aquilo que recebemos do Outro por meio da linguagem é o material significante, matéria-prima fundamental a compor a realidade de cada um e a possibilitar a construção de um mito. Em outras palavras para que o sujeito se constitua e se torne desejante, faz-se necessária a existência do Outro, existência como mito, uma ficção individual construída.

Apoiado na linguística e no estruturalismo de Lévi-Strauss, Lacan formulou o conceito de Outro como uma instância, o lugar onde o sujeito se situa com base nos significantes fornecidos pelo discurso (FORBES; RIOLFI, 2014). Assim, o sujeito lacaniano se situa no intervalo da cadeia significante, ou seja, não há significante que esgote o ser do sujeito. Ao longo do seu ensino, ele sustentou que o inconsciente é o discurso do Outro. Vejamos o que ele nos diz:

> O inconsciente é o discurso do Outro. O discurso do Outro não é o discurso do outro abstrato, do outro da díade, do meu correspondente, nem mero e simplesmente o do meu escravo, é o discurso do circuito no qual estou integrado. Sou um dos seus elos (LACAN, 2010, p. 127).

Sendo assim, o sujeito é efeito do discurso do Outro. No *Seminário 10: A Angústia*, Lacan (2005) problematiza ao afirmar que, graças ao reconhecimento e ao testemunho do Outro, o sujeito, simbolicamente, nasce e constrói uma imagem de si e uma unidade corporal.

No *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais*, afirma: “o que se deve fazer como homem e como mulher se aprende com o Outro” (LACAN, 1998c, p. 194). Em outras palavras, o Outro como instância simbólica engendra o lugar para o sujeito. Lacan (2005) estabelece uma

[24] Para Lacan (2003), ela é habitada por quem fala.

diferença entre o outro e o Outro. Este é o tesouro de significantes, quem o sujeito supõe ter um saber; enquanto aquele é da ordem do especular e imaginário.

No *Seminário 9: A Identificação,* também problematiza quando diz que o saber é inter-subjetivo e o Outro não é sujeito quando se fala de campo: "o Outro é o depositário dos representantes representativos dessa suposição de saber, e é isso que chamamos de inconsciente, na medida em que o sujeito se perdeu, ele mesmo, nessa suposição de saber. Ele provoca isso sem sabê-lo" (LACAN, 2003f, p. 22). Nesse sentido, o Outro é o campo onde há a produção de saber e o lugar onde se situa a verdade do ser, mas verdade não toda, pois a própria linguagem tem seus labirintos e limites, os mal-entendidos. Na condição de sujeitos, alienamo-nos ao significante, que se situa no campo do Outro, nomeado de significante mestre por ter um efeito de comando e orientação na vida do sujeito. Facilmente, observamos que o conceito do Outro em Lacan sofreu avanços e reparos, mas permaneceu como efeito de linguagem e instância necessária para o nascimento do sujeito e para a constituição subjetiva. No capítulo três, vimos, de maneira mais detalhada, o delineamento conceitual do Outro para a clínica e para o ensino psicanalítico.

Perenã (1998), no texto *Sintoma e criação,* defendeu que todo sintoma tem a marca singular do sujeito de gozar do inconsciente e é efeito do confronto com o real. Segundo ele:

> Lacan vai considerar o sintoma: o sintoma é o modo que tem cada um de gozar do inconsciente, ou a maneira que tem de fazer existir um termo do inconsciente por fora deste, ao despejar, para-além de sua envoltura formal, seu status de condensador de gozo. O sintoma aparecerá, então como limite do real; ali onde a fantasia descobre seu limite, sua condição de ficção fundamental; ali onde se desvela. Se é limite, o sintoma então é uma invenção, uma resposta particular ou singular ao "não há relação sexual". O sujeito do sintoma é um nome de gozo, determina-se como objeto produzido e causa. Em todo caso é o "parceiro" do sujeito (PERENÃ, 1998, p. 151).

Diante dessa formulação de sintoma como parceiro singular, Bauby, diante do acidente, confrontou-se com o real, ou melhor, o inominável. Com isso ele reinventaria novo modo de viver ─ não mera adaptação, e sim invenção singular por meio do piscar do olho esquerdo como possibilidade de estabelecer laço.

Para Lacan (1998), o valor fundador da fala está no fingimento, que consiste em não acreditar, demasiadamente, na potência desse Outro. Quase sempre, o sujeito não reconhece, se é fingimento ou não. Ele diferencia a palavra em duas dimensões: aquela que fala ao outro e aquela que fala do outro como objeto. Assim, na perspectiva lacaniana, o mundo humano se caracteriza pela dialética entre o eu e o outro. O sujeito é reflexo de identificação com o significante oriundo do Outro, ou seja, para vir a ser sujeito, primeiramente, é preciso se alienar ao

significante do Outro. Enfim, na concepção lacaniana, o eu é o Outro. “O sujeito humano desejante se constitui em torno de um centro que é o outro na medida em que lhe dá a sua unidade, e o primeiro acesso que ele tem do objeto, é o objeto enquanto objeto do desejo do Outro” (LACAN, 1998, p. 50).

A psicanálise como prática clínica exige a presença de dois corpos ─ o do analista e o do analisante ─ e da fala como efeito de uma verdade. Tal prática dá tratamento ao gozo, ao corpo que sofre em virtude das marcas da linguagem, do significante. O psicanalista lê a escrita do Outro e seus efeitos no sujeito, a fim de possibilitar abertura rumo à nova escrita e à construção de um estilo com base no ponto irredutível do *sinthoma* de cada um, o que gera a produção de um saber. (LACAN, 2006). Seguindo essa perspectiva do corpo afetado pela palavra do Outro, a condição para escutar alguém acometido pelo AVC é que haja um corpo vivo falante com desejo de falar.

Para Lacan (2007), o inconsciente é o discurso do Outro, e o psicanalista maneja com a alienação do sujeito ao significante do Outro por meio da dialética e do equívoco na direção do tratamento. Isso faz o sujeito vacilar e ganhar outra possibilidade de poder desfrutar da vida. O analista opera com base na escrita do Outro que incide sobre o sujeito e, por meio do uso da interpretação e do equívoco, opera com o gozo e o real. Esclarece Lacan (2007): a única arma disponível ao analista contra o *sinthoma* é o equívoco, que promove novo ressoar significante (LACAN, 2007).

Miller (2016), na conferência *O inconsciente e o corpo falante*, ensina-nos que a psicanálise se modifica em virtude das mudanças na cultura que refletem nos novos modos de amarração do corpo com a linguagem e, consequentemente, nas diversas modalidades de gozo que chegam aos consultórios e clínicas psicanalíticas. Nessa conferência, Miller (2016) faz uma afirmação surpreendente: estamos vivendo na época da clínica da pornografia em razão do escancaramento e da exposição da fantasia, quando se exibem os corpos e se evoca um mais-de-gozar.

Diante de tal cenário, o analista precisa estar atento aos fenômenos de sua época. Atualmente, são cada vez mais frequentes as queixas somáticas e as problemáticas do corpo presentes na clínica, situação que requer nova relação com a palavra, mas relação marcada pela dificuldade em simbolizar e metaforizar, logo em fazer sintoma no sentido psicanalítico, criar demanda de um saber sobre o sintoma, ou seja, com sintoma endereçamento e demanda de deciframento. Com a metáfora, aparece o significante na sua propriedade de condensador de gozo.

Queiroz (2008), ao problematizar a relação inconsciente e corpo, demonstra a inviabilidade de dissociar o psíquico do somático. Percorrido o ensino de Lacan, a autora adverte que se faz necessário o analista escutar e perceber o momento corporal do sintoma, já que o *sinthoma* lacaniano é um acontecimento de corpo, marca o corpo. O sintoma, que se escreve no corpo a partir da contingência e está para além de uma verdade e de um enigma endereçada ao Outro, é gozo. Além disso, é identificado com o *falasser*. Vejamos como problematiza Ana Simonetti (2008):

> Para Freud, esses acontecimentos, as cenas primitivas, são excessos de excitação permanente que instalam o desarmônico próprio ao indivíduo e constituem o traumático. Lacan, por sua vez, afasta o efeito do afeto dessas cenas, próprias ao imaginário do Édipo, considerando-as secundárias, porque liga o acontecimento ao trauma da língua no corpo, tido como primário. Trata-se da *lalíngua* de cada um. Esta inaugura tal acontecimento traumático que deixa traços no corpo, que o perturba e pode fazer sintoma, o qual, mais do que efeito de sentido, é efeito de afetos, razão pela qual sua leitura na análise alivia, até a borda do impossível de ler. Lacan mostrou que Joyce inventou esse efeito no corpo produzido pelo afeto – palavras impostas, ecos traumáticos – algo para ser usado pela posteridade: *o sinthoma* (SIMONETTI, 2008, p. 13-14, grifo do autor).

O acontecimento de corpo é um conceito elaborado por Lacan (2007) no seminário sobre Joyce. Ele parte da seguinte premissa: o *sinthoma* é um acontecimento de corpo, ou seja, afeta o corpo. Para formular o conceito de *sinthoma*, recorre ao caso de Joyce e o considera paradigmático para delinear o conceito de corpo como sendo substância gozante e um dos nomes de gozo do sujeito, que está para além da própria imagem. O nome de gozo é efeito da *lalíngua*, ou seja, efeito das marcas com o traumático da linguagem que escreve no corpo. Conforme Miller (2016), o corpo falante é o território de *lalíngua*, essa marca da língua do Outro.

Ainda refletindo sobre o corpo, Lacan (1985), em o *Seminário 20: Mais, ainda*, afirma: o discurso constrói a realidade; o homem e a mulher são efeitos de significante e de discurso. Conforme Philippe La Sagna (2013), no *Boletim n° 03 haun*, a escrita diz daquilo que não se escreve a relação sexual, ou seja, a escrita é o lugar do real. Convém esclarecer, que a fórmula lacaniana faz sugerir que a relação sexual não existe. Em outras palavras, a satisfação pulsional é sempre parcial, não há o objeto que satisfaça à pulsão, o Outro não preenche o sujeito.

No *Seminário 18*, Lacan (2009) anuncia que a escrita são os ossos que sustentam a carne; por outro lado, declara: "*linguagem é o escafandro*" (grifo nosso). Esclarecendo: se, por um lado, a linguagem aprisiona o sujeito, por outro, por meio dela podemos desfrutar da vida. O sujeito é dividido pela linguagem e pela fala. Para Lacan, a linguagem é a condição do inconsciente (LACAN, 2003).

Miller (2015), no seminário *O osso de uma análise + o inconsciente e o corpo falante,* lembra-nos que, em toda análise, há desafios e obstáculos superáveis, contudo algo resiste e emperra: “o osso de uma análise”. A operação, segundo sabemos, consiste no encontro entre o analisante e o psicanalista, e a condição *sine qua non* para que exista a análise é a suposição de saber do analisante dirigido ao analista. A análise é uma operação de redução tecida por meio da fala, pela associação livre ─ o sujeito fala livremente sobre aquilo que o afeta.

O ensino lacaniano propõe, com base na experiência clínica, que o inconsciente é o discurso do Outro. Assim, quando o sujeito fala, aparece em seu dizer os efeitos das falas do Outro, tanto em seus ditos quanto em seus *acting out*. O sujeito é efeito de linguagem e do discurso do Outro, conforme vimos, no capítulo segundo. Esse foi um ponto de virada na psicanálise de orientação lacaniana: propor que o inconsciente é estruturado como linguagem e o sintoma, os *acting out* são efeitos de discurso; o próprio corpo é efeito de linguagem, efeito do traumático da língua. O traumático é justamente o encontro do dito do Outro no corpo, vivificando e tornando o sujeito ser de desejo, desejo subordinado ao desejo do Outro. Então, podemos concluir com Lacan, o sujeito é efeito e determinado pelo Outro.

> O inconsciente não é uma característica negativa. Há no meu corpo um monte de coisas que não sou consciente, que não fazem em absoluto parte do inconsciente freudiano. Não é porque o corpo é de tempos em tempos envolvido por ele que o inconsciente do corpo esteja em pauta no inconsciente freudiano (LACAN, 2006, p. 19).

Nesse sentido, o inconsciente como efeito de linguagem percebe que as marcas do dito do Outro são os significantes mestres a ordenar o circuito pulsional do sujeito e imprimir a marca singular de um modo de satisfação subjetiva.

O que se repete e resiste à interpretação Miller (2015) nomeia “o osso de uma análise”. No decorrer das sessões psicanalíticas, quando começa a falar por meio da associação livre, o sujeito percebe que sua fala não é tão livre quanto imaginava, pois algo insiste em se repetir. Isso que resiste e insiste por meio da repetição é um dos ossos de uma análise; logo faz-se necessária uma manobra para se operar com os desafios a surgir durante a análise. Miller (2015) propõe para a direção do tratamento operação de redução, com a qual o sujeito é mobilizado a repetir e a extrair algo da repetição.

> Damo-lhe toda liberdade de falar e constatamos a repetição do mesmo, como um fato; isso não é ficção, é aquilo de que é feita a experiência no divã, e o que assistimos quando estamos na poltrona. No fundo, esse é um saber que tem os analisantes e os analistas; isso acontece dessa forma, em que o mesmo vai emergir a partir da produção do diverso (MILLER, 2015, p. 35).

Assim, algo insiste em se repetir na narrativa, na história do sujeito, dando a mesma estrutura ao enredo construído pelo sujeito. A primeira operação de redução é extrair do enredo a repetição; a segunda consiste na simplificação do enunciado; a terceira é a redução da cadeia significante ao significante mestre, que marca uma repetição na história do sujeito e é um condensador de gozo.

> É bastante claro como o sujeito tem a ver com a expectativa que os seus pais têm em relação ao seu sexo. Se o sujeito foi desejado como um menino, e nasce menina, isso tem consequências totalmente marcantes. Se não foi desejado, se tem esse enunciado, é a marca mais dolorosa que existe. Com certeza, tudo isso não se pode generalizar, mas vemos em análise, de fato, os efeitos surpreendentes, impressionantes da inscrição de uma palavra dita na história do sujeito. O analisante, por vezes, conhece esse enunciado maior desde a sua entrada na análise; descobre, pouco a pouco, até que ponto este é o enunciado mais verdadeiro que ele pôde saber, a tal ponto que traz a marca desse enunciado; descobre então, que os avatares de sua vida são redutíveis ao efeito da marca significante (MILLER, 2015, p. 37).

De acordo com Miller (2015), no início, quando entramos em análise, somos um poema; após o encontro com o analista, tornamo-nos o poeta. Em outros termos, no início, somos falados pelo outro e sofremos influência desse dito: depois, nos apropriamo-nos do texto da nossa escrita da vida.

Pensando na transmissão da psicanálise pelos analisantes, por aqueles que passaram pela experiência de análise, foi criado o dispositivo dopasse. Este consiste na apresentação oral e escrita entre os pares (no caso outros psicanalistas em formação) da experiência do que foi, para o *falasser*, o processo de redução efeito da análise. Constrói-se e apresenta-se o próprio caso, a própria análise a outros psicanalistas, com o intuito de se transmitir à comunidade psicanalítica o trabalho da operação de redução, que é uma análise.

O testemunho do passe é a prova viva dos efeitos da prática psicanalítica. Por meio da apresentação do passe, cada sujeito se dispõe a contar o que restou ao final de uma análise, o ponto de impossível de cada um, a marca da singularidade, o gozo do Um e o que foi possível para cada *falasser*. Para Ramirez (2016, p. 193, grifo do autor), o testemunho de passe esclarece como se manifestam as marcas de *lalíngua* no corpo.

> Os testemunhos de passe permitem apreender como um sujeito consegue isolar, no final de sua análise, os significantes assemânticos moldados pelo impacto de *lalíngua*. Eles são frutos de encontros inauditos e casuais, no curso da vida, entre um dizer e um corpo. É impressionante ouvir o quanto, desprovidos de sentido, eles são reduzidos a ser apenas puros agentes produtores de gozo, fixando em círculo os circuitos pulsionais. (RAMIREZ, 2016, p. 193, grifo do autor).

Então, podemos concluir, os testemunhos de passe transmitem como a cada falante é possível, de modo singular, um saber fazer com *lalíngua*, esse ponto irredutível de uma análise.

O conceito de seres falantes, *falasser*, ao invés de inconsciente, demonstra o efeito da linguagem na subjetividade e no corpo do sujeito. Há radicalidade nesse encontro com a linguagem, que é o efeito sobre o corpo e uma junção, desde quando o sujeito não conseguiu simbolizar algo que resultou em enigmático. A dimensão da inventividade humana de cada um é fazer-se sujeito com base nas marcas e arranjos construídos do encontro traumático com a linguagem. *Falasser* é a condensação de falar e ser, para demarcar que a fala está do lado do ser, o ser fala porque tem um corpo.

Um dos efeitos do trabalho de análise é dar um tratamento ao *parasita falador*, significantes mestres oriundos do Outro, por meio da interpretação e do equívoco, o que faz sugerirem outros significantes a representar o sujeito. O trabalho de análise consiste não apenas na revelação do mito individual, para que o sujeito dê um tratamento ao singular do próprio sintoma, o seu ponto irredutível e intratável. Para que a *posteriori* o sujeito se responsabilize pelo modo de ser e estar no mundo.

> O sintoma é aquilo em torno do qual gira tudo que podemos – como se costuma dizer, se essa palavra ainda tivesse sentido – ter ideia. O sintoma: é por ele que vocês se orientam, todos vocês. A única coisa que lhes interessa e que não é um completo fiasco, que não é simplesmente inepta como informação, é aquilo que tem o semblante de sintoma, isto é, em princípio, coisas que nos dão sinal, mas das quais nada compreendemos nada. É só isso que há de seguro: há coisas que nos dão sinal e das quais não compreendemos nada (LACAN, 2009, p. 49).

Assim, para Lacan, o sintoma nos faz sujeitos, é a nossa marca e o nosso modo de gozar e de se nos inserirmos no campo do social. Fazer análise é burilar o sintoma no sentido de nos apropriarmos dele. Por sua vez, Aromí (2016), em *A queda do caso*, mostra que, durante a análise, o sujeito aprende como dá consistência ao Outro, para sustentar o gozo e esquecer que tem um corpo e, consequentemente, um modo de gozo.

Em *De um discurso que não fosse semblante*, Lacan (2009) diz-nos que nenhum discurso é autoral no sentido de ser efeito da função significante proveniente do Outro. O semblante é aquilo que sustenta o discurso e remete à função primordial da verdade, ou seja, o discurso é um semblante para lidar com o real. O homem precisa dos semblantes, para amar e desejar, tentar fazer algo da vida. O sintoma, os significantes, o *acting out*, a fantasia, o discurso são formas de criar semblantes para se defender do real, do sexo, do corpo e da morte. Lembra Lacan “O real é aquilo que faz furo no semblante” (LACAN, 2009, p. 27).

Para Lacan (2009), o semblante se enuncia com base na verdade. Isso nos faz pensar que ela pertence à dimensão do impossível de se dizer toda. Entretanto, a verdade remete ao gozo, enquanto o saber é tentativa de se lidar com ela (LACAN, 2009).

4.4 Com a Palavra, o Corpo Falante

Houve um congresso no Rio de Janeiro, nos dias 25 a 28 de abril de 2016, organizado e coordenado pelos psicanalistas da AMP (Associação Mundial de Psicanálise), sobre o tema *O corpo falante: sobre o inconsciente no século XXI.* Lá vários psicanalistas de diferentes países se reuniram para discutir os desafios da clínica na atualidade, como a direção do tratamento e os sintomas. O eixo norteador de trabalho foi o conceito de corpo falante. Assim, foram partilhados, por meio de discussão de casos clínicos e dos testemunhos de passe,[25] as novas formas de mal-estar e novos modos de gozo presentes na cultura. Cabe ressaltar que o princípio dos profissionais ali presentes era manter vivo o discurso psicanalítico de acordo com os textos de Lacan e Freud, tendo Miller como facilitador nessa direção, a fim de não deixar a virulência psicanalítica se perder.

Nessa perspectiva, Miller (2016), na conferência *O inconsciente e o corpo falante no século XXI*, procedeu à reflexão sobre a nossa cultura, destacando os modos de apresentação do mal-estar e os novos modos de gozo. A psicanálise, constatou ele, se modificou com o passar do tempo, já que os semblantes se modificaram, surgiram novos sintomas e modos de gozar.

Atualmente assistimos a uma novidade no campo da sexualidade, especificamente a exibição dos corpos, designada por Miller de pornografia compartilhada por meio das compulsões, da masturbação e de outras modalidades de pornografia. Miller (2016) constatou na clínica haver profusão imaginária dos corpos a mostrar, cada vez mais, que a relação sexual não existe por intermédio dos sintomas e de atuações. E ressaltou: cada vez mais estamos sendo capturados pelo consumo e pelo uso da tecnologia, fazendo sintoma com os objetos ofertados por ela. Enfim, a pornografia é um sintoma do império da tecnologia proveniente da invasão do imaginário e do objeto olhar (MILLER, 2016). Então, o corpo está no centro, ganhou relevância na cultura, seja como ideal de imagem a ser lapidada, como objeto de gozo na pornografia, seja como máquina de produção para o trabalho da qual espera-se grande produtividade e rendimento, espera-se também um laço com a natureza (CUNHA; MACHADO, 2016, p. 37).

---

[25] Testemunho do passe é prática instituída pelo ensino de Lacan: consiste na transmissão escrita e oral de um psicanalista que foi até as últimas consequências da própria análise. Após passar pelo analista, vai apresentar aos seus pares o que restou dessa experiência, o que foi possível ao falante com o seu sintoma.

Não é mais novidade afirmar que os discursos do capitalismo e da ciência afetam os corpos falantes e promovem mudanças na sociedade atual a influenciar o campo social e o político. Há inflação do imaginário, efeito do discurso da ciência o qual participa na produção do real que insiste no sentido de gerar um sujeito ideal, não castrado (FONTE, 2016). Portanto, podemos observar, a ciência aposta na saída do tipo universalizante para lidar com o real e com o mal-estar, mas negando a castração.

Emerge, na atualidade, novo estatuto dado ao corpo, diferentemente da época de Freud, quando se dava primazia ao simbólico; o paradigma freudiano era o edipiano; a orientação ocorria na perspectiva vertical; havia a identificação a um ideal; a partilha dos sexos se orientava pela vertente da moral sexual. Lacan, após perceber mudança na subjetividade por meio do fracasso das identificações e do enigma sexual, constatou o fracasso no simbólico com base na inconsistência do Outro (CUNHA; MACHADO, 2016).

Freud, ao formular o conceito de restos sintomáticos, percebeu que o que resiste a uma interpretação na análise, esse resto é a forma de satisfação não representada na linguagem. Trata-se de uma satisfação estranha ao próprio sujeito (CUNHA; MACHADO, 2016). Seguindo Lacan, o corpo apresenta variadas modalidades de satisfação. O conceito de corpo falante surgiu no sentido de nomear essa dimensão do inconsciente como um pedaço de real, ou seja, há no corpo a dimensão de algo falante que não silencia: o gozo. A expressão “corpo falante” remete ao fato de o inconsciente ser um emaranhado de significante e gozo. Lacan nos diz: “as pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer” (LACAN, 2007, p. 18). Já conforme Vieira (2016), a inconsistência do Outro no nosso tempo mobiliza os psicanalistas a pensar, cada vez mais, no corpo falante, tendo em vista os novos modos de gozo, os sintomas presentes no campo da sexualidade, da política e da arte.

O desafio da atualidade é não se deixar arrastar pelo imaginário, pela dimensão especular, do jogo de imagens. Precisamos estar atentos: o corpo é falante, é habitado pela linguagem; devemos enfatuar o aspecto da língua, porque esse é o aspecto do inconsciente no nosso tempo, nomeado de corpo falante ─ o real do inconsciente.

Essa formulação do conceito de corpo falante produziu algumas consequências, uma das quais a própria noção de estrutura clínica, que passou a ser revista, como também a direção do tratamento. Desde então, o que lhe interessa é o modo de satisfação do corpo falante e de cada *falasser* inventar uma saída para lidar e se defender diante do confronto com o real. Assim, nessa clínica, deve responsabilizá-lo pelo saber fazer com o real e com o laço social, logo é considerado em cada um o ponto de possível e impossível.

Laurent (2016), na entrevista à *Revista Cult* sobre o corpo falante, lembra que, no *Seminário10*: *a angústia*, constata-se uma virada no conceito de Outro: este passa a ser o corpo; o Outro é o corpo, ou melhor, o lugar do Outro é o corpo falante. Vejamos isso nas palavras de Laurent:

> Ao corpo como lugar do Outro. O lugar do Outro é o corpo, uma vez que ele recebe uma marca, que é o lugar onde se inscreve a marca incorporal da estrutura. Se aproximarmos a primeira formulação de Lacan- o inconsciente é o discurso do Outro, é o que se manifesta em nós da verdade dessa linguagem material que nos atravessa – se substituirmos nessa fórmula o Outro pelo corpo, então o inconsciente é o discurso do corpo, desse corpo marcado atravessado pelos afetos, por marcas que lhe chegam daquilo que ele experimenta de um dizer que o atravessa (VIEIRA, 2016, p. 40).

Ele avança ao afirmar que tanto o corpo individual quanto o político são marcados pelas paixões e pela língua. O falante do corpo é a dimensão a insistir em escrever o que não silencia, significações de gozo dadas à linguagem de que somos atravessados. Em *A lógica da fantasia*, Lacan (2003e) afirma que o lugar do Outro é o corpo. Vejamos:

> No que, pela primeira vez, apoiamos o fato de que esse lugar do Outro não deve ser buscado em parte alguma senão no corpo, que ele não é intersubjetividade, mas cicatrizes tegumentares no corpo, pedúnculos a se enganchar (*brancher*) em seus orifícios, para neles exercer o ofício de ganchos (*prises*), artifícios ancestrais e técnicos que o corroem (LACAN, 2003, p. 327, grifo do autor).

Sabemos que os orifícios do corpo são as zonas erógenas, a fonte da pulsão. Por meio delas é que nos enganchamos no Outro pelo enlace simbólico (significante), pelo imaginário (narcisismo) e pelo real (gozo). A fantasia é esse grampo, objetivamente uma frase construída pelo neurótico para interpretar o desejo do Outro e neste se enganchar.

No comentário realizado por Miller (2008) sobre o *Seminário16: de um Outro ao outro*, o nascimento do sujeito começa na relação com o gozo, efeito do significante, como vimos no capítulo segundo. No caso do neurótico, há o gozo erótico (narcisismo) e o gozo sexual, que tem relação com o desejo do Outro e a mediação fálica. Em seu comentário, explica-nos o objeto *a*, no *Seminário16: de um Outro ao outro*, não está privilegiado na fantasia; tem a função de mais-de-gozar. A função do objeto *a*, especificamente, remete tanto ao mais-de-gozar quanto à perda de gozo. O Outro apresenta uma estrutura folheada, e é o lugar da verdade e da bateria significante (MILLER, 2008).

O neurótico está às voltas com o Outro, no sentido de fixar o desejo apoiado na interpretação do enigma do desejo do Outro. Contudo, já vimos o Outro não existe: trata-se de um semblante, uma ficção do sujeito para lidar com o impossível, o real do gozo. Isso porque há

um ponto que o Outro não diz do sujeito, pois está fora da cadeia significante, logo não é interpretável. Mesmo assim, o neurótico tenta, de diferentes formas e soluções, encontrar uma resposta a esse ponto no infinito, o gozo (MILLER, 2008).

No caso de Bauby, observamos uma aposta do falante no Outro. Entretanto, ele se serviu do Outro não como suposição de um saber ─ Brigitte (a fisioterapeuta) e Claude Mendebil (a secretária que tomava o piscar do olho e fazia a tradução vocal) como pedaço de corpo, e sim, supomos, como suposição de um fazer com o real do corpo. Ademais, tomou o leitor como um outro com quem podia testemunhar o que parecia ser intestemunhável antes dele.

5 TINTA ÍNTIMA: A ESCRITA DA VIDA

> Como pude escrever isto, que ainda não sei nomear e que me assombra quando releio? (....) A Dor é uma das coisas mais importantes da minha vida (DURAS, M., 1986, p. 8).

Neste capítulo, dedicamo-nos à problematização sobre o trabalho de escrita, seja por meio dos diferentes usos e efeitos da escrita sobre o corpo falante, seja da tessitura da imagem corporal, seja de um arranjo do modo de gozar e do surgimento de novo amor. Para tanto, dividimo-lo em sete sessões: *5.1 A escrita do caso em psicanálise: o efeito da escuta do Um*; *5.2 Tinta íntima: a escrita da vida*; *5.3 O escritor e o trabalho de escrita: o fiador da linguagem*; *5.4 Do princípio da incerteza à responsabilidade: uma aposta no desejo*. Com o ensino de Lacan, aprendemos que, diante do encontro com o real, resta um objeto. Nesse sentido, percebemos dentre alguns casos desse encontro, restou a escrita, o que fez novo enlace dos dois registros (o imaginário e a fragmentação do simbólico), para promover novo enlace entre o corpo e a linguagem, consequentemente novo arranjo e, às vezes novo gozo.

5.1 A Escrita do Caso em Psicanálise: O Efeito da Escrita do um

O que leva o psicanalista a escrever sobre o caso clínico em psicanálise? Qual a função da escrita do caso? A escrita é efeito do desejo de saber? Seria a escrita do caso uma forma de fazer laço com os pares? O trabalho de escrita do caso é uma forma de tentar nomear o impossível de dizer ou uma forma de obter o reconhecimento e a legitimação de um percurso psicanalítico? E quando o analista escreve sobre o próprio caso quais os possíveis efeitos do trabalho de escrita do caso? Mobilizada por esses questionamentos, escrevemos neste capítulo sobre o uso da escrita em psicanálise, isto é, como esta concebe a função da escrita para o *falasser* no caso de Bauby.

No intuito de esclarecer e obter respostas aos questionamentos formulados, recorremos aos textos de Freud e de Lacan, a fim de observar como os citados autores se serviram da escrita do caso clínico. Além de Freud e Lacan, consultamos outros textos psicanalíticos de orientação lacaniana.

Para Mezan (1998), o trabalho de escrita do caso aproxima deste o analista caso e, ao mesmo tempo, promove certo distanciamento para repensar o caso clínico. Nessa escrita, o leitor funciona como um terceiro que mobiliza a discussão do caso. Quanto à construção do caso clínico, alguns dados, intencionalmente, são modificados, um traço aqui, outro acolá, para

assegurar que a intimidade do sujeito seja resguardada. Tal modificação preserva os elementos fundamentais. Conforme o mesmo autor, a escrita do caso, em certa medida, retira o analista da solidão, já que ele vai discuti-lo com seus pares e em supervisão; do mais, proporciona o refinamento da escuta. Daí a importância da conversação e da supervisão para o aprimoramento da direção do tratamento.

Ainda de acordo com Mezan (1998), a estrutura de escrita do caso feita por Freud, em certa medida, pode ser comparada à estrutura do romance policial, uma vez que há segredo no caso que desencadeia sofrimento, por isso deve ser revelado ─ na sua narrativa, as pistas deixadas pelo sujeito convidam o leitor ao trabalho de investigação. Assim, a escrita do caso em Freud, segundo Mezan (1998), assemelha-se à estrutura de um romance policial, porque o sintoma é um enigma a ser revelado no final do texto ao leitor.

Sobre a escrita do caso, Freud (1996g) adverte que tal trabalho deve ser evitado enquanto o paciente estiver em atendimento e recomenda ao analista tomar notas. Após o término das sessões, deve esclarecer que ele próprio escrevia os dados importantes, como sonhos e manifestações inconscientes. Com Freud, percebemos que o analista escreve apenas determinados casos; e consequentemente, há o desejo de saber sobre a clínica. Ademais, parece existir, pensamos algo enigmático quando se mobiliza o trabalho de escrita. Freud escolheu escrever os casos clínicos que, de alguma forma, lhe apresentavam alguma dificuldade na direção do tratamento.

Como se vê, o trabalho de escrita do caso não implica descrever ou narrar toda a história da vida de um sujeito, e sim, interessa na escrita saber como cada *falasser* lida com o sintoma e com o real. Com isso, o psicanalista visa a garantir a singularidade de cada *falasser* para este poder responsabilizar-se pelo o *sinthoma* a se tornar um estilo, a sua marca. Tendo em vista essa perspectiva do *sinthoma*, o saber fazer com o real é uma invenção do sujeito. Em psicanálise, todo o caso clínico é um caso único, porque cada sujeito dá tratamento ao real de maneira singular (SANTANA, 2007).

É preciso esclarecer que, a questão da escrita em psicanálise se presta a diferentes leituras e dimensões. A recomendação de Freud para escrever aquilo que é escutado durante as sessões, se volta para a tarefa do analista de colocar em ato, o efeito do significante na clínica, ou seja, capturar a experiência do inconsciente, para um efeito de transmissão da psicanálise, e com isso, ultrapassa a dimensão de uma grafia descritiva. Logo, se volta para o efeito da linguagem sob o falante. Dessa forma, Freud dá um acento a dimensão simbólica.

Lacan, ao ponderar sobre a escrita e o impacto da linguagem sob o sujeito, aponta para a dimensão daquilo que não cessa de se escrever e inscrever (o real), o aspecto do impossível

de se escrever (a relação sexual) e de traduzir em palavras, a saber a dimensão do sem sentido da linguagem e as marcas escritas da linguagem (Outro) que se imprimem de diferentes formas no falante. Ele ao recorrer a topologia e a lógica matemática, observou que há um real que escapa ao simbólico e as palavras, o escrito é um pedaço de real. Assim, a tarefa de escrever remete ao impossível. Acrescentamos que a escrita que interessa é aquela que remete a cifra de gozo, esse pedaço de real que é nomeado por Lacan de *lalingua.* (MALISKA, 2013)

Antes de tecer outras ponderações sobre a função do trabalho de escrita do caso clínico para o psicanalista e dos possíveis efeitos desse ato, faz-se necessário esclarecer o que é um caso clínico para a psicanálise.

Diferentemente do uso na medicina, o caso clínico não é sinônimo de doença (NASIO, 2001). O saber, para a psicanálise, é não-todo e se situa do lado do sujeito que fala: considera os furos presentes no discurso. Já, na medicina, o saber é exposto, situado do lado do mestre, considerado consistente. Nesse sentido, há profunda diferença na forma de concebê-lo, de tratar o sujeito. Mas isso não significa que um saber seja melhor que o outro; apenas são diferentes. Afinal, cada saber tem sua especificidade, método e objeto de investigação.

Nesta discussão, diferenças merecem destaque: a forma de conceber o corpo, o sintoma e o uso da transferência. O sintoma e o corpo, para a psicanálise, se situam numa biologia que considera a linguagem e o modo de gozar do falante; a transferência, é um operador do tratamento que remete à suposição do saber sobre o sintoma e o modo de gozar, que é manejado pelo analista durante o tratamento psicanalítico.

Em geral, o saber médico se preocupa com o diagnóstico e com o quadro clínico dos sinais e sintomas para eliminar o sintoma e aliviar a dor. Conforme Gaudêncio (2016), o ato médico se volta para interpretar a dor e o sofrimento do paciente em termos anatomo-fisiopatológicos, servindo-se da anamnese, da história clínica do paciente, da dedução clínica e dos exames laboratoriais e complementares que confirmam ou não a hipótese diagnóstica. Conforme Gaudêncio (2016), e existe ainda uma medicina nomeada humanitária por considerar aspectos que circurdam o paciente: a relação médico-paciente, o nível econômico, aspectos políticos, sociológicos, culturais, psicológicos, jurídicos, históricos e éticos. Convém destacar, nos aspectos enumerados por Gaudêncio (2016), que todo caso clínico é complexo, inclusive na medicina. Para Gaudêncio, “Não há fatos simples, há leituras simplificadas de um determinado fato” (GAUDÊNCIO, 2016, p. 6). Por fim, podemos afirmar que o caso clínico na medicina se volta para o visível, para os fenômenos que a queixa e o sintoma apresentam; já na psicanálise, ele se volta para a dimensão do não dito, para aquilo além da aparência e da queixa do qual o falante se serve no sintoma, para o gozo, para a satisfação presente na fala e no modo

de se servir do corpo falante. Cada caso é único, em virtude da sua especificidade e complexidade. Cada um mostra como o *falasser* lida com o real diante da contingência, já que, para a psicanálise, segundo afirma Miller, não há ciência do real (MILLER, 2008).

Em psicanálise, o caso clínico é uma construção feita pelo analista com base na experiência clínica de atendimento. Nele, expõe-se aquilo que manca e tropeça na vida do sujeito: o sintoma. No trabalho de escrita do caso, o psicanalista se volta para a hiância entre o dito e o dizer; por sua vez, o caso clínico atesta o encontro com o analista, é um testemunho da experiência do inconsciente, logo, mostra como cada sujeito lida com o real e o impossível de dizer.

Para Nasio (2001), no caso clínico, há três funções: a função didática, a metafórica e a heurística. A função didática diz respeito ao uso das imagens e da emoção para se transmitirem a teoria e os conceitos. Nessa perspectiva, o caso induz o leitor à construção teórica iniciada no jogo de imagens e de cenas. A função metafórica se dá quando ele se torna a metáfora de um conceito, como, por exemplo, o caso Dora ─ emblemático para se pensar a histeria ─ e o caso Hans ─ paradigmático para se estudar a fobia. A função heurística ocorre quando ele promove a construção de novo conceito. Para elucidá-la, Nasio (2001) exemplifica o conceito de foraclusão formulado por Lacan por meio do estudo do caso *O homem dos lobos.*

Acrescentamos aqui um outro exemplo de função heurística com base no estudo da obra de Joyce, o famoso escritor Irlandês.inspirado nesse estudo, Lacan formulou o conceito de *sinthoma*, com *th*, e o conceito de *falasser*, o qual substituiu o conceito de ICS[26] freudiano e passou a ser utilizado por Lacan, conforme ele mesmo enuncia:

> Daí minha expressão *falasser* (*parlêtre*) que virá substituir o ICS de Freud (inconsciente, é assim que se lê): saia daí então, que eu quero ficar aí. Para dizer que o inconsciente, em Freud, quando ele o descobre (o que se descobre de uma só vez, mas depois da invenção é preciso fazer um inventário), o inconsciente é um saber enquanto falado, é claro, define-se aí por ser o único lugar em que se tem um sentido. E o sentido do ser é presidir o ter, o que justifica o barulho epistêmico (LACAN, 2003c, p. 561, grifo do autor).

Lacan (2003) concebe o ICS como o Um, a marca de gozo de *lalíngua*. Uma escrita no corpo que fala no corpo e insiste em se repetir: isso é o *falasser*, o *parasita falador* que existe e insiste no corpo falante; ele surpreende o falador em seu dizer. Afirma Lacan (2003, p. 335): "Tudo o que é inconsciente, joga apenas com efeitos de linguagem. Trata-se de algo que se diz sem que o sujeito nisso nem que nisso diga – nem tampouco saiba o que diz". Nesse sentido, ele afirma, o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Observamos a presença do ICS

[26] Forma abreviada de Inconsciente.

na escrita, por isso muitos psicanalistas se servem da literatura para estudar tal dimensão. A título de ilustração, citemos um pequeno fragmento escrito da obra *A dor*, de Marguerite Duras, que sugere a presença do Um: “Como pude escrever isto, que ainda não sei nomear e que me assombra quando releio? [....] A Dor é uma das coisas mais importantes da minha vida” (DURAS, 1986, p. 8). Isso que insiste em se escrever é efeito do *parasita falador*, e, por meio da fala e da escrita, tentamos nomeá-lo. Logo, podemos perceber, um dos efeitos do trabalho de escrita é tentar dar um nome àquilo que, até então, não se conseguia nomear.

Em *A Proposição de 9 de outubro de 1967*, sobre o psicanalista da escola, Lacan (2003g) constrói algumas premissas e princípios que devem constituir e orientar a formação daquele. Uma proposição aqui, neste trabalho, interessa-nos em especial: o AE (analista da escola) O AE atesta a experiência do término de uma análise: depois, passa por um ponto de virada, isto é, deixa de ser analisante e passa a ser o analista do próprio caso. O analista da escola, após a obtenção dessa nomeação, em entrevista ao cartel do passe, expõe, publicamente, o próprio caso clínico, escrito e publicado em revista a outros psicanalistas.

O testemunho do passe, ou a apresentação escrita do caso, é lido e falado pelo analista que passou pela longa experiência de análise. Esse ato demonstra o ponto de virada subjetiva do sujeito. O analisante deixa de ser um leitor de si e torna-se o escritor da própria história com base no *sinthoma*, ponto irredutível de cada um. Assim, o trabalho de escrita do próprio caso vem fazer objeção à pulsão de morte por promover a tessitura de novos semblantes, para contornar os pedaços de real, o ponto irredutível e os restos sintomáticos de uma análise (CAMPOS, 2014).

Os testemunhos dos AE nos ensinam sobre a experiência do término de uma análise, dos efeitos com o encontro com o analista e das intervenções surpreendentes para a direção do tratamento. O término de uma análise consiste em fazer a travessia da fantasia, em fazer a transferência e em lidar com um resíduo ─ resto de real que vem a ser nomeado por meio do trabalho de escrita. Cada caso ensina um saber fazer com o real, o que há de incurável e o que o sujeito inventa com base nisso (CAMPOS, 2014).

Segundo Mandil (2014), o lugar de enunciação dado aos AE é ato político e uma forma de manter o compromisso ético e de transmissão da psicanálise. Por meio do caso exposto, os AE, na singularidade de cada caso, testemunham o que há de incurável mediante os restos sintomáticos. Com isso proporcionam a contínua atualização do discurso psicanalítico ao tornar público os sintomas de sua época e as intervenções analíticas vivenciadas.

Diante do exposto, consideramos que o trabalho de escrita em questão é um método clínico utilizado nas supervisões e nos trabalhos de pesquisa em psicanálise. Logo, podemos

recorrer à escrita do caso durante os estudos teórico e clínico. A escrita e a construção do caso clínico integram a formação em psicanálise. O que mobiliza tal escrita é o desejo do analista, e os efeitos dela promovem novo arranjo subjetivo com repercussões, uma das quais é a abertura para a escuta dos casos. Portanto, o trabalho de escrita em questão é o método clínico que considera o real e um saber fazer com o real diante da contingência.

5.2 Tinta Íntima: A Escrita da Vida

A vida é uma escrita singular que construímos, quando nos apropriamos e desfrutamos do corpo. A escrita da vida é feita por meio do uso das marcas deixadas pelo Outro, de lembranças, palavras e afetos, bem como por meio dos significantes que marcaram a nossa carne, a nossa história. Assim construímos a nossa escrita íntima.

> Escrever no papel recebido da vida... papel a ser transformado, dobrado, rasurado e reescrito. Papel que se esgarça com as letras incrustadas em suas nervuras. Escrever com os fios que se amarram compondo um tecido, um bordado, uma costura. Pintar com as cores recebidas, inventar outras, esculpir na madeira e no bronze. Tudo isso compõe uma escrita (MUCIDA, 2009, p. 19).

Cada um vive a vida a seu próprio modo, com aquilo que recebeu e vive, por meio da língua que aprendeu com o Outro; por isso a escrita é íntima e singular. Cada sujeito escreve a vida com estilo único, arranja-se como pode, dentre buracos, tropeço e vacilo. Daí surge a escrita como uma marca e com ela se cava um lugar no Outro diante do confronto com o enigmático desejo do Outro. Assim, esboça-se um lugar para ser sujeito (MUCIDA, 2009).

> Nascemos em um mundo permeado de palavras escutadas, faladas, sentidas, esquecidas ou lembradas como ecos de outro tempo, mas que não morrem. Algumas grifam efeito do que nos tornamos, mesmo que muitas nos escapem. No começo está o verbo, afirma o texto Bíblico. Se assim o é aprendemos seus efeitos a partir do que somos ou simplesmente desejamos ser. Nascemos e vivemos no mundo de linguagem e, como seres falantes, somos também inscritos por um nome, um pertencimento, uma história (MUCIDA, 2009, p.21).

O homem é um ser de linguagem; antes de nascer, já somos falados pelo outro. Diante da marca do dito do Outro, construímos um lugar no discurso para o sujeito. Com base na repetição, nas lembranças e traduções, escrevemos a nossa vida. Há, em cada escrita da vida, algo que insiste em escrever e repetir aquilo que Lacan nomeou como sendo os significantes mestres: o Um. Nestes, uma satisfação pulsional insiste em se escrever na vida do sujeito, por exemplo, a nomeação do sujeito. A escolha do nome próprio remete ao desejo do Outro, bem

como apresenta a dimensão do não escrito e do não dito que aparece na escrita da vida, no lugar ocupado pelo sujeito e no lugar que este não consegue ocupar. Convém lembrar, na perspectiva lacaniana, o desejo é o desejo do Outro; construímos nossa história na tentativa de atender e satisfazer ou não à demanda do Outro, uma vez que o ponto inicial para a constituição é o Outro (LACAN, 2016).

Contudo, em toda escrita, há um ponto impossível de dizer e de nomear; cabe, então, ao sujeito tentar um adequado tratamento, por meio das palavras, para esse impossível. Sabendo que escrever é um ato, o sujeito precisa suportar o vazio da página em branco, os tropeços e as dúvidas; ter coragem para dar algo de si, suportando o não-todo, o impossível de dizer e a surpresa que o momento de concluir revela. Como vimos no capítulo anterior, segundo Lacan (2005) o tratamento para a angústia é o desejo: sustentar o desejo nos vivifica. Nesse sentido, uma das funções do trabalho de escrita de Bauby era mantê-lo vivo – com a escrita foi possível ter rotina, tarefa, um lugar de fala e um corpo.

Caldas (2007) enumera três aspectos sobre o trabalho de escrita: primeiro, escrita dá voz ao sujeito, uma forma de expressar as falas fundadoras que nos habitam; segundo, ela comporta a dimensão do gozo opaco, da voz como um resto de gozo; terceiro, ela, para se fazer existir, precisa do corpo vivo falante do escritor. Logo, para que o trabalho de escrita possa existir, faz-se necessário o corpo falante do escritor. Este constrói, no papel ou na tela do computador e celular, algo fora do seu corpo vivo e falante. A isso, acrescentamos a atuação do leitor, que dará vida à escrita no ato de leitura. Escrever é uma forma de extrair as marcas, os pedaços de si e revelá-los ao leitor, como também uma forma de ter novo nome e novo corpo.

5.3 O Escritor e o Trabalho de Escrita: O Fiador da Linguagem

O escritor não sabe viver sem escrever, pois encontra na escrita uma forma de satisfação pulsional, reinventando-se por meio dela. Na tessitura, ele, tal qual um artesão, tece os fios da linguagem, faz amarrações, arranjos e nós em torno das palavras, de modo a fazer uma construção em torno do real da língua ─ algo de novo surge e surpreende tanto o escritor como também o leitor.

O escritor, no ato de escrita, dirige-se a Outro, um interlocutor, a quem direciona seus questionamentos e revelações; esse Outro é, pois, fundamental para que exista o desejo de escrever.

> A relação com o Outro é essencial, uma vez que o caminho do desejo passa necessariamente por ele, mas não porque o Outro seja o objeto único e sim na medida em que o Outro é o *fiador* da linguagem e a submete a toda sua dialética (LACAN, 1999, p. 145, grifo nosso).

A escrita é a cruz e a salvação do escritor neurótico. Cruz, porque está condenado a burilá-la, a trabalhar com ela. Em seu ofício, ele se dirige a um outro, movido pelo desejo de ofertar algo de si, dando um tratamento às vozes e às falas fundadoras que o circundam e afetam. Por meio da escrita, ele consegue fazer a extração do objeto *a* que o aflige e atormenta, tornando-se, pois, possível colocar os demônios e fantasmas no papel. A escrita é a salvação, porque por meio dela, ele tenta dar um tratamento ao real, ao gozo da língua ─ tratamento às diversas nuances do gozo: o da fala, o fálico, o do corpo, e gozo sem o Outro. Tal como nos ensina Lacan (2007), a linguagem come o real. Ele é incisivo ao afirmar que a eficácia da linguagem está em fazer furo no real. Em outros termos, podemos concluir, a linguagem dá um tratamento ao gozo do corpo.

Vimos, nos três casos clínicos apresentados no segundo capítulo (de Ana Barbosa, Silvia Wolff e o de Jean Dominique Bauby), que o trabalho de escrita construído por cada sujeito de maneira singular opera no sentido de dar um tratamento ao *parasita falador* que habita o corpo falante, ou seja, sujeito não silencia diante do real.

O escritor, no ato de criação, mobiliza e desperta as fantasias inconscientes, promovendo satisfação pulsional, tal qual o ato de brincar da criança, conforme demonstra Freud (1996e) em *Escritores criativos e devaneios*. Com ele, aprendemos que escrever é uma forma de investimento que poderá resultar ou não no trabalho de elaboração e de significação. A escrita, para a psicanálise, como artefato, possibilita ao sujeito a tessitura e a invenção de um lugar para si ─ um lugar para ser lido, visto, criticado, descartado ou, ainda, de filiação junto aos pares. Nesse caso, veja-se a escrita acadêmica: o autor se identifica a um mestre para ser reconhecido, seja pela similitude, seja pela diferença, bem como demonstrar e tornar públicas as faltas no Outro. Portanto, a escrita possibilita a demarcação de um lugar, de um nome para si por meio de tornar-se a obra em si ou o autor da obra.

A escrita possibilita ainda outra escrita, a que nomeia o gozo por meio da tessitura no Nome-do-Pai, conforme demonstra a psicanalista Del Nero (2008) no artigo *A arte, o orifício, o ofício e o artifício da escrita: pontuações sobre o sinthome*. Lacan ─ recorda ela ─ designa-a, no *Seminário 23*, como artefato, ou seja, aquilo com que o sujeito constrói o *sinthome*[27].

[27] *Sinthoma*, com *th*, em português.

Assim, o sujeito deixa de ter, passa a ser o *sinthome*. Com efeito, a autora analisou e exemplificou a escrita de Clarice Lispector como sendo um *sinthome*, que é, cabe recordar, a escrita sem o Outro e sem, necessariamente, um sentido, por isso nomeado por uma letra.

Assim a escrita clariciana, então, resultou de gramática pulsional escrita como um nome. Del Nero (2008) recupera no referido artigo um fragmento da última entrevista realizada com Clarice Lispector, para demonstrar a escrita como *sinthome*, na qual a escritora confessou: "Quando não escrevo, estou morta [...] Escrevo simplesmente. Como quem vive. Por isso todas as vezes que fui tentada a deixar de escrever, não consegui. Não tenho vocação para o suicídio". Então, no caso específico de Clarice, percebemos um ponto de impossível: viver sem escrever. Nesse caso, há uma condição: a escrita. Isso porque, quando não escreve, se sente morta. Eis aí um *sinthome* com a escrita.

Interessa-nos nesta pesquisa de doutorado, particularmente, o texto de natureza autobiográfica pela especificidade do gênero e pela exposição em alguns casos do sujeito em pleno trabalho de elaboração e significação da própria história. Mas, convém interrogar se há escrita que não seja autobiográfica, já que o sujeito nela aparece, no sentido de que aí o singular de cada um se revela. Neste momento, não nos vamos deter em tal questionamento, pois nosso foco está direcionado a alguns casos em que o sujeito se serviu da escrita para lidar com o mal-estar.

Em *O despertar e o exílio*, Philipe Lacadée (2011) analisa o que o adolescente ensina sobre o Outro e, qual a invenção do referido sujeito para lidar com o confronto com o real do sexo ─ situação própria desse período da vida. Ele vê na escrita do sujeito adolescente possível saída para lidar com a solidão e com a falta no Outro. Ela seria uma resposta do sujeito ao perceber que *a relação sexual não existe*, pois é impossível escrever o sexual. Se, há bem pouco tempo, os adolescentes faziam uso de diários e das cartas de amor, atualmente, testemunhamos, cada vez mais, o uso dos *smartfones* e *ipads* para a troca de mensagens, palavras e imagens, compartilhando imagens e escrita para fazer laço com o Outro. Qual a função desses aparatos tecnológicos no cotidiano dos adolescentes? Eles promovem o laço com o Outro? Possibilitam a constituição de um corpo?

Segunda observe Philipe Lacadée (2011) a escrita é uma solução encontrada pelo sujeito adolescente no sentido de lidar com o que não se pode dizer, de reter e revelar os segredos ─ efeito do deslocamento da fala à escrita. O seu uso possibilita um tratamento ao pulsional quando o sujeito se confronta com o gozo: "Escrever para si mesmo pode ser, então, uma das soluções para fixar na letra esse abismo de si". Extraindo consequências das palavras de Laca-

deé (2011), podemos perceber que a escrita, em certa medida, possibilita o movimento de alienação ao Outro e de separação deste, possibilitando fixação do gozo na letra. Não por acaso, usavam-se, na adolescência, os diários ─ caderninhos que continham na capa pequenos cadeados cuja chave ficava em posse de quem os escrevia. Trancava-se à chave, a escrita sobre os segredos, as intimidades bem como sobre a rotina do cotidiano, as histórias de encontros e desencontros e as banalidades diárias.

Hoje isso mudou: em vez dos cadernos de papéis trancados a pequenas chaves, assistimos, cada vez mais, ao uso dos *blogs* e de outras mídias virtuais para escrever (com senhas para acessar e entrar no mundo virtual) e postar. Os celulares ou telefones móveis servem não apenas para falar, mas sobretudo para escrever. A escrita agora está mais acessível ao outro; hoje se publicam e se postam as histórias íntimas e as banalidades da vida cotidiana ─ um livro aberto exposto às vitrines virtuais em constante mudança e atualizado diariamente. Cada postagem, uma surpresa; o livro da vida virtual parece não ter ponto final ─ constatação da dificuldade de se lidar com o real da morte. Percebemos, então, um tratamento do sujeito para lidar com o olhar do Outro.

É importante abrir um parêntese e refletir sobre a adolescência e o Outro, a qual é o momento caracterizado, para a psicanálise, como saída da infância, travessia da puberdade, transformações corporais e escolhas de objeto (ALBERTI, 2008). Com base na breve digressão sobre a escrita na adolescência como instrumento pelo qual o sujeito se serve para lidar com o mal-estar e, por vezes, com o olhar do Outro, percebemos similitude com a posição subjetiva de Bauby. Na verdade, o AVC confrontou o sujeito com o real do corpo e o real da morte por meio do estranhamento em relação à imagem corporal –tal como ocorre na adolescência –, o que precipitou demanda de reconhecimento por meio do olhar do Outro. No caso específico de Bauby, o olhar do Outro da ciência foi de estranhamento por meio do saber de uma síndrome rara. O ato de escrita de Bauby fez um furo no saber.

A psicanálise nos orienta que a escrita pode ser solução para lidar com o mal-estar tanto no âmbito das construções teórico-escritas, quanto ao uso da elaboração e significação das perdas, inclusive da própria vida. Recordemos o uso da escrita em Freud nos dos casos por ele atendidos; na construção teórica da psicanálise e nas correspondências e cartas dirigidas a Fliess, Lou Andreas-Salomé, Marie Bonaparte e a Jones. Segundo Lacan, repitamos come o real. Vejamos uma passagem numa correspondência de Freud endereçada a Lou Andreas Salomé para lidar, pelo humor, com o real do corpo:

> Cara Lou. Se alguém viver por tempo suficiente (digamos, cerca de setenta e nove anos), é possível que viva o bastante para receber uma carta e até mesmo uma foto sua— não importa qual seja o aspecto desta última. Abstenho-me de enviar-lhe uma fotografia minha. Que quantidade de bom gênio e humor é necessário para suportar essa terrível história de envelhecer. O jardim lá fora e as flores do quarto estão bonitos, mas a primavera é um Fopperei, como dizemos em Viena. Finalmente, estou sabendo o que é sentir frio. Meu médico recomendou-me beber água com açúcar para a minha temperatura abaixo do normal, o que me faz sentir-me extremamente infeliz. Não espere ouvir nada inteligente de mim. Não sei se ainda posso produzir alguma coisa— duvido – mas de qualquer maneira não tenho tempo, tão ocupado estou em cuidar de minha saúde. Ela é evidentemente igual aos Livros Sibilinos: quanto menos deixados, maior o seu valor. Estou, é claro, cada vez mais dependente dos cuidados de Annna, assim como Menistófoles observou certa vez. No final, todos dependemos/Das criaturas que nós mesmo fizemos. Em todo caso foi muito sábio tê-la feito. Gostaria de poder dizer-lhe pessoalmente o quanto tenho seu bem-estar no coração. Seu velho, Freud (FREUD; ANDREAS-SALOMÉ, 1975, p. 271).

Na carta, Freud expressa a importância do outro e revela que na velhice se deparou com o real, o limite do corpo e a dependência do outro. Esse exemplo mostra o uso da carta, ou melhor, de uma escrita, endereçada a quem se supõe saber. Como se vê, ela possibilita o trabalho de elaboração.

Aprendemos com Lacan que o trabalho de escrita afeta o *falasser* na medida em que, por meio das palavras extraídas do Outro, a linguagem, quando nas mãos do escritor, promove um refazer-se e engendramento dos objetos, do olhar, da voz e das falas impostas que marcaram o corpo do sujeito. Com o ato de escrita, uma operação de enlace dos registros simbólico, real e imaginário se constrói (CALDAS, 2007).

Acerca da questão da escrita autobiográfica, a linguista e tradutóloga Pace (2013), no artigo *Aspectos do pacto autobiográfico em* "*L' autobiographie en France*", analisa as ideias de Philippe Lejeune, também linguista, sobre o pacto autobiográfico, enumerando algumas particularidades do gênero autobiográfico. Nesse gênero, há relação de cumplicidade entre o escritor e o leitor: pacto de veracidade, quando o biógrafo busca novo nascimento; além disso, o texto autobiográfico possibilita ao escritor – além de mostrar-se como sujeito e estabelecer parceria entre o eu e o tu, desdobrando-se entre o autor e a personagem – movimento de aproximação e distanciamento, promovendo, ainda, a passagem do presente ao futuro, enquanto possibilidade de continuar existindo. Outra particularidade é que tal gênero, constrói não apenas o eu mas também a história desse eu como possibilidade de enunciação. A escrita autobiográfica, portanto, pode ser um recurso para o sujeito dar um tratamento topológico da relação do sujeito com o tempo, com o espaço e com o lugar que ocupa com o corpo. Isso, inclusive, pudemos observar no trabalho de escrita realizado por Bauby.

Para exemplificar os diferentes modos de uso da escrita por sujeitos psicóticos, aplicáveis à tessitura de estabilização, recorremos ao documentário *O zero não é vazio* (2005), que,

em certa medida, nos ensina como tais sujeitos podem se servir-se da escrita para lidar com o traumático da linguagem e do Outro como dimensão invasiva. A filmografia divide-se em cinco tópicos: a epiderme; a roupa; a casa; o eu e o Outro; e o Universo.

A cineasta prima pelo detalhe: cada sujeito inventa uma saída com base na linguagem para lidar com o sofrimento; diferentes sujeitos e diferentes saídas diante do confronto com a invasão de gozo do Outro. Em *Caminhos de estabilização na psicose* (MARON et al., 2011), diversos artigos demonstram, por meio de discussão de casos clínicos, como os sujeitos psicóticos podem se servir da escrita. Estes constroem diferentes soluções para lidar com o real, adotando três caminhos: o de lidar com o corpo (imaginário); uma nomeação para si (simbólico); a construção de uma obra (real) como invenção que faz o sujeito encontrar um lugar no Outro.

Diferentes casos ou diferentes sujeitos são apresentados no documentário *O zero não é vazio* (2005): cada caso mostra diferentes caminhos construídos pelo sujeito em busca de estabilização, (estabilização como um ponto de basta, que Lacan designa como o *sinthoma*, no qual o real, o simbólico e o imaginário estão enlaçados afim de proporcionar uma saída para se lidar com o real).

Voltando ao documentário, apresentemos o primeiro caso. Um sujeito, diante do confronto da imagem da beleza feminina, passou a *feminilizar* o próprio corpo, usando sandálias de salto e adereços femininos, como também buscando corrigir a linguagem com a escrita incansável de corrigir as várias significações presentes, na Bíblia. A missão dele era escrever no papel dos maços de cigarro e corrigir a escrita, distribuindo-os, em seguida, em caixas de correios das casas, no bairro de *Perdizes,* onde morava. Nos escritos, assinava com novo nome, *Orlanda Travesta* ou *Orlanda,* a mulher-pênis. Logo, o sujeito construiu um nome para si, efeito do trabalho de escrita.

Já Tatiana Meyer, (do segundo caso), outro sujeito apresentado no mesmo documentário, usava o discurso da ciência, especificamente, do saber produzido sobre o corpo, para obter o ideal de um corpo que não envelheceria, nem sentiria dores. Guardava no armário roupas e objetos de pessoas queridas que haviam falecido. Estava sempre escrevendo e desenhando no papel sua invenção, afim delidar com o real do corpo. Construiu, uma máquina, para lidar com o real da morte e da velhice, nomeada microssônica, e máquina antiprogenêica. Tatiana usava várias peças de roupas, tecidos e luvas, arranjos para tentar enfrentar a fragmentação da imagem corporal, construindo, assim, um corpo.

Já Gregório Delgado Carneiro, do terceiro caso era um poeta. Ele passou a escrever e tornou-se um escritor logo após um encontro com o real do sexo. Quando escrevia, varava

muitas noites sem dormir, porém, a estrutura da sua escrita não apresentava sinais de pontuação. Segundo a descrição do cineasta, eram “letras derramadas no papel”. A rima funcionava como tentativa de construir um na linguagem. Autonomeava-se de “O pai de Deus” ─ nomeação que-ele constuiu como saída para lidar com o real, tornando-se poeta, por meio da obra.

O *condicionado:* assim assinava outro sujeito do quarto caso apresentado no documentário, após construir a metáfora delirante de estar fora do calendário com a missão de corrigir o tempo com base em anotações diárias e escritas. Nomeava-se, o fabricante da história. Já Márcia, outro sujeito (do quinto caso), também havia constuído uma metáfora delirante, acreditando ser perseguida, por isso tinha a missão de denunciar os perseguidores por intermédio da escrita. Então fixava papéis e mensagens nas árvores do bairro onde morava e nos pontos de táxi, expondo, seus desabafos e tentando construir a própria história. Chamavam-na de Xuxa, por causa dos cabelos loiros, mas não gostava. Ela confeccionava as próprias roupas que vestia. Por fim, Léo Arantes, outro sujeito (do sexto caso) aparecia cantando uma música numa linguagem própria. Escrevia compulsivamente, ao léu, segundo o cineasta. Para obter êxito, utilizava-se do auxílio do colírio *Lerin®* (significante homófono de *lerem*) num esforço de se endereçar ao Outro.

Concluímos que os vários casos apresentados pelo documentário envolvem sujeitos psicóticos em busca de estabilização, a partir dos elementos simbólicos: a escrita, o delírio, um nome e uma obra, fiapos e letras que a cada um foi possível lidar com o real do gozo do Outro. O documentário *O zero não é vazio* é o testemunho do esforço do sujeito psicótico em lidar com a não operação do Nome-do-Pai.

A escrita também pode surgir como tentativa de simbolizar, preencher o vazio do corpo e construir um saber sobre um acontecimento traumático para o sujeito, como, por exemplo, no caso do texto de Primo Levi (1998), especificamente, da obra *É isto um homem?* Narrativa temática em que o escritor analisa a experiência dos campos de extermínio e descreve, em excesso de detalhes, lembranças e restos que, para ele, nunca se apagaram. Apesar do uso exaustivo da escrita como tentativa de ressignificação diante da experiência traumática do confinamento, falha, já que faz uma passagem ao ato, quando se suicida.

Na escrita de Primo Levi, há o testemunho daquilo que não silencia, que escapa às palavras, a saber: a experiência radical do mulçumano ou meio homem (nomeado por ele aquele que perdeu o nome); os objetos que o caracterizavam; a fala (não podia falar a própria língua) e a capacidade de raciocinar e viver a própria história. Já que a experiência do confinamento mostra os prisioneiros como objetos de gozo do Outro gozador, Primo Levi se esforça para não silenciar o inaudível do terror daqueles que se afundavam nos campos de concentração.

A escrita de Levi foi um esforço para elaborar, e mais, não deixar a figura do mulçumano esquecida. Ali, onde existia a privação da linguagem, da falta do Outro barrado e onde imperava o silêncio, ressurgiria uma escrita autobiográfica como tentativa de simbolização sobre essa experiência de destituição subjetiva, tal qual nos descreve Primo Levi (1998):

> Ao terminar, cada qual fica em seu canto, sem ousar levantar o olhar para os demais. Não há espelhos, mas a nossa imagem está aí a nossa frente, refletida em cem rostos pálidos, em cem *bonecos sórdidos e miseráveis*. Estamos transformados em fantasmas como os que vimos ontem à noite. Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar essa ofensa, a aniquilação do homem. Num instante, por intuição quase profética, a realidade foi revelada: chegamos ao fundo do poço. Mais para baixo não é possível. *Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar*. Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão- e se escutarem não nos compreenderão. Roubaram também o nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, deveremos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos (LEVI, 2010, p. 25, grifo nosso).

Por meio da escrita, Primo Levi (1998) tenta dar um tratamento ao real enquanto o não simbolizado, o confronto com o acontecimento no campo de concentração. A escrita manteve a lucidez e a própria dignidade, bem como revelou o testemunho do que fora a experiência do mulçumano nos campos de extermínio.

Em *O que resta de Auschwitz*, Agamben (2008) constata, por meio dos depoimentos dos sobreviventes dos campos de concentração, que estavam tomados pelo sentimento de vergonha por terem sobrevivido, bem como havia necessidade de darem o testemunho da experiência do mulçumano. Então, para Agamben (2008, p. 151), o que resta de Auschwtiz é a impossibilidade de o sobrevivente viver sem dar o testemunho de um não homem. Então, é preciso falar para o Outro social por meio do texto escrito, já que o homem sofreu a privação da fala; como consequência, é ser reduzido a um objeto resto.

Observamos uma passagem extremamente marcante sobre a condição de não homem e da posição de objeto na obra *A trégua*, quando Levi (2010) se refere a uma criança (como sabemos, existiam crianças nos campos de concentração). Vejamos sua descrição de um menino de, mais ou menos três anos de idade:

> Hurbrinek era um nada, um filho da morte, um filho de Auschwitz. Aparentava três anos aproximadamente, ninguém sabia nada a seu respeito, não sabia falar e não tinha nome: aquele curioso nome, Hurbrinek, fora-lhe atribuído por nós, talvez por alguma das mulheres, que interpretara com aquelas sílabas uma das vozes inarticuladas que o pequeno emitia, de quando em quando. Estava paralisado dos rins para baixo, e tinha as pernas atrofiadas, tão adelgaçadas como gravetos; mas *os seus olhos, perdidos no rosto pálido e triangular, dardejavam terrivelmente vivos*, cheios de busca de asserção, de vontade de libertar-se, de romper a tumba do mutismo. As palavras que lhes faltavam, que ninguém se preocupava de ensinar-lhe, a necessidade da palavra, tudo

> isso comprimia seu olhar com urgência explosiva: era um olhar ao mesmo tempo selvagem e humano, aliás, maduro e judicante, que ninguém podia suportar carregado de força e de tormento" (LEVI, 2010, p. 19-20, grifo nosso)

Dessa passagem podemos extrair dois ensinamentos: a violência da privação da linguagem e a sua consequência, a desumanização, as quais afetam o ser e desumanizam o homem. A especificidade humana é constituir-se de um ser de fala e efeito de linguagem. Quando há tal privação, o que o sujeito faz para se manter desejante e fazer laço? Percebemos, nas palavras de Levi, o esforço de Hurbrinek em fazer laço e dirigir-se ao Outro por meio do que lhe restava, o olhar. Levi, diante da privação da fala, se serviu da escrita, a fim de extrair do corpo o gozo mortífero vivido nos campos de concentração. Mas, quando as palavras já não são possíveis, resta-nos o olhar. O menino, que não tivera acesso à gramática, se servia do olhar.

Em *Primo Levi:* a *escrita do trauma*, Macêdo (2014) defende a tese de que Primo Levi recorreu à escrita para escrever o trauma relacionando que escapa às palavras e não tem nome, o impossível de escrever. A estrutura é uma mostra-ação da experiência, escrita testemunho mais do que ele vivenciou e do que os outros ali presentes também passaram e não puderam falar, é o testemunho dos que tiveram suas vozes silenciadas, e de certo modo, apagadas. Assim, o trabalho de Levi é, sobretudo, um tratamento de extração do objeto voz por meio da escrita, com o intuito de arrancar aquilo que ficou preso e entalado na garganta dos exilados: o suplício e a dor, a terrível experiência de destituição subjetiva. Em relação à mesma obra Macêdo (2015), ao analisar-lhe a estrutura narrativa, demonstra haver na escrita primazia pela mostração (palavra como uma imagem) em vez da representação. Portanto, a escrita de Levi é o testemunho de uma verdade, apresentada para manter viva a palavra e não silenciar. A autora citada defendeu a tese de que, por meio da escrita, Primo Levi construiu um lugar para si e em torno do irredutível da letra *zona cinzenta* com que fez *sinthoma*.

Outro caso do uso da escrita para lidar com o real na tentativa de nomeá-lo vê-se na obra *As vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear*, livro vencedor do prêmio Nobel de Literatura em 2015, escrito pela jornalista Svetlana Aleksiévitch e resultante do trabalho de 20 anos de pesquisa. Para construí-lo, a autora recolheu e compilou as vozes de diferentes moradores e sobreviventes do maior desastre nuclear acontecido há trinta anos (ALEKSIÉVITCH, 2016). Por meio dos testemunhos escritos, é possível conhecer o que, até então, tinha sido silenciado: as falas dos sobreviventes da cidade de Príapiat, no norte da Ucrânia, próximo à Central Nuclear de Tchernóbil, onde ocorreu o maior desastre nuclear. O livro resgata as falas das viúvas, homens, soldados, engenheiros, fotógrafos, crianças e de professores. Quais as perdas desencadeadas por tal acontecimento? Por que se escreve pouco sobre Tchernóbil? O que foi

possível para cada um atingido por esse real? O que restou? Esses são alguns questionamentos feitos pelos sobreviventes nos testemunhos (ALEKSIÉVITCH, 2016).

No seu trabalho, a autora escreveu sobre o que não fora escrito, o esquecido e silenciado na cultura, conforme revela um dos testemunhos:

> O acontecimento ainda está à margem da cultura. É um trauma da cultura. E a nossa única resposta é o silêncio. Fechamos os olhos como crianças pequenas e acreditamos que assim nos escondemos, que o horror não nos alcançará (BRÓVKIN, 2016, p. 131).

Nessa perspectiva, o trabalho de escrita de Aleksiévitch dá voz ao horror vivido pelos habitantes da região onde ocorrera o acidente nuclear. Segundo ela, antes do acidente nuclear, os moradores tinham a certeza de segurança, das centrais atômicas serem completamente seguras. Após o ocorrido, todas as certezas foram perdidas. Então, deu-se o confronto com o real da morte e o real do corpo, por meio da presença do inimigo invisível: a radiação.

Poucos dias após do acidente, os livros que tratavam da radiação desapareceram das prateleiras das bibliotecas; os graus de radiação que atingiram os sobreviventes foram omitidos, não se sabia o que, de fato, tinha acontecido com aqueles que trabalhavam na construção de uma barreira, para evitar tragédia ainda maior; não foi revelado se a radiação atingiria grande parte da Europa nem as consequências e os efeitos da radiação. Surgiram, ao mesmo tempo, o não saber e a verdade da certeza da morte, em razão do elevado índice de radiação provocado pelo acidente (ALEKSIÉVITCH, 2016).

Em virtude do acontecimento, os moradores de Príapiat, sem saber a verdade sobre o ocorrido, foram obrigados a evacuar, e a ordem era clara: deixem tudo ─ morada, objetos e animais de estimação. Com a partida, os objetos eram largados, às pressas, pelo caminho; priorizavam-se as mulheres e crianças; ao saírem, muitos escreveram os nomes nas casas, nas cercas e no asfalto. Tal acontecimento mudou, radicalmente, a vida de um povo, agora sem casa, sem pátria; o mundo passou a vê-los como monstros, porque as pessoas tinham até medo deles, da contaminação; ficaram conhecidos por um outro nome: os homens de Tchernóbil (ALEKSIÉVITCH, 2016).

O cenário após o acidente era de um caos instalado, presença de um inimigo invisível. Os helicópteros sobrevoavam a cidade nas imediações do reator; havia viaturas militares espalhadas; soldados usavam máscaras antigás, mas as autoridades não revelavam a extensão dos estragos. Entretanto, o alerta de evacuação à população era anunciado constantemente. A natureza revelava a presença da morte pelo silêncio e morte: primeiro, morriam os ratos, besouros,

minhocas, coelhos, lebres; depois, os homens. As crianças ficavam apavoradas sem poder brincar nos campos; fantasiavam sobre a vida sem os animais; brincavam de serem elas próprias a radiação (ALEKSIÉVITCH, 2016). “Tchernóbil é a pior de todas as guerras. O homem não tem salvação em parte alguma. Nem na terra, nem na água, nem no céu” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 77). O testemunho de um soldado revela-nos o que viu após a evacuação, escrito na porta de madeira de uma casa abandonada:

> Caro passante, não procure objetos de valor. Eles não existem e nós nunca tivemos. Use tudo. Mas não destrua. Nós voltaremos. Em outras casas, vi inscrições com partituras de várias cores: Perdoe-nos casa querida! Despediram-se das casas como de pessoas. Escreveram também: Estamos partindo de manhã. Ou: Estamos partindo à noite; anotavam a data e até a hora e os minutos. Há também cartinhas com letras infantil, escritas em folha de caderno escolar: “Não bata no nosso gato, senão ele vai ser comido pelas ratazanas” ou “Não mate a nossa Julka. Ela é boazinha” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 104).

Por meio da obra *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear*, podemos perceber que, em alguns casos, o confronto com o real mobiliza o desejo de escrita. Diante do testemunho do soldado, entendemos que essa escrita tem relação com o outro e é uma forma de demonstrar o desejo de voltar e também a reafirmação de aquela morada ter um dono; logo, o sujeito tem um lugar.

O testemunho de Ivan Nikolaievitch (ALEKSIÉVITCH, 2016), um engenheiro químico que trabalhou como liquidador, cuja função consistia em cavar e enterrar a terra na terra, a fim de evitar os estragos provocados pela radiação, revela como os homens conviviam com tal situação: uns passavam a beber muita vodca; outros brigavam com frequência, batiam os carros, jogavam xadrez, tocavam violão; uns tornaram-se escritores, outros fotógrafos. Confessavam que o homem se acostuma a tudo. Diante do caos e do inimigo invisível da radiação, revelou como se salvou: “Eu me salvei porque escrevia longas cartas para casa e tinha um diário”. Logo, percebemos a função da escrita em alguns casos para dar o tratamento ao real. A obra acima citada é o testemunho do que cada sujeito pôde fazer após o acidente que confrontara Tchernóbil com a inconsistência do saber, com o real da morte e do corpo.

Lacan (2007, p. 59, grifo do autor) nos ensina: “Só se é responsável na medida de seu *savoir-faire*”. A responsabilidade é um tema caro a Lacan, seja do lado do sujeito, seja do analista. A propósito em *A ciência e a verdade*, ele nos diz: “Por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis” (LACAN, 1998d, p. 873). Na verdade, há em Lacan refinamento conceitual da responsabilidade, a qual está relacionada ao saber fazer do sujeito diante do real, o que implica, um saber fazer diante do confronto com o real.

O acidente de Tchernóbil promoveu o confronto com o real, mas possibilitou cada sujeito construir um saber fazer diante daquela realidade marcada pelo horror. “O que se passou aqui é algo desconhecido. É outro tipo de horror. Não se vê, não se houve, não tem cheiro e nem cor, no entanto, nós mudamos física e psicologicamente. Alterou-se a fórmula do sangue, o código genético, a paisagem. Independentemente do que pensamos ou façamos” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 301). O que era possível fazer coube a cada um.

Outro exemplo do uso da escrita para lidar com o real é a obra de Joyce. Lacan comparou o trabalho deste (a escritura da obra) ao trabalho de análise, durante a qual o sujeito constrói suturas e emendas, rasga-se, remenda-se e reescreve por meio da fala. Nessa perspectiva, Lacan localizou, em Joyce um saber fazer com o real, o que o estimulou a dedicar todo um seminário a analisar e esmiuçar a invenção joyciana. Ele nos diz:

> Não que eu seja totalmente ignorante em inglês, mas justamente porque Joyce escreve o inglês com refinamentos particulares que fazem com que a língua (no caso a inglesa) seja por ele desarticulada. (....) É verdadeiramente um processo exercido no sentido de dar a língua em que ele escreve um outro uso, em todo caso um uso bem distante do comum. Isso faz parte do seu *savoir-faire* (LACAN, 2007, p. 72, grifo do autor).

Nesse texto de abertura do *Seminário 23*: *O sinthoma*, Lacan (2007) mostra seu ponto de partida: análise da escrita da obra de James Joyce, da qual se servirá para ilustrar o conceito de sintoma e de *lalíngua*. Joyce, por meio de sua obra, deu um tratamento à língua (ao significante) por meio da escrita que o reduziu ao valor de letra. A língua, para Lacan, é um aparelho de gozo e um instrumento da fala. Segundo Lacan: “[...] as pulsões são no corpo, o eco do fato de que há um dizer” (LACAN, 2007, p. 18). Em outras palavras, há no corpo algo que insiste em se escrever, não deixa silenciar, o gozo.

Outro caso muito interessante do uso e do trabalho de escrita para o corpo falante é o de Hendrik Groen (2016). Com quase 84 anos, residente em casa de repouso na Holanda, resolveu escrever um diário intitulado: *Tentativas de fazer algo da vida*. Nele relatava os acontecimentos da rotina da casa de repouso. Isso provoca uma reflexão do lugar do idoso na cultura, o qual é marcado pelo descuido e desrespeito. No trabalho de escrita diário, Groen deu um tratamento ao real do corpo e ao real da morte. Juntamente com mais 8 amigos, ele criou o clube “Tô Velho, mas não Tô Morto”. Tal invenção proporcionou *espasmos de felicidade*, alegria de viver, por propiciar momentos de conversa entre os amigos e diversão, por meio de passeios, visitas a museus, passeios gastronômicos, degustação de vinhos e outros encontros organizados pelos participantes do clube. Isso deu oportunidade da singularidade do desejo de aparecer no grupo. Groen observou, por intermédio da esquiva dos olhares e do contato dos companheiros do asilo

durante as refeições, que a criação do clube despertara nos outros companheiros, inveja e desejo de participar do grupo. No entanto, permaneceram os oito participantes do grupo formado por identificação e afinidades. O trabalho de escrita do diário, a liderança do clube, o bom humor e o clube propiciaram um lugar para o sujeito sair do confinamento do asilo, já que ali, como ensina Mucida, se asila o desejo em nome do bom funcionamento da instituição (MUCIDA, 2004*).*

Tentativas de fazer algo na vida é um testemunho de o corpo falante não silenciar e recusar a pulsão de morte e do vazio. O livro é um desabafo, um meio de enfrentar a solidão, o real do corpo e da morte. O descaso e o não lugar da velhice na cultura mostram que cada um envelhece ao seu próprio modo, conforme o saber fazer com o real, com o real do corpo, da proximidade da morte e a relação com o tempo. A escrita favorece o trabalho de luto pelo corpo, pela perda dos amigos e pela proximidade da morte. Vejamos uma passagem do diário de Groen:

> Minha análise: envelhecer é um desenvolvimento ao contrário do que tem um bebê até a vida adulta. Fisicamente, você parte da autonomia para cada vez mais dependência. Uma prótese de quadril, um marca-passo, uma pílula aqui, outra ali. É um beco sem saída. Se a morte demora demais para chegar, você acaba como um bebê velho e incompreensível, de fraldas e meleca no nariz. O caminho de ida, de zero a dezoito anos, é lindo, desafiador, excitante: você está definindo a sua própria vida. Por volta dos quarenta, você é forte, saudável e poderoso. Um período fantástico. Mas infelizmente a gente só se dá conta disso depois que a decadência já se instalou há um tempo, quando as perspectivas, lenta e silenciosamente, se tornam menores, e a vida mais vazia. Até que as atividades diárias ganham proporção de um biscoito e uma xícara de chá. O chocalho de velho. Não me leve a mal. Fui um pouco longe demais. Justo quando dei alguns passos importantes para desfrutar da velhice com prazer. Com novos amigos e planos bárbaros. Uhu! (GROEN, 2016, p. 78)

Então, podemos perceber, *Tentativas de fazer algo na vida*é uma invenção do corpo falante, no sentido de não recuar diante do confronto com o real e conseguir obter "*espasmos de felicidade"*, segundo ele próprio afirma.

Em Bauby, o corpo se mostrava falante, apesar da paralisia e da imobilidade do corpo flácido e desarticulado condenado pelo AVC. O corpo falante se exprimia a todo tempo, pelo piscar do olho esquerdo ─ como ele mesmo afirmava, a janela dele para com o mundo ─, o fiapo que lhe restava para ter acesso ao simbólico e, com isso, dar um tratamento ao real. O trabalho de escrita de Bauby rompeu o silêncio do escafandro. Apesar de não emitir o som da voz, a escrita rompeu o silêncio.

5.4 Do Princípio da Incerteza à Responsabilidade: Uma Aposta no Desejo

Ansermet (2003), no artigo *Da psicanálise aplicada às biotecnologias, e retorno*, afirma que a psiquiatria tem fechado as portas para a psicanálise, enquanto a medicina preditiva vê a necessidade de recorrer ao saber psicanalítico em virtude dos impasses e surpresas. Tais surpresas remetem aos efeitos das descobertas e avanços que fazemas pessoas acreditarem que tudo é possível, principalmente, no campo da medicina perinatal, a qual manipula células embrionárias e descarta embriões, dentre outras intervenções.

Questiona-nos Ansermet (2003, p. 2-3):

> Qual estatuto dar aos embriões congelados numerados, não utilizados para uma nova procriação medicamente assistida? Trata-se de lixo hospitalares? Crianças potenciais para dar em adoção? Um material precioso necessário à clonagem terapêutica, suscetível de ceder células tronco capazes de se especializar em direção a tal ou qual saída reparadora? O que pensar do diagnóstico pré-implantatório, permitindo curto-circuitar o risco de haver uma criança atingida por uma doença genética? O que fazer das possibilidades do diagnóstico pré-natal que permitem diagnosticar uma doença genética ou uma má formação congênita, e do dilema causado pela escolha de uma interrupção médica da gravidez? Que atitude tomar face às possibilidades da medicina preditiva quando não há mais sanção terapêutica? O que representa, por exemplo, o fato de poder diagnosticar uma coreia de Huntington bem antes do nascimento, que poderia aparecer somente a partir da idade de 30 anos? Quais as consequências a este excesso de saber dos pais, e mesmo para a criança, posteriormente? É preciso fazer uma mastectomia bilateral preventiva na jovem mulher, no caso de risco de câncer de seio geneticamente determinado? (ANSERMET, 2003, p. 2-3).

Logo, as indagações de Ansermet (2003) nos convocam à responsabilidade frente aos impactos promovidos pelo discurso da ciência no corpo falante, especificamente, no âmbito do desejo materno, quando ele questiona o uso da prática da reprodução assistida, o descarte dos embriões e o uso do congelamento. Na medicina, por exemplo, em relação à reprodução assistida, não se questiona que demanda está implicada no ato de engravidar; não se diferencia a demanda de gestar, de engravidar e de ser mãe; não se questiona o lugar da criança no desejo materno. Contudo, percebemos que tudo isso, pode afetar e comprometer o lugar de causa de desejo ocupado pela criança.

Assim, o discurso da ciência, em muitos casos, opera como dito oracular que macula o lugar da criança, dos adultos e dos idosos, quando se emite determinado diagnóstico que apresenta um mau prognóstico. A saída proposta pelo discurso psicanalítico, diante da constatação do cenário da biotecnologia, é permitir um lugar vivo para a surpresa, para o inesperado, de modo a proporcionar um lugar para o sujeito e para uma invenção frente às contingências. Para Ansermet (2003), o lugar da psicanálise no campo da medicina preditiva está em assegurar o princípio da incerteza, o que possibilita um lugar para o desejo. Diante do uso da biotecnologia

e seus efeitos sobre o nosso cotidiano, lembramos o princípio ético norteador da clínica, proposto por Lacan e retomado por Jorge Forbes (2012), ─o princípio da responsabilidade: "O inconsciente do qual vamos tratar é aquele que leva o ser falante a responsabilizar-se pela invenção do estilo singular de usufruir de seu corpo e de sua vida" (FORBES, 2012, p. 12).

Ao problematizar o conceito de consistência corporal, Lacan se voltou para o conceito de corpo, afirmando: "O amor-próprio é o princípio da imaginação. O *falasser* adora seu corpo, porque crê que o tem. Na realidade, ele não o tem, mas seu corpo é sua única consistência, consistência mental, é claro, pois seu corpo sai fora a todo instante. " (LACAN, 2007, p. 64) Além do corpo ser a única consistência, segundo Lacan *a única* relação que o *falasser* tem com o corpo é a de *adoração*.

Mandil (2015), em *Psicanálise de uma nota só: em um outro tom*, parte do próprio caso clínico para mostrar que o corpo falante escapa o tempo todo, conforme considerou Lacan (2007). O que dá consistência ao corpo falante, demonstra Ram, é a imagem e a fantasia: a imagem fornecida pelo olhar do Outro por meio do estádio do espelho e da fantasia, quando o sujeito constrói o Outro da demanda ─ isso dá consistência mental ao corpo.

Miller (2008), em *A imagem do corpo em Psicanálise*, mostra que, antes da apropriação do corpo, há a imagem, ou seja, o campo visual é o primeiro campo de gozo para o bebê. A imagem do corpo e o reconhecimento dela são características da espécie humana. O momento de júbilo diante do reflexo da imagem do espelho é o momento de significação da imagem cujo segredo está na relação do sujeito com a castração. No entanto, o suporte da imagem corporal se dá pela ação do Nome-do-Pai; graças ao Nome-do-Pai, é possível constituí-la, por meio da construção fantasmática.

Lacan, em seu ensino, convém recordar, afirma que o corpo é condição de gozo, o gozo vai ser sempre o gozo do corpo. Então, podemos inferir duas consequências dessa afirmação: o trabalho de escrita é uma forma de dar consistência ao corpo; o trabalho de escrita é uma forma de gozar do corpo. Assim, em relação aos diferentes usos da escrita, podemos concluir que o trabalho de escrita apresenta função subjetiva, é uma invenção com a linguagem, possibilitando dar um tratamento ao real do corpo e ao real da morte. Portanto, o uso da escrita de Bauby foi uma invenção para gozar do corpo.

6 DO ESCAFANDRO À BORBOLETA: DA "VOZ EM OFF" À INVENÇÃO COM A ESCRITA

O real faz furo no semblante.
(LACAN, 2009, p. 27)

Neste capítulo, voltamo-nos, especificamente, para a análise do caso clínico de Bauby presente na obra escrita e no filme *O escafandro e a borboleta.* Como vimos anteriormente, temos como questão diretora da pesquisa: Qual a invenção de Bauby para se manter sujeito desejante? Com base no conceito de invenção formulado por Lacan: um saber fazer com o real, sabendo que o confronto com o real promove rearranjo nos três registros. O que faz grampo em Bauby, ou seja, qual a via de sustentação do corpo por Bauby após o AVC? O que faz Bauby diante da queda dos semblantes? Como ele se defende do desamparo e da angústia? Por fim, extraimos do caso o que ele nos ensina sobre o saber fazer com o real.

6.1 Dos "Cadernos de Viagem Imóvel" às "Baforadas de Felicidade"

Freud (1996j, p. 50), em *Para além do princípio do prazer*, afirma que a pulsão de vida e de morte fazem parte da condição humana. Eis suas palavras: "O que nos resta é o fato de que todo organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo". Tal afirmação nos autoriza a pensar que existe o desejo de viver e de morrer a opera no circuito pulsional, no sentido de satisfazer a pulsão. Uma década depois, Freud (1996o) afirmaria que agressão constitui o homem e o impulsiona a viver e a morrer. No mesmo texto, ponderia que o mal-estar é estruturante e o sofrimento acomete o homem em três direções: do seu próprio corpo, do mundo externo e dos relacionamentos com os outros.

Agora, passemos à análise do caso de Bauby. O testemunho escrito de Bauby nos ensina que o discurso da medicina apresenta um saber fazer sobre o corpo, um saber do tipo universalizante e protocolar que se imprime na cultura ocidental por meio de normas, nas formas de abordagem dos corpos. Com a medicina, o corpo passou a ser abordado pela via da genética, dos aspectos orgânicos – funcionais e das influências ambientais e sociais (FORBES, 2012). Em geral, ela se volta para a doença e não para o doente, no âmbito do sofrimento e dos aspectos subjetivos atrelados ao adoecer.

Bauby apresentou um saber fazer com o real diante do acontecimento AVC. Como todo discurso é ato que produz efeitos, o discursode Bauby foi subversivo e umprotesto ao saber médico, pois mostrou, mediante a escrita, que não estava totalmente encarcerado.

Defato, o médico na nossa cultura, para o doente ou enfermo, tem saber especial e, em certa medida, detém algum poder sobre o paciente, no sentido de que ele conhece a doença e o modo de melhor tratá-la e os seus sintomas. No filme *O escafandro e a borboleta*, observamos o cuidado do neurologista ao abordar Bauby, a fim de comunicar-lheo que estava se passando. Logo na primeira cena, quando o paciente acordou do coma, sem saber o ocorrido, sem conseguir se mexer nem falar, o médico lhe comunicou a má notícia: acometido por derrame, estivera em coma; agora, não podia mexer-se; o único movimento possível seria o piscar da fenda palpebral do olho esquerdo. Essa notícia foi ouvida por Bauby com surpresa e horror.

Em psicanálise, toda relação do sujeito com um outro é transferencial no sentido de que transferimos os sentimentos amorosos e hostis, como tambémrepetimos nossas histórias, tendo como referência a relação com o Outro primordial. No caso, a relação médico-paciente também estava marcada pela transferência e suposição de um saber. Freud (1996r) nomeia a transferência como sendo amor, um dispositivo necessário para o tratamento psicanalítico, marcado por sentimentos amorosos e hostis. O desafio do tratamento reside na dificuldade do manejo de transferência no sentido de o analista não se deixar levar por essa ilusão. A transferência é caracterizada pela suposição de saber no outro a quem amamos ou cultivamos admiração. Para Gaudêncio (2016, p. 8), “a ideia de que pessoas são, na verdade, multidões, posto que toda pessoa carregue dentro de si outra pessoa, quais sejam, todas as pessoas que tornam possível a pessoa que ela é e todas as pessoas com quem ela se relaciona”.

Bauby, no ato de escrita, questionou o diagnóstico de encarceramento, o próprio prolongamento da vida realizado pela medicina, mesmo tendoperdidosua autonomia. Segundo ele, os avanços tecnológicos haviam sofisticado a puniçãomediante o prolongamento da vida sem autonomia. Mostrou com isso a dificuldade do saber médico em lidar com as perdas e com o limite do corpo: o real da morte, ao tentar prolongar a vida a todo custo. Por intermédio da escrita, ele revestiu o corpo despido pelo saber médico com letra a letra, palavra por palavra, frasesditadas por ele piscando a fenda palpebral do olho esquerdo a outro que fazia a tradução vocal (retomada das letras e das palavras dele).

Bauby nos surpreende pela capacidade de servir-se da linguagem, quando o corpo se mostra inerte, a sonoridade da voz emudece, as expressões faciais se tornam imperceptíveis e as lágrimas, invisíveis. Ele usava o piscar do olho esquerdo, aquilo que se movia no corpo biológico e funcionava como órgão de gozo, no sentido de a ele ser possível gozar do corpo e das palavras. Com tal invenção, ele passou da aparente impotência ao seu ponto de possível. Ao mesmo tempo, não podemos deixar de apreciar e detectar a importância desse outro que se deixou usar como uma caneta viva, para que a fala e a escrita pudessem ser ouvidas. Estamos

referindo-nos a Claude Mendibil, que, tal qual uma catadora de migalhas, resgatou a possibilidade de o sujeito desejar. No filme *O escafandro e a borboleta,* vê-se a implicação de Mendibil e seu desejo de traduzir e resgatar os pensamentos de Bauby. Para tanto, ela trabalhava cinco horas por dia, catando as letras, juntando e formando as palavras e frases.

No texto escrito, fruto da parceria com um outro, aquele que realizava a tradução, encontramos três aspectos destacáveis: o espanto, a interpretação e a solução. O espanto remete ao instante de ver o *falasser* diante do AVC e seus efeitos ─ o horror e a angústia de se ver paralisado e confinado num hospital e no escafandro; de ver o corpo como uma pedra, algo aparentemente inerte e imóvel. A interpretação, diante do acontecimento *locked-in syndrome,* ocorreu mediante o humor e a fantasia ─ no caso, o tempo de compreender. Já a solução resultou do trabalho de escrita, o momento de concluir ─uma saída e invenção do *falasser* para lidar com o real do corpo.

Em Bauby, com a síndrome do encarceramento (a paralisia corporal), surgiu paralelamente o desejo de escrever sobre isso. Antes do AVC, convém recordar, ele queria escrever uma versão moderna e feminina do clássico *O conde de Monte Cristo;* o tema seria a vingança na perspectiva feminina. Com o AVC, despertou nele o desejo de escrever sobre a experiência do *locked-in syndrome.*

6.2 O Uso da Escrita e do Humor para Preservar o Eu e sair da "Solidão Forçada"

Embora Bauby não seja um sujeito em análise, é possível observar como o Outro perde a consistência diante da *locked-in syndrome*, um lugar de suposição de saber. Por isso ousamos afirmar que há tessitura de fantasia para manter-se desejante. Por exemplo, diante da fala da neurologista[28], que lhe explicava sobre a gravidade e a raridade da patologia ─ "É preciso ter muita paciência" (BAUBY, 1997, p. 20) ─, ele se mostrou paciente e persistente numa verdadeira batalha pela vida.

Era inegável o trabalho de repetição do piscar do olho esquerdo. Por que ele repetia? Porque se tratava de uma forma de satisfação, uma forma de gozar do corpo, no qualhabita um *parasita falador*[29], que não silencia. Isso evidenciava-se bastante em Bauby. Por mais que o corpo se mostrasse imóvel, a pulsão não cessava de tentar satisfazer -se.

---

[28] Na obra escrita Bauby faz referência à neurologista, já no filme *O escafandro e a borboleta*, o cineasta refere-se a um neurologista.

[29] *Parasita falador:* expressão utilizada por Lacan (2007) no *Seminário 23:* O *sinthoma*, para mencionar a dimensão da pulsão como um dizer que não silencia.

Bauby, por meio da palavra escrita, expressava humor, surpresa, fantasia e inventividade, ensinando-nos que a imagem apenas representa o sujeito; este não se reduz àquela, a qual se relaciona com o Outro (MUCIDA, 2009), conforme ilustra a passagem abaixo do livro, quando ele se confrontou com a imagem após o AVC:

> Num reflexo da vitrine apareceu um rosto de homem que parecia ter pernoitado em barril de dixiona. A boca era torta, o nariz amarrotado, o cabelo desgrenhado, o olhar apavorado. Um olho estava costurado, e o outro arregalado como o olho de Caim. Por um minuto fixei a pupila dilatada sem entender que simplesmente era eu mesmo (BAUBY, 1997, p. 28-29).

No depoimento de Bauby, percebemos que, por um lado, o corpo nos aprisiona; por outro, por meio dele, podemos desfrutar da vida, cada um ao seu próprio modo. O sujeito, apesar do desinvestimento do saber médico, se vinculou à aposta do outro da equipe que investiu nele ao notar um movimento. Desde então, mostrou-se desejante, dando tratamento simbólico ao real, mediante os significantes, fiapos que lhe restaram.

Em Bauby, o sofrimento se estabeleceu em relação ao corpo flácido e amorfo, daí o sentimento de estranhamento, de não reconhecimento e de pertencimento da imagem corporal. Observamoso confronto com um furo na imagem. Vimos anteriormente que tanto a fantasia-quanto o significante compõe a imagem corporal por meio da interpretação dada pelo olhar do Outro, bem como operam no sentido de fornecer consistência à imagem corporal, já que o corpo sempre escapa ao *falasser*.

Ele construiu um novo corpo fora do corpo: borboleta, a fim de recuperar a mobilidade e os prazeres mediante a fantasia e poder mover-se. Agindo assim, ele se desencaixou. Em relação ao mundo externo, o sofrimento se expressava ao demonstrar queos laços sociais estabelecidos agora, em certa medida, se restringiam ao ambiente hospitalar e à equipe de paramédicos. O corpo tornou-se um objeto, instrumento de cuidados médicos e para- médicos. Segundo ele mesmo, vivia uma solidão forçada em virtude do acidente vascular cerebral.

Com o AVC, caiu o semblante, apareceuo furo da imagem, algo inesperado e sem sentido. Diante da contingência, ele reagiu com espanto e estranhamento. A saída foi recorrer ao humorescrito e à fantasia de ser borboleta, com o intuito de apaziguar o mal-estar e enfrentar o real do corpo e da morte. Vejamos um fragmento da obra escritaque apresenta o real do corpo, quando ele expressava a tristeza num momento em que ele via o filho brincar ao seu lado ─ a criança, ao mesmo tempo estava tão perto e tão longe:

> Uma onda de tristeza me invadiu. Theóphile, meu filho está ali, sentadinho, com o rosto a cinquenta centímetros do meu, e eu, o pai, não tenho mais o simples direito de passar a mão naquela cabeleira vasta, beliscar aquele cangote aveludado, de estreitar até deixar sem fôlego aquele corpinho macio e tépido. Como descrever? É monstruoso, iníquo, revoltante ou horrível? De repente, não seguro mais. As lágrimas afluem, e de minha garganta escapa um espasmo rouco que ressalta Théophile. Não fique com medo homenzinho, eu gosto de você (BAUBY, 1997, p. 78).

Com a atitude humorística, Bauby alimentava o desejo de viver. Há tentativa de recompor e ressignificar a própria história e delidar com a impotência, ele fez parceria com Mendibil e com o leitor, no intuito de promover o riso e criar um parceiro imaginário, a fim de sair da "solidão forçada". Observemos o seguinte fragmento da obra escrita:

> Em oito meses, não engoli nada mais nada menos que algumas gotas de água com limão e meia colher de iogurte, que se extraviou ruidosamente para as vias respiratórias. O ensaio alimentar, como foi enfaticamente batizado esse banquete, não se revelou satisfatório. Mas, que ninguém se preocupe, nem por isso estou morto de fome. Através de uma sonda que chega até o estômago, dois ou três frascos de uma substância amarronzada suprem minhas necessidades calóricas cotidianas. *Quanto ao prazer, apelo para a lembrança viva de sabores e odores inesgotável reservatório de sensações. Não existe a arte de bem aproveitar os restos? Eu cultivo a de cozinhar lembranças em fogo lento* (BAUBY, 1997, p. 40-41, grifo do autor).

Já em outras passagens, observamos o sofrimento dele e essa "onda de tristeza" que o invadia, mas era ignorada pelo olhar do outro. As lembranças anteriores ao acidente o faziam sofrer em virtude das perdas; assim, como o humor, ele criavaum modo de defesa para lidar com o real da morte e o real do corpo, "a onda de tristeza". Entretanto, o confronto com o real promoveu o sentimento de culpa ─ achava que não dera a devida atenção à família antes do AVC.

Para Freud (1996t), o luto ─que é lento e gradual ─ constitui, reação normal diante de uma perda. O trabalho do luto consiste na retirada da libido investida no objeto, quando o ego passa a investir em outro objeto. Isso requer tempo e energia. Ele adverte que as pessoas nunca abandonam, de bom grado, uma forma de satisfação, ou seja, cria-se um substituto para continuar obtendo satisfação libidinal. Conforme Berta (2015) o luto precisa de um ato para ocorrer a elaboração, luto-ato-desejo. Seguindo essa tríade, em Bauby, vimos que a escrita foi o ato que permitiu a passagem para o desejoe possibilitou a elaboração das perdas por ele experienciadas.

> Finalmente, se quisermos que o quadro fique completo, será preciso escolher um canto para nós, voadores de asas quebradas, papagaios sem voz, aves de mau agouro que fizemos nosso ninho num dos corredores sem saída do setor de neurologia. Evidentemente, enfeamos a paisagem. Sei muito bem do leve mal-estar que provocamos quando rígidos e silenciosos, atravessamos um círculo de doentes menos favorecidos (BAUBY, 1997, p. 36).

Com relação ao outro, o sujeito se viu na condição de “solidão forçada” e de dependência. A fim de sair da solidão, ele construiu, por meio do sistema de código do alfabeto em uso, um alfabeto mediante o qual expressava as próprias ideias, os sentimentos e os pensamentos com grande dificuldade, já que o outro receptor, o decodificador da mensagem, nem sempre o compreendia; muitas vezes, precipitava-se, distorcendo a mensagem, dando outro significado ao desejado por Bauby. Então, diante do confronto com o mal-entendido da linguagem, durante o processo de decodificação e da transmissão, parte da mensagem se perdia.

Bauby criou uma parceira de trabalho para sair da “solidão forçada”, servindo-se do recurso da escrita a dois: transmitia as letras soltas com o piscar de olho, como a borboleta bate as asas, e Claude Mendibilcapturava-as, uni-as para compor as palavras, as frases, os parágrafos e as páginas escritas ─ trabalho em que ele recorreu ao outro como tela, leitor e editor. Essa parceria permitiua invenção e um saber fazer. Vejamos uma passagem da obra escrita em que ele manifesta satisfação com a chegada desse outro que lhe permitiria sentir-se fora do escafandro. Eis o entusiasmo de Bauby ao receber a ortofonista:

> Ninguém imagina o reconforto que sinto duas vezes por dia, quando Sandrine bate à porta, põe para dentro uma carinha de esquilo arteiro e expulsa de uma vez todos os maus espíritos. *O escafandro invisível que me encerra o tempo todo parece menos oprimente* (BAUBY, 1997, p. 44, grifo nosso).

A presença do corpo do outro que oescutaria e escreveria o ditado, lhe trouxe certo apaziguamento.

A escrita de Bauby apresenta sua atitudehumorística em várias passagens, convidando o leitor a rir dos acontecimentos trágicos da vida. A propósito, em, *Os chistes e sua relação com o inconsciente,* aprendemos com Freud (1996p) que o humor é uma saída encontrada pelo homem para enfrentar o mal-estar. No caso, aqui em estudo, percebemos, Bauby se serviu do humor a fim de lidar com “a solidão forçada”, com a nova imagem corporal, com a perda da mobilidade e da voz. Assim, o humor operou na dimensão do saber fazer com o real, proporcionando o enfrentamento da angústia e o desejo de uma escrita. Sabemos com Lacan que o tratamento para angústia é permitir o surgimento do desejo.

Morais (2008), no artigo *Humor e psicanálise,* mostra-nos que o humor possibilita representação para o sofrimento e saída para enfrentar as situações limites, ou seja, possibilita lidar com a tragédia com leveza. A autora nos diz: “o humor torna o sujeito capaz de rir de si mesmo e mostra que toda verdade é incompleta, que o ser humano é insuficiente, e quando a vida mostra a sua imperfeição e falha, ainda assim vale uma boa risada” (MORAIS, 2008, p. 3). Diante desse esclarecimento, podemos afirmar o humor utilizado no trabalho de escrita da

obra autobiográfica de Baubyfoi uma saída do sujeito para enfrentar o real do corpo e o real da morte. Ao se ver fora da cena do confinamento do escafandro ─ uma forma de tentar assimilar e nomear o estranho do acidente ─, ele sentia satisfação mediante o deslocamento do afeto, promovendo o riso no outro, no caso, o leitor.

Conforme Morais (2008), no artigo *Humor e psicanálise*, o humor é saída para se lidar com o mal-estar nas dimensões ética, estética e política. Ética, porque permite a ascensão do desejo; estética porque valoriza a criatividade e a construção de uma obra; política, porque permiteoperar no laço social. Observamos as três dimensões na atitude humorística na escrita de Bauby.

O trabalho de escrita dele foi ético, porque permitiu-lhecontinuar investindo na vida; estético, porque construiu uma obra, escrita autobiográficae, por meioda qualfez nova escrita de si que possibilitou um grampo para o corpo não ser mero objeto do discurso da ciência.Quanto à dimensão política, essa obra possibilitou fazer laço social, continuar sendo sujeito de desejo ─ agora como autorde uma obra e de novo corpo ─ que dava acento não à dimensão da paralisia e do escafandro, mas à da borboleta, do desejo de falar e do ponto de impossível ao *falasser*, viver sem a fala, sem desejar.O humor permitiu quea singularidade do sintoma fosse partilhada no social e fizesse laço. A escrita fez a Bauby continuar sendo Bauby e não se deixar reduzir a um portador de AVC ou de *locked-in syndrome*.

Freud (1996n, p. 165), em *O humor*, define o humore as maneiras do processo humorístico e enumera algumas características. Ele constatou que, por meio do humor, o homem obtém satisfação. O processo pode ocorrer de duas maneiras: com uma pessoa isolada adota uma atitude humorística em relação a si e ao outro, que é um espectador; entre duas pessoas, a segunda é tomada como objeto de contemplação. Freud (1996n) refere-se a um caso em que o processo humorístico ocorreu com a própria pessoa: “[...] um criminoso, levado à forca numa segunda-feira, ironizou: ‘Bem, a semana está começando otimamente” (FREUD, 1996n, p. 165). Nessa passagem, Freud observou que o ciclo do humor começou no sujeito e terminou nele próprio; isso proporcionou uma satisfação. Logo, a atitude humorística pode ser dirigida tanto para o próprio eu quanto para outras pessoas, gerando satisfação no ouvinte em virtude da precipitação de uma surpresa que a piada e o riso proporcionam.

Ribeiro (2006), na tese *O R.I.S.O. na clínica das psicoses*, demonstrou, apoiado em casos clínicos, que o riso na psicose promove descarga na angústia e apaziguamento delirante mediante o trabalho de construções risíveis. Ela defende a tese de que o riso pode ser um recurso na clínica da psicose para porporcionar a metáfora delirante e tratamento ao excesso pulsional.

Segundo a autora, o riso é um tratamento do real do gozo pelo significante. Extraindo consequências das palavras da referida autora, percebemos que as construções risíveis elaboradas por Bauby sobre a sua nova condição como portador de AVC, foram invenção para dar tratamento ao real do gozo pela via significante. Conforme Ribeiro (2006, p. 20), o riso, o chiste, os atos falhos, os sonhos são formas de acesso ao inconsciente. O dito espirituoso constituiu uma defesa do superego a fim de preservar o eu, que opera como um pai. Daí nasce o dito espirituoso que surpreende e dá um lugar ao sujeito. Na sua concepção:

> O riso constitui uma manifestação especificamente humana, usado como expressão de afeto, um convite ao laço social. Enquanto para os animais mostrar os dentes indica uma ameaça ao ataque, para o homem, em princípio, aparece como um gesto de aproximação (RIBEIRO, 2006, p. 19).

Em Bauby, por causa do AVC, ficou impedido de expressar o riso e o choro; porém, depois, conseguiria expressá-los com o dito espirituoso mediante a escrita, para voltar a ter voz. Em Bauby, percebemos, quando não era possível falar, o *falasser* escrevia.

Gerez-Ambertím (2003), em *Humor negro e supereu*, consultando os textos de Freud e de Lacan, observou que o humor constitui uma defesa do eu. Para Freud, lembra-nos a citada autora, o humor proporciona uma satisfação em virtude do gasto de afeto e foi considerado uma das operações psíquicas mais elevadas. Segundo ela, situa-se na fronteira entre a angústia e o riso. E mais: trata-se de um ato de criação para sustentar o semblante. Gerez- Ambertím (2003, p. 141) diz nos: "O humor não torna ninguém mais feliz, ao menos, permite uma quota de felicidade. " Percebemos essas "baforadas de felicidade" [30]em várias passagens do livro, na escrita de mensagens ou em cartase de telefonemas recebidos.

Kupermann (2010), no artigo *Humor, desidealização e sublimação na psicanálise,* demonstra que a discussão sobre o humor está muito presente do início ao fim na obra freudiana. No entendimento de Freud, recorda o autor, o humor se caracteriza pelo triunfo do narcisismo certo desapego, já que a posição ocupada pelo humorista é solitária. Por um lado, o humor possibilita o laço social por meio das identificações da promoção de um circuito cômico; por outro lado; ele também possibilita o isolamento. Isso porque o humorista se confronta com a solidão ─ essa posição nomeada pelo autor de "a política solitária do humor", a qual se dá na criação de crítica e de denúncia da realidade social, o que promove rompimentocom os ideais compartilhados culturalmente. Logo, o dito espirituoso mostra o furo no saber e no discurso.

---

[30] *Baforadas de felicidade* é uma expressão utilizada por Bauby (1997) no livro *O escafandro e borboleta*.

No mesmo artigo, Kupermann (2010) mostra que o humor é uma saída do ego para lidar com a angústia e com o desamparo. Destacamos uma articulação e aproximação feitas pelo autor em relação ao humor e à sublimação. Ele toma o humor como um dos nomes da sublimação, já que, por meio daquele há o desvio do alvo da pulsão, além disso, tem como produto uma satisfação que se volta para finalidades valorizadas na cultura. Ele propõe, ainda que a desidealização é outra forma de fazer humorna nossa cultura e de estabelecer laço. A propósito, Bauby (1997) descreveu o próprio comportamento e das outras pessoas de modo humorístico, desidealizado. Com isso, tornou o trágico cômico. Leiamos um fragmento da obra em que se serve da atitude humorística, voltando-se para o próprio eu, para lidar com o real do corpo ─ a perda da mobilidade dos membros superiores e inferiores e a abrupta perda de peso provocada pelo AVC:

> Às oito e meia chega a fisioterapeuta. Silueta esportiva e perfil de moeda romana, *Brigitte vem pôr para funcionar braços e pernas conquistados pela ancilose. Dão a isso o nome de mobilização, e essa terminologia marcial é ridícula diante da magreza da tropa: trinta quilos a menos em vinte semanas. Eu não esperava um resultado desse quando entrei em regime, oito dias antes do tal acidente* (BAUBY, 1997, p. 19, grifo nosso).

Nesta outra passagem, vemos que, por um lado, o AVC promove angústia por outro, é uma forma encontrada pelo *falasser* de gozar do corpo e de elaborar o luto. Para Freud, a pele é uma zona erógena. Bauby, ao ser tocado pelo outro, obtém uma satisfação. Vejamos os detalhes de sua narrativa:

> *Num dia, acho divertido, aos quarenta e quatro anos, estar sendo lavado, revirado, esfregado e posto em cueiros como um bebê.* Em plena regressão infantil, chego até a sentir um vago prazer. No dia seguinte, tudo isso me parece patético ao extremo, uma lágrima rola pela espuma do creme de barbear que o atendente espalha sobre minhas faces. O banho semanal, então, me imerge ao mesmo tempo em abatimento e felicidade. Ao delicioso instante em que mergulho na banheira logo sucede a saudade dos grandes banhos que eram o luxo da minha antiga vida. Munido de uma xícara de chá ou de uísque, de um bom livro ou uma pilha de jornais, eu me deixava de molho muito tempo, a manobrar as torneiras com os dedos dos pés. São poucos os momentos em que, lembrando esses prazeres, sinto com tanta crueldade a minha condição atual. Felizmente não tenho tempo de me aprofundar. *Logo me levam de volta ao quarto, a tremelicar sobre a maca confortável como cama de faquir* (BAUBY, 1997, p. 20-21, grifo nosso).

O uso da escrita como um grampo sustentava o corpo e não deixava o sujeito se perder no escafandro da patologia: ora se voltava para as lembranças de como gozar do corpo, ora diante de novo modo de gozar do corpo por meio do piscar do olho e de uma escrita. A obra escrita tornou-se um saber fazer com o pedaço de real.

> Afasto-me. Lenta, mas decididamente. Assim como o marinheiro vê desaparecer a costa de onde zarpou para a travessia, eu sinto meu passado esvanecer-se. *Minha antiga vida arde ainda em mim, mas vai se reduzindo cada vez mais às cinzas das lembranças* (BAUBY, 1997, p. 83, grifo nosso).

Nas passagens abaixo, percebemos a atitude humorística de Bauby tanto voltado para o próprio eu quanto para os outros que o circundam. A propósito, o humor é percebido por Freud comotriunfo do narcisismo e do ego, quando há uma invenção do sujeito para lidar com a dor e o sofrimento sem ser afetado pelo mundo externo e ainda assim, obter satisfação.

> Depois de receber, logo após a guerra, as pequenas vítimas das últimas devastações da tuberculose, Berck foi abandonado aos poucos sua vocação infantil. Pode-se dizer que ele hoje combate mais as misérias da velhice, inexorável deterioração do corpo e do espírito, *porém a geriatria é apenas uma parte do afresco que se deve esboçar para dar uma idéia exata da clientela do estabelecimento.* Numa das extremidades do quarto há uns vinte comas permanentes, pobres diabos imersos numa noite sem fim, às portas da morte. Nunca saem do quarto (BAUBY, 1997, p. 35).

Na concepção de Freud (1927), nem todo sujeito tem atitude humorística e, do ponto de vista dinâmico, essa atitude é efeito do superego para proteger o ego do sofrimento. A essência do humor provoca o deslocamento do afeto propicia o triunfo do narcisismo pela rebeldia e gera satisfação. Assim, o humor constitui defesa para lidar com o real, uma recusa à pulsão de morte.

Miller (1996, p.190), ao abordar o tema da ironia, enfatiza que todo o discurso é uma forma de o sujeito se defender do real. Tanto o humor quanto a ironia provocam o riso, mas aquele se situa no campo do Outro, trata-se de uma vertente do supereu, tal qual formulou Freud. Já a ironia se situa do lado do sujeito, ou seja, revela que o Outro não existe, o discurso é um semblante. Vejamos o entendimento de Miller (1996, p. 191):

> A ironia é a forma cômica tomada pelo saber de que o Outro não existe, isto é, de que, como Outro do saber, ele não é nada. Quando o humor se exerce do ponto de vista do sujeito suposto saber, a ironia só se exerce aí onde a queda do sujeito suposto saber foi consumada. (MILLER, 1996, p. 191).

Diante dessa diferenciação entre o humor e a ironia, percebemos que ambos são formas de o sujeito lidar com o real e deste se defender, o primeiro, por sua vez, é uma forma de fazer semblante e de defesa diante do real.

6.3 A Queda dos Semblantes: O Confronto com O Real do Corpo e da Morte

A beleza é valorizada pela cultura por meio da arte em geral e contemplação e da exploração dos corpos humanos. O objeto belo se expõe a fim de ser capturado pelo olhar do Outro. Para a psicanálise, a beleza é um semblante, algo que recobre o real da morte, por isso tem a função de tratar do mal-estar. No *Seminário8: A transferência*, Lacan (1992, p. 15, grifo nosso) sugere que a beleza é um véu que recobre o real, ou seja, a beleza como um semblante. Vejamos sua afirmação sobre a função da beleza:

> Este ponto de referência, designei- o adequadamente como sendo o da beleza, na medida em que esta adorna, ou melhor, tem por função constituir *a última barreira antes do acesso à coisa última, à coisa mortal*, nesse ponto em que a meditação freudiana veio fazer sua última admissão sob o termo pulsão de morte (LACAN, 1992, p. 15, grifo nosso).

No caso de Bauby, especificamente quanto à perda do lugar do sujeito causada pela perda do semblante da beleza, o sujeito foi reduzido à posição de um objeto olhado e gozado pelo Outro. Lacan, sobre o efeito do olhar, nos diz: "Não é fácil definir o que é um olhar. Esta chega a ser uma questão que pode muito bem sustentar e devastar uma existência" (LACAN, 2008. p. 245).

Em *O escafandro e a borboleta* (BAUBY, 1997), vemos que a saída para a existência não ser devastada pelo olhar acontece pelo humor e pelo trabalho de escrita no qual o sujeito ri de si mesmo, embora, em alguns momentos do livro, não haja motivo para se rir da tragédia. O que restam são as lágrimas invisíveis ao olhar do outro, no silêncio solitário do escafandro.

Observemos como ele lida com o olhar do outro depois do AVC:

> Ninguém realmente presta atenção em mim. Em Bercky a cadeira de rodas é tão banal quanto uma Ferrari em Mont-Carlo, e por todos os cantos cruza-se com pobre-diabos do meu tipo, desengonçados e chiantes (BAUBY, 1997, p. 92).

A escritura da obra servia como um tratamento dado ao real: corpo flácido e desarticulado; não conseguia engolir a própria saliva; alimentava-se por meio de sonda; sofria de distorção sonora; não emitia o som da própria voz; não se mexia, não tomava banho sozinho e exalava odor desagradável. Assim com sua imagem desfigurada e feia, perdido o semblante da beleza, descobriu a escrita como saída para obter o reconhecimento do Outro e, mais que isso, continuar com um lugar de fala e gozar do corpo e da vida. Ao mesmo tempo Bauby observava que os pacientes do setor de neurologia provocavam entre si desconforto e mal-estar pelo estado da

aparência. Os pacientes graves de neurologia confrontavam o outro com o real do corpo e o real da morte. Eis a defesa de não olhar para eles.

Por meio do sistema de alfabeto por ele utilizado, Bauby mantinha o desejo de sair do escafandro e movimentar-se, escrever, compor a nova escrita da vida com o que lhe restava, o possível: o movimento da fenda palpebral, o qual funcionou como a janela para o outro e para o mundo, resultante do esforço de recompor a imagem de si e da própria história, mobilizado pela fantasia de realizar as viagens de caderno imóvel ─ metáfora para nomear o aprisionamento do corpo. No filme e no livro, ele comenta que ficou em dúvida entre três títulos para a obra, são eles: *A panela de pressão, O olho e O escafandro e a borboleta*. Este, mostra as duas dimensões paradoxais: uma, a dificuldade de movimentar-se, a lentidão, o aprisionamento e encapusulamento da beleza; a outra, a leveza e a imobilidade.

A borboleta representa o desejo, a leveza e a mobilidade. Essa nomeação permite o recobrimento do real pelo significante; mostra-nos não existir o Outro do Outro. Diante do confronto com a inconsistência do Outro, resta a fantasia como suporte de um desejo. Nesse sentido, Bauby se reinventa diante da inexistência do Outro, da queda das certezas. A escrita subverteu a realidade do AVC. Tal rebeldia da escrita funcionou como defesa diante da verdade do quadro clínico de *locked-in syndrome*, ou seja, Bauby, mediante a escrita, parecia de certo modo, livre apesar do limite do corpo.

Lacan, no *Seminário 18: De um discurso que não fosse semblante*, conclui que o discurso tenta recobrir a verdade; contudo não existe verdade sobre a verdade. A função do semblante é de defesa frente ao real "Tudo que é discurso só pode dar-se como semblante, e nele não se edifica nada que não esteja na base do que é chamado de significante. Sob a luz em que hoje o produzo hoje para vocês, o significante é idêntico ao status como tal do semblante" (LACAN, 2009, p. 14). Assim, o semblante é um véu, uma imagem que recobre o vazio; dessa forma, o falo, o Nome-do-Pai e o significante são nomes do semblante.

Camargo (2009), no artigo *Semblante e verdade*, observa que o conceito de semblante foi formulado por Lacan na década de 1970, logo após o seminário sobre os quatro discursos. A estrutura do discurso, lembra-nos Camargo, é uma forma de fazer laço e lidar com o Outro, o qual fornece lugar e desejo ao sujeito. A propósito, "Um sujeito só pode ser produto da articulação significante. O sujeito como tal nunca domina essa articulação, de modo algum, mas é propriamente determinado por ela. Um discurso, por natureza, faz semblante [...]" (LACAN, 2009, p. 18). Bauby, por intermédio da bateria significante, do trabalho de escrita, fez semblante para lidar com a relação sexual que não existe.

6. 4 Da Voz *em Off* à Palavra Escrita: Uma Travessia da Angústia para as Baforadas de Felicidade

Lacan (2007), no *Seminário 23: O sinthoma*, demonstra que o trabalho de escrita decompõe a fala e, com isso, dá um tratamento ao *parasita falador*, ao nosso aparelho de gozo. Quando a voz está *off*, resta a escrita. No caso de Bauby, percebemos, a escrita exerceu a função de amarração, já que o protegia da invasão do imaginário num corpo que se esvaia, estava amorfo e sem beleza.

Segundo Lacan (2003, p. 515), "É o real que permite efetivamente aquilo em que consiste o sintoma, ou seja, um nó de significantes. Atar e desatar que aqui não são apenas metáforas, mas a serem apreendidos como os nós que realmente se constroem ao formarem uma cadeia com a matéria significante". Lacan nos esclarece que o confronto com o real promove novo arranjo subjetivo; do confronto com o real sempre nos resta um objeto. Por isso arriscamo-nos a afirmar que o confronto com o real do corpo e o real da língua fizeram o *falasser* criar nova forma de gozar do corpo e da vida, mediante o piscar do olho, que se tornou um órgão de gozo. A fantasia de ser borboleta, proporcionou o desejo de viver e suportar a vida, de suportar as perdas sofridas pela contingência do AVC e um lugar para falar de si.

Miller (2012, p. 44), em *Os seis paradoxos do gozo*, declara "Sempre é o corpo próprio quem goza, por qualquer que seja o meio". Diante dessa afirmativa, ousamos dizer: Bauby gozava do corpo por intermédio do piscar do olho esquerdo; era o testemunho do corpo falante. A substância gozante se rebelava contra o saber e contra a verdade e insistia em se escrever.

A escrita constitui-se no dizer do Um, da própria interpretação e solução do acontecimento AVC do corpo falante. Por um lado, o AVC, ou a *locked-in syndrome* surgiu de uma contingência; por outro, nele o sujeito encontrou a forma de gozar do corpo e da vida, a escrita. Ele inventou. Construiu do vazio uma obra escrita, recorrendo ao humor, para ser sujeito, gozar do corpo e recompor a própria imagem a fim de se certificar de que ele ainda estava presente.

Brodsky (2016) salienta que a imagem dá um tratamento ao gozo pelo corpo e sobre este tem efeitos de gozo. A fantasia de ser borboleta permitiu ao sujeito compor nova imagem, com a qual ele apresentava um saber fazer, além de ela não se deixar prender e se encapsular pelo escafandro.

A bateria significante ─ borboleta e redator-chefe ─ surgem como protesto super egoico para preservar o eu diante dos significantes mortíferos: papagaio sem voz, ave de mau agouro, legume, aquele que enfeia a paisagem, inválido, *locked-in syndrome*, voador de asa quebrada, espantalho, estátua, carcaça, Sr. Nortier, estátua, mumificado, medusa, paralítico, fiapo de pai,

zumbi, pobre diabo, vitrificado. Esses significantes representavam o sujeito para outro significante que não dava conta do *falasser*, já que há sempre um ponto impossível de dizer. Conforme já sabemos, nenhum significante é eterno. O ser do sujeito resultou de escrita e o significante "borboleta" tornou-se uma fantasia que permitiu um saber fazer com a outra imagem corporal (LACAN, 1985).

Talvez nos seja permitido acrescentar que, para Laurent (2016), há três modos de identificação: a identificação ao pai, a histérica, que se volta ao sintoma do outro, e aquela em que se constrói um traço por meio do sintoma. No caso de Bauby, o significante "borboleta" permitiu a identificação ao singular do sujeito, ao surgimento de um corpo fora do corpo. Vejamos o ensinamento de Lacan:

> O corpo, a levá-lo a sério, é, para começar aquilo que pode portar a marca adequada para situá-lo numa sequência de significantes. A partir dessa marca, ele é suporte da relação, não eventual, mas necessária, pois subtrair-se dela continua a ser sustentá-la (LACAN, 2003, p. 407).

Quanto ao trabalho de escrita, Bauby lidava com aquilo que recebia do Outro ─ no caso, o diagnóstico do AVC. Era uma forma de servir-se do discurso e produzir um novo. Cabe recordar que a escrita foi construída em parceria com Claude Mendibil, que assumira a função de porta-voz e tradutora de Bauby, no trabalho de secretariar as anotações. Assim ele descreve o trabalho em parceria:

> Com os cotovelos sobre a mesa rolante da escrivaninha, Claude relê estes textos que vimos extraindo pacientemente do vazio todas as tardes, há dois meses. Sinto prazer em rever certas páginas. Já outras nos decepcionam. Juntando tudo dá um livro? (BAUBY, 1997, p. 138).

A escrita de Bauby convém ressaltar ainda, foi uma experiência do testemunho no sentido de escrever para o outro e para ele mesmo, sobre esse impossível de suportar a perda da autonomia, dos semblantes. O autor transformou o que parecia impossível: continuar vivo, investir na vida. O corpo falante possibilitou a escrita. O texto autobiográfico revela em capítulos o que foi para Bauby ─ um escritor jornalista de 43 anos no auge da carreira profissional ─ ter sido acometido por um AVC, fica paralisado e dependente da ajuda de aparelhos para manter-se vivo. Como vimos anteriormente, tal escrita foi uma defesa para preservar o eu.

O trabalho de Bauby constituía-se de escrita e leitura de si próprio. Durante a internação no hospital, ele recebia correspondência de amigos e familiares a qual eram lidas em conjunto com Claude Mendibil, conforme mencionamos no primeiro capítulo. "À parte alguns irredutíveis que mantêm um silêncio obstinado, todos entenderam que é possível encontrar-se comigo

em meu escafandro, ainda que ele me leve para os confins de terras inexploradas" (BAUBY, 1997, p. 89). Quanto à leitura das cartas recebidas, esse ato trazia-lhe alívio e contentamento ─ para ele "baforadas de felicidade*"*.

O que fez Bauby quando o Outro já não o escutava? O que fez diante do olhar de compadecimento e piedade do Outro? Ele não silenciou. E, tal qual um piloto aventureiro, destemido em terras estrangeiras, servindo-se do outro, a fim de não se perder no deserto do silêncio e na solidão do escafandro, criou uma obra. Assim, inventou uma abertura, uma fenda, para não se fechar para o mundo.

Qual a relação entre o corpo e a escrita nesse caso? A escrita autobiográfica possibilitou a tessitura de novo corpo que Bauby construiu fora do corpo, com base na obra. Mediante um fiapo simbólico, conseguiu manter-se desejante com fantasia e despertar nele o desejo de escrever nova vida. Para tanto, recorreu ao significante *borboleta,* o qual deu um tratamento de gozo ao corpo, e à escrita, que possibilitou o acesso ao gozo da palavra. Dessa forma, ele demonstrou, que não se tornou um *legume*.

> Se eu quisesse provar que meu potencial intelectual continuava sendo superior ao de um *salsão*, tinha de contar só comigo mesmo. Assim nasceu uma correspondência coletiva que prossigo mês a mês, e que me permite estar sempre em comunhão com as pessoas de quem eu gosto (...) todos entenderam que é possível encontra-se comigo em meu escafandro, ainda que às vezes ele me leve para os confins de terras inexploradas (BAUBY, 1997, p. 89, grifo nosso).

Bauby, secretariado por Mendibil, lia as cartas, escrevia e atendia os telefonemas. Como um copiloto, Mendibil era uma testemunha da visão do território sombrio, solitário e sem sentido do escafandro. Parceira de trabalho, instrumento fiador da linguagem, ela, juntamente com ele, tornou possível a tessitura de uma escrita letra a letra ─ fiapos de palavras que lhe restavam ─ para revestir o real do corpo e o real da morte. Ele a nomeou de "anjo da guarda" ─ metáfora que ressalta a importância dela para ele não se perder no escafandro.

> Muitas vezes me pergunto que efeito esses diálogos de mão única exerce sobre meus interlocutores. A mim, transtornam. A esses telefonemas carinhosos eu gostaria tanto de não responder só com o silêncio. Que para algumas pessoas aliás é insuportável. A doce Florence não fala enquanto eu não respirar ruidosamente junto ao fone, que Sandrine mantém colado à minha orelha: "Jean-Do, você está aí?" pergunta Florence inquieta no outro lado da linha. Devo dizer que de vez em quando já não tenho muita certeza. (BAUBY, 1997, p. 45).

Como nos ensina Lacan (2007), diante do real, o sujeito tem duas opções: tentar recuar por meio de atuações ou inventar. Bauby, mesmo angustiado e com medo, inventou uma saída para lidar com o escafandro: confrontar o real, não recuar. Assim, a escrita permitia manter

relação com o mundo e laço com o outro. Dessa forma, ele construiu um lugar para ser sujeito, apesar da contingência, tornando-se escritor. Este caso, possibilitou-nos conhecer e analisar outros que colocam em questão o corpo falante. Por meio deles, podemos constatar que, por mais que a fala silencie e vacile, há uma voz que não se deixa silenciar, um corpo vivo falante a se revelar e se rebelar diante da contingência.

O testemunho demonstra, por um lado, que Bauby sobreviveu ao *locked-in syndrome*, por outro, teve o corpo biológico extremamente danificado, marcado por uma série de perdas e paralisia, ponto sem retorno na sua vida o qual o tornou prisioneiro do próprio corpo. Restou-lhe, então, a experiência do testemunho escrito, do que lhe era possível, como ser de desejo, reescrever a própria história.

Pelo exposto, podemos extrair um saber, enumerando alguns achados. Em primeiro lugar, a existência do corpo vivo não garante a existência do desejo e da subjetividade. Bauby demonstrou que o corpo de desejo é para psicanálise, o corpo falante; mesmo sem aparente fala e voz, mostrou-se ser conduzido pela pulsão. Apesar da grave paralisia, essa dimensão do corpo falante, do ecoar da pulsão, por meio do significante, não se perdeu. Restou-lhe, então, a escrita, um saber fazer com a língua por meio da escrita, por isso ele pôde mostrar que estava consciente e desejante. Em segundo, apesar do AVC, foi possível gozar do corpo: a fenda palpebral do olho esquerdo tornou-se órgão de gozo; ele sentia satisfação na repetição do movimento. Por fim, diante da tragédia e do confronto com o real, ele se utilizou de algumas defesas ─o humor, a fantasia e a escrita ─ para lidar com o real do corpo e a “solidão forçada”. Outro aspecto não menos importante: tratava-se de uma escrita de si mesmo; ele escreveu tanto para o outro e para si como forma de gozar do corpo e da vida.

7 MOMENTO DE CONCLUIR

Caro leitor, eis aqui o resultado de alguns anos de questionamentos, pesquisa e escrita. Nesta seção, expomos o que extraímos do caso clínico objeto de nossa investigação.

O caso de Bauby nos impulsiona a refletir sobre a clínica e a direção do tratamento, em especial, ao portador de AVC. Então, indagamos: há um lugar no tratamento que considere a dimensão da subjetividade desses sujeitos? De que maneira é abordado o sofrimento decorrente do acontecimento AVC? Aqui no Brasil, especificamente, no Rio de Janeiro, e na França, já se demonstrou ser possível escuta voltada a tais sujeitos e familiares. Entretanto, como vários profissionais atuam nos casos em questão, corre-se o risco de o profissional psi ser tomado como mais um da série.

Questionamos: o que seria de Bauby, se não houvesse a aposta e a escuta de Sandrine, a ortofonista, que, ao percebê-lo como sujeito, tornou possível a interação, e uma invenção por meio do piscar do olho esquerdo? Tal ocorrência mostra a importância de todos os profissionais que lidam, direta ou indiretamente, com o portador do AVC, no sentido de tomarem como sujeito singular. Ao abordá-lo, cada profissional, deve primar pela fala dirigida a ele. Especificamente, os profissionais de saúde em suas práticas e rotinas de trabalho procurem não reduzí-lo a um portador de AVC─ corpo amorfo e doente a ser higienizado, medicado e exercitado. É preciso pensar além dessa dimensão, para que o sujeito não seja mortificado e o desejo continue, uma vez que, por meio da experiência psicanalítica dos efeitos e manejo da transferência, da suposição de um saber, podemos colher efeitos no sentido de possibilitar que o sujeito se mantenha desejante e produza algo.

Conforme já vimos no decorrer dessa tese, para a psicanálise, a imagem do corpo é o primeiro elemento a nos constituir como sujeitos de desejo; servimo-nos do corpo para viver, amar e desejar. Na nossa investigação, destacamos, houve por parte da equipe um desejo de melhora dirigido a Bauby, por exemplo, a fonoaudióloga Sandrine empenhava-se em recuperar a sonoridade do aparelho fonador; Brigitte, a fisioterapeuta, fazê-lo movimentar-se. Isso de alguma forma, repercutiu no sujeito, tanto que ele, respondeu como foi possível, por meio da escrita, humor, fantasia e construção de uma obra.

Embora, muitas vezes, o discurso da ciência tente padronizar o tratamento, seguindo protocolos e condutas, a intervenção ao se intervir no corpo biológico, cabe a nós, profissionais da área psi, advertir e mostrar a importância da escuta daquele que sofre, com isso tornando a escuta como um instrumento, integrante da direção do tratamento, pois o corpo fantasmático está além da dimensão biológica.

Ademais, convém lembrar, no nosso corpo habita o “parasita falador”, que não silencia, logo, faz-se necessário considerar a dimensão da linguagem, já que o sujeito aparece na enunciação.

Esta investigação nos ensinou que não há pesquisa sem desejo. Isso nos fez deixar conduzir pelo enigma apresentado por Bauby, nas *viagens de caderno imóvel*. Deixando de ser o editor de revista de moda *Elle*, ocupado antes do AVC, tornou-se escritor e autor de uma obra, elaborada em conjunto pelas mãos de uma mulher, Mendibil. Com isso, houve a possibilidade de ser revisto, por meio de uma parceria sinthomática.

Para Lacan o real é a forçação de uma nova escrita, nessa perspectiva nasceu a obra de Bauby: *O escafandro e a borboleta.* Uma obra que traz no título uma antítese: ora escafandro, ora borboleta. E com isso, apresenta o paradoxo do movimento e da paralisia. Bauby diante da surpresa e do horror ao se descobrir de uma hora para outra, portador de uma síndrome rara, passou a ter o corpo paralisado, “a voz em off ” e o movimento do corpo reduzido a um piscar do olho. Do corpo a um olho. Diante da contingência do AVC, elaborou uma solução, por meio da qual foi possível resgatar a vivacidade e a fluidez do desejo, por meio da escrita, humor e fantasia (usando as lembranças, já que a memória foi preservada).

A escrita de Bauby é um esforço de elaboração, trabalho do luto diante das perdas. Algumas indagações percorrem implicitamente o texto expondo o drama por ele vivido: a vida e a morte. Estou vivo ou estou morto? ─ questionamento que atravessa a escrita irônica. Transformando a tragédia em comédia e diante de situação esdrúxula de extrema paralisia não se paralisa, não se entregou, passou a escrever. Seria possível desfrutar da vida na nova condição? De que forma? Ele segue em frente.

O corpo não fala, tal como propõe Miller (1998), mas que ele é usado para falar. Sobre essa dimensão do falante que habita o corpo esclarece Lacan (2003, p. 535): “Quanto ao sujeito do inconsciente ele engendra sobre o corpo. ” Isso percebemos em Bauby, quando usou o olho para falar.

Estamos conscientes de não termos explorado vários outros assuntos, associados aos desafios vivenciados pelos portadores de AVC, como, por exemplo, os cuidados paliativos, o trabalho do luto realizado tanto por ele, como pela família do portador, o manejo clínico com a família, a relação médico-paciente, a relação com a equipe de saúde, as reações dos profissionais diante da nova imagem corporal, o lugar desses sujeitos ocupado no hospital. E ainda: o uso da arte no tratamento, a relação entre depressão, demência e AVC e o desafio do diagnóstico diferencial. Mas, pela imposição da escolha, de escassez da literatura e pela necessidade de adequação temporal, não os desenvolvemos, o que reforça a necessidade de futuras pesquisas.

A clínica do portador de AVC, com certeza, pode mostrar como cada falante constrói solução única para se manter vivo e desejante.

Uma tese como um produto inacabado, há sempre um ponto a mais a ser melhor trabalhado e esclarecido, tal como menciona Lacan há sempre um furo no saber. Nesse sentido, essa tese não é exceção. O resultado apresentado até aqui é aquilo que nos foi possível para esse momento da pesquisa. Mas, por outro lado, novos questionamentos nos inquietam e mobilizam a pensar sobre a clínica do AVC, como sendo uma clínica que mostra a dimensão da invenção do falante, como também permite refletir sobre o manejo clínico para a direção do tratamento, no sentido de garantir um lugar de fala para o portador de AVC.

Outro saber podemos extrair, do caso de Bauby: a existência do corpo vivo não garante a existência do desejo; faz-se necessária a consciência e o corpo libidinizado marcado pela língua do Outro. O piscar do olho esquerdo, órgão de gozo, permiti-lhe continuar investindo na vida, e, em seu saber fazer com a língua, criou uma obra escrita, recorrendo à atitude humorística, à fantasia para lidar com a angústia e manter o desejo de viver.

O caso de Bauby mostra como cada falante possui no saber fazer diante da contingencia, seja ele artista ou não. Ele cavou um novo lugar para ser sujeito, e um novo nome, movido pelo desejo decidido de escrever, e com isso fez uma composição da imagem corporal e se sustentou na fantasia de ser borboleta e vaguear por novos territórios. Diante do real: há uma saída, leiamos essa indicação nas palavras de Bauby.

> Esse espetáculo me deixa desamparado e pensativo. Haverá neste cosmo alguma chave para destrancar o meu escafandro? Alguma linha de metrô sem ponto final? Alguma moeda suficientemente forte para resgatar minha liberdade? É preciso procurar em outro lugar. É para lá que eu vou (BAUBY, 1997, p. 139).

Quando não é possível falar, resta a escrita. Segundo Miller (2015), o corpo não garante a existência do sujeito, mas por meio dele gozamos da vida. Bauby, usa o próprio olho para abrir as portas do escafandro, quando o transforma num instrumento de escrita. “Claro que o corpo não é feito só para sofrer, mas para sofrer e gozar. Na inocência do sofrimento como na inocência do gozo, o corpo se realiza, vulnerável e solene” (DRUMMOND, 2002, p. 1419).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz:** o arquivo e a testemunha. São Paulo: Boitempo, 2008.

ALBERTI, S. **O adolescente e o Outro.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

ALEKSIÉVITCH, S. **Vozes de Tchernóbil**: a história oral do desastre nuclear. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ANSERMET, F. Da psicanálise aplicada às biotecnologias, e retorno. **Latusa Digital,** Rio de Janeiro, v. o, n. 1, p. 1-11, ago. 2003.

_____. Medicina e Psicanálise: elogio do mal-entendido. **Opção Lacaniana Online:** revista brasileira internacional de psicanalise, São Paulo, v. 5, n, 13, p. 1-5, mar. 2014. Disponível em: < http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_13/Medicina_e_psicanalise.pdf >. Acesso em 28 de Mar. 2017.

AROMÍ, A. A queda do caso**. Correio:** revista da escola brasileira de psicanálise, São Paulo, v. 79, p. 65-70, 2016.

BARBOSA, A. **Além do corpo:** uma experiência em arte/educação. São Paulo: Cortez, 2014.

BARROSO, S. Mãe simbólica e função da mãe. **Revista Curinga,** Belo Horizonte, v. 40, p. 59-72, out. 2015.

BASSOLS, M. O corpo falante**.** In: SILICET**:** O corpo falante - Sobre o inconsciente no século XXI. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016.

BATISTA, M.; PRADO, A. É possível ser feliz sem o Outro? A lição de Joyce, o sinthoma. **Opção Lacaniana Online**: revista brasileira internacional de psicanalise, São Paulo, p. 1-8. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/antigos/pdf/artigos/mdboutro.pdf>. Acesso em: 25 de março de 2017.

BAUBY, J. D. **O escafandro e a borboleta**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BERTA, S. **Escrever o trauma:** de Freud a Lacan. São Paulo: Annablume, 2015.

BLANCARD, M. H. A invenção de uma escrita. **Revista Correio:** revista da escola brasileira de psicanálise**,** São Paulo, v. 64, p. 41-47, 2009.

_____. O real como impossível de dizer**. Opção Lacaniana Online:** revista brasileira internacional de psicanalise, São Paulo, v. 4, n. 12, p. 1-7, nov. 2013. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_12/o_real_como_impossivel_dizer20.pdf >. Acesso em: 29 de março 2017.

BLANCHET, R. Fala (e gozo da fala). In.: SCILICET: O corpo Falante - Sobre o inconsciente no século XXI. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada. **Manual de rotinas para atenção ao AVC**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Especializada. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013a.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com acidente vascular cerebral.** Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2013b.

BRANDÃO, J. Midas. In: **Dicionário mítico-etimológico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

BRODSKY, G. Meu corpo e eu. **Revista Cult**, São Paulo, v. 19, n. 211, p. 7, abr. 2016.

_____. A psicanálise como sintoma. In: MILLER, J. A. (Org.). **O sintoma-charlatão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BROUSSE, M. H. **Corpos lacanianos: novidades contemporâneas sobre o estádio do espelho. Opção Lacaniana Online:** revista brasileira internacional de psicanalise, São Paulo, v. 5, n. 15, p. 1-17, nov. 2014.

_____. O que é uma mulher? Entrevista com Marie-Hélène Brousse. Latusa Digital, Rio de Janeiro, v. 9, n. 49, não paginado, jun. 2012. Disponível em: < http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_49_a1.pdf >. Acesso em: 19 maio 2017.

CALDAS, H. **Da voz à escrita**: clínica política e literatura. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.

_____. Trauma e linguagem: acorda. **Opção Lacaniana Online:** revista brasileira internacional de psicanalise, São Paulo, v. 6, n. 16, p.1-13, mar., 2015. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/nranterior/numero16/texto5.html>. Acesso em: 21 de maio de 2017.

CALLIGARIS, C. **Introdução a uma clínica diferencial das psicoses**. 2. ed. São Paulo: Zagodoni, 2013.

CAMARGO, C. Semblante e Verdade. **Latusa Digital**, Rio de janeiro, v. 6, n. 37, p. 1-4, jun., 2009. Disponível em: <http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_37_a3.pdf>. Acesso em 19 de Mar. 2017. 2009.

CAMPOS, S. O passe e a formação do analista no século XXI. **Revista Correio**: revista da escola brasileira de psicanálise - o ensino do passe: testemunhos sobre a época**,** São Paulo, v. 74, p. 24-25, 2014.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

CARETTO, S. Acontecimento. In.: SCILICET: O corpo Falante – Sobre o inconsciente no século XXI São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016.

CONTÉ, C. **O real e o sexual:** de Freud a Lacan. Rio de Janeiro. Ed.1995.

CUNHA, L.; MACHADO, O. Rumo ao corpo falante. **Revista Cult**, São Paulo, Dossiê 211, v. 19, abril 2016.

CLAVURIER, V. Real, simbólico, imaginário**:** da referência ao nó. **Revista Estudos de Psicanálise.** Belo Horizonte, V. 39, p. 135-136, jul., 2013. Disponível em: <http://www.cbp.org.br/n39a15.pdf>. Acesso em: 21 de maio 2017.

DEL NERO, L. B. C . A arte, o orifício, o ofício e o artifício da escrita: pontuações sobre o Sinthome. In.: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 3, E CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 9, 2008, Niterói (RJ). Anais ..., Niterói: [s.n.], p. 1-8. Disponível em: <http://www.fundamental-psychopathology.org/uploads/files/iii_congresso/temas_livres/a_arte_o_roficio_o_oficio_e_o_artificio_da_escrita.pdf>. Acesso em: 16 mar. de 2017.

DOLLFUS, P. et al. **The locked-in syndrome:** a review and presentation of two chronic cases. Arq. Neuro-Psiquiatria, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 296-300, set., 1982. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anp/v40n3/13.pdf>>. Acesso em: 20 de Mar. 2015.

DUMAS, A. **O Conde de Monte Cristo**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

DURAS, M. **A dor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, N. P. Literatura como escrita e como fala. In.: COSTA, A.; DORIS, R. **Escrita e psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007.

FONTE, R. Fitness (Cuidar do corpo/ tratar o corpo). In: SCILICET: O corpo falante - Sobre o inconsciente no século XXI. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016.

FORBES, J. **Inconsciente e responsabilidade:** Psicanálise do século XXI. Baueri, SP: Manoele, 2012.

FORBES, J; RIOLFI, C. (Org.) **Psicanálise:** a clínica do real. Barueri: Manoele, 2014.

FREUD, S. **Sobre a concepção das afasias**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____. A interpretação dos sonhos I (1900). In.:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v. 4.

_____. A interpretação dos sonhos II (1900). In.:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v. 5.

_____. Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905). In.:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996p. v. 8.

_____. Delírios e Sonhos na *Gradiva* de Jensen (1907). In.: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v. 9.

_____. Romances familiares (1907). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. v. 9.

_____. Escritores criativos e devaneios (1908).In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. v. 9.

_____. Notas psicanalíticas sobre um Relato autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia Paranoides) (1911). In.: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. v. 12.

_____. Recomendações aos jovens que exercem a psicanálise (1912). In.:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996g. v. 12.

_____. Sobre o narcisismo uma introdução (1914). In.:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996q. v. 14.

_____. Observações sobre o amor transferencial (1915). In.:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996r. v. 12.

_____. Conferência XVIII, Fixação em Traumas – O Inconsciente (1916). In.:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996x. v. 16.

_____. Conferência XXIII, O sentido do sintoma (1916). In.:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996s. v. 16.

_____. Luto e Melancolia (1917). In.: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** . Rio de Janeiro: Imago, 1996t. v. 14.

_____. Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917). In.:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996u. v. 17

_____. O estranho (1919). In.:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996i. v. 17.

_____. Além do princípio do prazer (1920). In.:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996j. v. 18

_____. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In.:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996l. v. 18.

_____. Inibição, sintoma e angústia (1926). In.:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996m. v. 20.

_____. O Humor (1927). In.:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996n. v. 21.

_____. O mal-estar na civilização (1930). In.:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996o. v. 21.

_____. Moisés e o monoteísmo (1939). In.:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996v. v. 23.

FREUD, S; ANDREAS-SALOMÉ, L. **Correspondência Completa**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

GALLANO, C. "Não sou paranóico". In.: MILLER, J. A. **O sintoma- charlatão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GAUDÊNCIO, O. E. Lógica do diagnóstico clínico.In: BRASILEIRO, F. (Org.) **Semiologia médica ao exame físico especializado**. Campina Grande: Epgrafe, 2016.

GEREZ-AMBERTÍM, M. Humor negro e supereu**.** In: _____. **As vozes do supereu.** Porto Alegre: EDUCS, 2003.

GOLDFARB, D. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

GRECO, M. Os espelhos de Lacan. **Opção Lacaniana Online:** revista brasileira internacional de psicanalise, São Paulo, v. 2, n. 6. P. 1-13, nov. 2011. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_6/Os_espelhos_de_Lacan.pdf>. Acessa em: 17 ago. 2014.

GROEN, H. **Tentativas de fazer algo da vida.** São Paulo: Planeta, 2016.

GUERRA, A. et al. **Sujeito e invenção:** a topologia borromeana na clínica das psicoses. **Ágora:** Estudos em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 283-297, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v11n2/a08v11n2.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2014

KUPERMANN, D. Humor, desidealização e sublimação na psicanálise. **Revista Psic. Clin,** Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 193–207, 2010. Disponível em: <scielo.br/pdf/pc/v22n1/a12v22n1.pdf>. Acesso em: 20 Jul 2017.

LACADÉE, P. **O despertar e o exílio:** ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

LACAN, J. **O seminário – livro 01 (1953-54):** os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. **O seminário – livro 02 (1954-55):** O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010

_____. **O seminário 3 (1955-56):** As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. **O seminário 5 (1957-58)**: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro, Jorge Zahar: 1999.

_____. **O seminário - livro 06 (1958-59):** o desejo e sua interpretação (1958-1959). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

_____. **O seminário – livro 8 (1960-61)**: A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. **Aidentificação (1961-62)**. Recife: Publicação não comercial de circulação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003f.

_____. **O seminário – livro 10 (1962-63)**: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **O seminário - livro 11 (1964):** os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998c.

_____. **O seminário – livro 16 (1968-69):** de um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **O seminário – livro 17 (1969-70):** o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. **O seminário livro 18 (1971):** de um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **O seminário – livro 19 (1971-72):** ... ou pior. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

_____. **O seminário – livro 20 (1972-73):** mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. **O seminário – livro 23 (1975-76):** o Sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. O estádio do espelho como formador do Eu (1949). In.:_____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998f.

_____. Função e campo da fala e da linguagem. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998a.

_____. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b.

_____. Posição do inconsciente (1960). In.: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998e.

_____. A ciência e a verdade (1966). In.: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998d.

_____. O engano do sujeito suposto saber (1967). In.: _____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a.

_____. Radiofonia (1970). In.: _____. **Outros escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b.

_____. Joyce, o sintoma. In.: _____. **Outros Escritos** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003c.

_____. Nota sobre a criança. In.: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003d.

_____. A lógica da fantasia. In.: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003e.

_____. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In.: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003g.

_____. O Aturdito. In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003h.

_____. **O Simbólico, Imaginário e Real**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005b.

_____. **Meu ensino**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. **O mito individual do neurótico ou, A poesia e verdade na neurose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LAURENT, E. O que nos ensinam os autistas. In: MURTA, A.; CALMON, A.; ROSA, M. (Org.). **Autismo(s) e atualidade:** uma leitura lacaniana. Belo Horizonte. Scriptum Livros, 2012.

_____. **O avesso da biopolítica:** uma escrita para o gozo. Rio de Janeiro: Contracapa, 2016.

LA SAGNA, P. Haun. In.:_____. **Leituras do Seminário 19... ou pior, de Jacques Lacan**. Boletim da Escola Brasileira de Psicanálise. [S.l.:s.n.]. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/haun>. Acesso em: 06 de dezembro de 2013.

LEVI, P. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **A trégua**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LIMA, C. **Primeira Clínica x Segunda Clínica.** [S.l.:s.n.], 2013. Disponível em: <http//clinicalacaniana.blogspot.com.br/2013/04/primeira-clinica-x-segunda-clinica.html>. Acesso em: 08 de maio de 2017.

LOPES, G. S. **Destino e Semblante**. **Revista Correio**: revista da escola brasileira de psicanálise, São Paulo, v.1, n.1, p. 27-29, 2010.

MACEDO, L. **Primo Levi**: a escrita do trauma. Rio de Janeiro: Subversos, 2014.

MACHADO, O. Efeitos terapêuticos rápidos da psicanálise. In: MACHADO, O.; GROVA, T. **Psicanálise na Favela - Projeto Digaí-Maré**: a clínica dos grupos. Rio de Janeiro: Associação Digaí-Maré, 2008.

MACHADO, O.; DEREZENSKY, E. (Org.). **A violência**: sintoma social da época. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2013.

MAIA, M.; CALDAS, H. O amor como semblante. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 63, n. 3., p. 107-116, 2011.

MALISKA, M. E. Do traço ao laço: a escrita na psicanálise como tentativa de fazer do traço real um laço simbólico. In.: SIMPÓSIO SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: Educação

Básica: desafios frente às desigualdades educacionais, 5., 2013, Santa Catarina. **Anais....** Santa Catarina: [s.n.], 2013. Disponível em: <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/simfop/artigos_v%20sfp/Maur%C3%ADcio_Maliska.pdf.> Acesso em: 05 nov. 2017.

MANDIL, R. Como você vê a função política própria dos AEs?. **Revista Correio:** revista da escola brasileira de psicanálise, São Paulo, n. 74, 2014.
_____. Psicanálise de uma nota só**:** em um outro tom. **Opção Lacaniana:** revista brasileira internacional de psicanálise, São Paulo, n. 70, p. 109-114, jun. 2015.

MANNONI, M. **A criança retardada e a mãe**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MANZI, R. F. . Então, vocês terão entendido Lacan?. **Revista Cult**, São Paul, - edição especial - Jacques Lacan além da clínica, São Paulo, v. 8, ano 20, p. 46 - 48, jan. 2017.

MARON, G. et al. (Org.) **Caminhos de estabilização na psicose.** Rio de Janeiro: Subversos, 2011.

MASOTA, O. **O comprovante da falta:** lições de introdução à psicanálise. Campinas: Papirus, 1987.

MEZAN, R. **Escrever a clínica**. São Paulo: Casa do psicólogo, 1998.

MILLER, J. A. Clínica Irônica. In:_____ **Matemas I.** Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

_____. **El partenaire-síntoma**. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2016a.

_____. **Elementos de Biologia Lacaniana**. Belo Horizonte: EBP-MG, 1999.

_____. O método psicanalítico (1997). In: _____. **Lacan Elucidado***:* Palestras no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 221- 258. Originalmente em 1987.

_____. **Perspectivas do seminário 23 de Lacan:** O sinthoma Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. Os seis paradoxos do gozo**. Opção Lacaniana Online:** revista brasileira internacional de psicanalise, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 1-49, mar. 2012. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_7/Os_seis_paradigmas_do_gozo.pdf Recuperado em 10/10/2016.> Acesso em: 16 Março, 2017.

_____. **"A criança entre a mulher e a mãe". Opção Lacaniana Online:** revista brasileira internacional de psicanalise, São Paulo, v. 5, n. 15, p. 1-15, nov. 2014. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_15/crianca_entre_mulher_mae.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2016.

_____. O inconsciente e o corpo falante. In: SCILICET: O corpo Falante – Sobre o inconsciente no século XXI São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016b.

_____. **O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante.** 1 ed. Rio de Janeiro, 2015.

_____. A invenção psicótica. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 36, maio 2003.

_____. Uma leitura do seminário, livro 16: De um Outro ao outro. Motivos do crime paranoico – o crime das irmãs Papin. **Opção Lacaniana:** Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 48, mar. 2007.

_____. Uma leitura do seminário, livro 16: De um Outro ao outro. **Opção Lacaniana:** Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 51, abr. 2008a.

_____. **A imagem do corpo em psicanálise**. **Opção Lacaniana:** Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 52, set. 2008b.

MORAIS, M. Humor e psicanálise. **Estudos de Psicanálise**, Salvador, n. 31, p. 113-123, out. 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n31/n31a14.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2017.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Escrita de uma memória que não se apaga:** envelhecimento e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NASIO, J. D. Que é um caso? In.: _____. **Os grandes casos de psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

O ESCAFANDRO e a borboleta. Direção: Julian Schnabel, [S.l.], 2008.

O HOMEM elefante. Direção: David Lynch. Produção: Mel Brooks, [S.l.], 1980.

O ZERO não é vazio. Direção: Andrea Menezes e Marcelo Masagão, [S.l.], 2005.

PACE, A. A. B. C. Aspectos do pacto autobiográfico em "L'autobiographie en France". **Darandina Revisteletrônica** – Programa de Pós-Graduação em Letras/ UFJF, Minas Gerais, v. 6, n. 1, p. 1-17, jun. 2013. Disponível em <: http://www.ufjf.br/darandina/files/2013/08/artigo_ana-amelia.pdf>. Acesso em: 29 Mar. 2017.

PRATTA, N. O sujeito em movimento: "Um" acidente, "Uma" dança, "Um" corpo. **Opção Lacaniana Online**: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, v. 7. n. 19. P. 1-5, mar. 2016. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_19/O_sujeito_em_movimento.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2016.

QUEIROZ, E. O inconsciente é psicossomático. **Revista Mal Estar e Subjetividade,** Fortaledza, v. 8, n. 4, p. 911-924, dez. 2008. Disponível em: << http:// pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid>>. Acesso em 15 de dezembro de 2013.

_____. **Trama do olhar.** 2. ed. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2014.

QUINET, A. **A descoberta do inconsciente**: do desejo ao sintoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Os Outros em Lacan.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

RAMIREZ, C. Lalíngua. In: SCILICET: O corpo Falante – Sobre o inconsciente no século XXI São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016.

RIBEIRO, M. **O R.I.S.O.**: na clínica das psicoses. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006.

SACKS, O. **O olhar da mente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SAFATLE, V. **A paixão do negativo**: Lacan e a dialética. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

SANTANA, A. Todo caso é único. A psicanálise aplicada nos permite sustentá-lo. In___: **A variedade da prática**: do tipo clínico ao caso único em psicanálise. Terceiro Encontro Americano, XV Encontro Internacional do Campo freudiano Rio de Janeiro: Contracapa, 2007.

SIMONETTI, A. Acontecimento de corpo. In.: MILLER, J. A. **Scilicet**: os objetos *a* na experiência analítica. Associação Mundial de Psicanálise. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

SIQUEIRA, E. **Corpo Escrito:** um estudo psicanalítico sobre nomeações e marcas corporais. Curitiba: Juruá, 2014.

STERNICK, M. O corpo no espelho. **Revista de Psicologia Plural**, Belo Horizonte, n. 35, [não paginado], jan./jul. 2012. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/plural/article/view/1889/1197>. Acesso em: 11 fev. 2014.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papirus, 1994.

VERAS, M. Alteridades lacanianas, a violência entre o Outro e o objeto. In: MACHADO, O.; DEREZENSKY, E. (Org.) **A violência:** sintoma social da época. Belo Horizonte: Scriptum livros, 2013.

VIEIRA, M.; BARROS, R. **Mães.** Rio de Janeiro: Subversos, 2015.

_____. Sobre a voz e a escrita. In: LUTTERBACH, A.; GROVA, T. (org.) **Ao pé da letra:** a escritura na clínica psicanalítica Rio de Janeiro: Subversos, 2014.

_____. **Real, simbólico e imaginário: a trindade infernal de Jacques.** In.: ENCONTRO DO SEMINÁRIO DE MARCUS ANDRÉ VIEIRA – Atrilogia lacaniana, 3., 2009, Rio de Janeiro. Anais... Disponível em: <http://www.litura.com.br/curso_repositorio/rsi___iii___o_real_e_o_jaguadarte_2_edit_1.pdf>. Acesso em: 21de maio de 2017.

_____. **Entrevista Eric Laurent:** o corpo falante: o inconsciente e as marcas de nossas experiências de gozo. Revista Cult, São Paulo, v. 211, n. 19, [p. 38-41], abr. 2016.

VILLARI, R. Relações possíveis e impossíveis entre psicanálise e literatura. **Anuário de Literatura,** Santa Catarina, n. 5, p. 117-129, 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/viewFile/5366/4751>. Acesso em: 10 de Maio de 2015.

WINOGRAD, M. Sollero-de-Campos, Flávia; Drummond, Claudia. O atendimento psicanalítico com pacientes neurológicos. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza v. 8, n. 1,

p.139-170, mar. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-1482008000100008&script=sci_arttext>. Acessado em 10 Mai. 2015.

ZENONI, A. Versões do pai na psicanálise lacaniana: percurso do ensinamento de Lacan sobre a questão do pai. **Psicologia em Revista,** Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 15-26, 2007. Disponível em: <http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20080521171150.pdf.> Acesso em: 2 fev. 2016

_____. Pertinência da clínica diferencial. **Opção lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise**, São Paulo, n. 25, out., p. 30-32. 1999.

ZUCCHI, M. A. **Outro corpo**: inconsciente, sintoma e a clínica do corpo. 1. ed. Petrópolis: KBR, 2015.